UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)/
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO (UFCAT) em implantação
INSTITUTO DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL – PPGH-MP

WANDERLÂNDIA SILVA NEIVA FERNANDES

O SOCIAL NAS PRÁTICAS ESCOLARES: O LETRAMENTO E O ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) EM PARACATU – MG (2012 – 2022)

CATALÃO - GO
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DETESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção cientifica brasileira, a partir desta data. O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromissode que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.
Identificação do material bibliográfico
[x] Dissertação [ ] Tese [ ] Outro*:_____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.
Nome completo do autor
Wanderlândia Silva Neiva Fernandes
Título do trabalho
O SOCIAL NAS PRÁTICAS ESCOLARES: O LETRAMENTO E O ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DEJOVENS E ADULTOS (EJA) EM PARACATU MG (2012- 2022).
Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)
Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [ ] NÃO[1]
[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período,a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:
consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.
Casos de embargo:
Solicitação de registro de patente;
Submissão de artigo em revista cientifica;
Publicação como capítulo de livro;
Publicação da dissertação/tese em livro.

Documento assinado eletronicamente por **Luiz Carlos Do Carmo**, **Professor do Magistério Superior**, em 05/09/2023, às 10:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º doDecreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **WANDERLÂNDIA SILVA NEIVA FERNANDES**, **Discente**, em05/09/2023, às 11:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3953495** e o código CRC **3B3C99DA**.

WANDERLÂNDIA SILVA NEIVA FERNANDES

O SOCIAL NAS PRÁTICAS ESCOLARES: O LETRAMENTO E O ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) EM PARACATU – MG (2012 – 2022)

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História - Mestrado Profissional, Universidade Federal de Goiás (UFG)/Universidade Federal de Catalão em implantação, como requisito para obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: História, Cultura e Formação de Professores.

Linha de pesquisa 2: História, Sociedade e Práticas Educativas.
Orientador: Doutor Prof. Luiz Carlos do Carmo

CATALÃO - GO
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFCAT.

Fernandes, Wanderlândia Silva Neiva
O SOCIAL NAS PRÁTICAS ESCOLARES: O LETRAMENTO E O ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) EM PARACATU – MG (2012 – 2022) / Wanderlândia Silva Neiva Fernandes. - 2023.
163, CLXIII f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos do Carmo.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Catalão, Instituto de História e Ciências Sociais, Catalão, Programa de Pós-Graduação em História, Catalão, 2023.
Bibliografia. Anexos. Apêndice.
Inclui mapas, fotografias, abreviaturas, gráfico, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Educação de Jovens e Adultos.. 2. Alfabetização e Letramento. . 3. Estímulo Educacional. . 4. Intervenção. . 5. Aulas de História. . I. do Carmo, Luiz Carlos , orient. II. Título.

CDU 94

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº **129** da sessão de Defesa de Dissertação de **Wanderlândia Silva Neiva Fernandes**, que confere o título de Mestra em História – nível Mestrado Profissional, na área de concentração: História, Cultura e Formação de Professores.

Aos **quatro dias do mês de setembro de dois mil e vinte e três**, a partir da(s) **14h30m**, realizou-se de forma remota pelo Google Meet com link: meet.google.com/fwb-trzx-nbg, a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada: **O SOCIAL NAS PRÁTICAS ESCOLARES: O LETRAMENTO E O ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) EM PARACATU – MG (2012 – 2022).** Os trabalhos foram instalados pelo **Orientador Professor Doutor Luiz Carlos do Carmo - (PPGHMP/INHCS/UFG/UFCAT em implantação),** com a participação das demais membras da Banca Examinadora: Professora Doutora **Maria Andréa Angelotti Carmo - (Instituto de História/UFU)** membra titular externa e a Professora Doutora **Jeanne Silva (PPGHMP/INHCS/UFG/UFCAT em implantação)**, membra titular interna . Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho de forma a estabelecer melhor vínculo com o conteúdo. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata **Aprovada.** Proclamados os resultados pelo Professor Doutor **Luiz Carlos do Carmo**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou- se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **quatro dias do mês de setembro de dois mil e vinte e três.**

Documento assinado eletronicamente por **Luiz Carlos Do Carmo**, **Professor do Magistério Superior**, em 04/09/2023, às 16:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Jeanne Silva**, **Professor do Magistério Superior**, em 04/09/2023, às 16:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Maria Andréa Angelotti Carmo**, **Usuário Externo**, em 04/09/2023, às 16:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3953446** e o código CRC **5682F3BB**.

Referência: Processo nº 23070.044879/2023-7

Dedico esta dissertação à minha querida mãe que, ao me permitir ministrar aulas de reforço a ela, despertou em mim o amor pela Educação de Jovens e Adultos. Dedico também às minhas duas filhas que me inspiram diariamente a ser uma pessoa melhor em todos os sentidos da vida; às professoras e professores, que utópicos e militantes como eu, lutam por uma educação de qualidade e acessível às brasileiras e aos brasileiros; às minhas e aos meus estudantes da EJA, que me emprestaram fatos pessoais de suas histórias de vida, muitos deles tristes e sofridos, contribuindo ativamente para que esta pesquisa se realizasse! Por fim, tomo emprestado as palavras de Paulo Freire, quando este defende que "Se não posso estimular sonhos impossíveis, não devo negar o direito de sonhar com quem sonha".

AGRADECIMENTOS

Antes de nomear aqueles que quero e preciso agradecer, inspiro-me na simbologia do Sankofa, um dos adinkras compartilhadores de ideias e valores dos Akans, povos que habitavam as regiões que hoje compreendem os países de Gana e Costa do Marfim. Sankofa é representado pela imagem de um pássaro voando reto, mas sempre olhando para trás, lembrando-nos que é necessário seguir em frente, rumo ao futuro, mas sem se esquecer do passado e da ancestralidade africana, rainhas e reis, que nos deixaram um vasto legado, pautado na luta pela valorização, no reconhecimento das nossas origens e na resiliência para lutar contra todas as formas de preconceitos encrostados culturalmente em grande parte dos brasileiros. Assim, agradeço:

Primeiramente a Deus, por estar viva e com saúde, após um período pandêmico, que ceifou milhares de vidas brasileiras!

À minha família, que é o meu porto seguro diante das adversidades da vida.

Ao meu amigo Wesley, a quem devo o incentivo que resultou na minha entrada no programa de mestrado da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), visto que a intenção de ser mestra sempre esteve entre os meus principais propósitos de vida.

A todo corpo docente e administrativo do Programa de Mestrado em História da UFCAT, por todo aprendizado e cuidado com que sempre nos trataram.

Ao meu orientador, o professor Dr. Luiz Carlos do Carmo, um agradecimento especial, haja vista que ele, com sua competência e paciência, segurou na minha mão desde o início e me guiou durante todo este importante e sofrido processo de escrita. Professor, só me resta a gratidão, por ter acompanhado uma etapa tão importante da minha vida! Sua orientação foi fundamental para eu ter conseguido concluir esta pesquisa e para que eu pudesse aperfeiçoar a minha prática, como professora da EJA.

Aos meus colegas de turma, que eu não poderia deixar de agradecer a oportunidade de ter conhecido cada um deles, pois, mesmo de forma remota, tornaram as aulas instigantes com calorosos debates, seminários que, por tantas vezes, culminavam em boas risadas, que jamais serão esquecidas. Em especial, agradeço ao Alex de Souza Oliveira, primo, colega secretário do programa de mestrado, mas, sobretudo, um ser humano fantástico, que sempre nos auxiliou em tudo, indiferente de dia e horário.

Sou imensamente grata a toda equipe EJA da Escola Municipal Cacilda Caetano de Souza que, juntamente com as/os estudantes, acreditaram desde o início na pesquisa, participando ativamente das aulas-oficinas e das demais atividades propostas.

Aos meus colegas de trabalho da Superintendência Regional de Ensino de Paracatu, em especial às minhas queridas amigas e parceiras da Divisão de Equipe Pedagógica-DIVEP, que acompanharam e me auxiliaram durante todo percurso, sempre me incentivando a continuar diante dos percalços, tendo em vista o valor social e educacional do meu tema de pesquisa.

À banca examinadora, por aceitar participar tanto do exame de qualificação quanto da defesa desta dissertação: Dra. Maria Andréa Angelotti Carmo, Dra Jeanne Silva, Dr. Luiz Carlos do Carmo, Dr. Paulo César Inácio e o Dr. Jean Luiz Neves Abreu. As contribuições dadas por vocês foram de extrema importância para a conclusão desta pesquisa.

Por fim, agradeço aos meus amigos que sempre vibraram positivamente diante de cada etapa e da conquista do título de Mestra em História, Sociedade e Práticas Educativas. Isso sempre com a certeza alinhada a de Paulo Freire, em Pedagogia do Oprimido: “nenhuma pedagogia que seja verdadeiramente libertadora pode permanecer distante do oprimido, tratando-os como infelizes e apresentando-os aos seus modelos de emulação entre os opressores. Os oprimidos devem ser o seu próprio exemplo na luta pela sua redenção”.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado analisa as dinâmicas de funcionamento social nas práticas escolares e do ensino de História e tem por objetivo primordial compreender como elas podem auxiliar na consolidação da Alfabetização e do letramento das/dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) Ensino Fundamental - Anos Finais. Para tanto, analisa-se a trajetória histórica e social de um grupo de discentes, combinado à oferta da modalidade EJA no Brasil. Este estudo ancora-se também na investigação de Resoluções e legislações educacionais federais e do estado de Minas Gerais relacionadas ao letramento de jovens e adultas/os. Realizou-se um recorte em relação ao universo da pesquisa, que ocorreu na Escola Municipal Cacilda Caetano de Souza, localizada em Paracatu-MG. O recorte temporal da pesquisa foi o período de 2012 a 2022, momento em que foi possível acompanhar parte do empenho formativo de um grupo de alunas e alunos da EJA da escola supracitada. Com relação à metodologia, a estratégia passou pela análise da forma como um grupo de estudantes e ex-estudantes consideram aspectos importantes de suas vivências. Assim, como instrumento de geração de dados, foram adotadas a técnica de grupo focal e a aplicação de questionários. Os questionários foram aplicados pela pesquisadora responsável, com o objetivo de obter elementos da forma como pensam e processam a própria trajetória pessoal e coletiva. Os dados dos questionários foram tabulados e analisados. As respostas foram tratadas a partir de gráficos, com o intuito de analisar um grupo de estudantes da EJA no município de Paracatu-MG. Procurou-se observar, durante as aulas de História, que se tornou um grupo focal e utilizada como estímulo de aprendizagem, o desempenho ampliado, possibilitado a partir de aula-oficina e atividades de intervenção pedagógica. Os resultados apontam para a ratificação da importância do professor de História na sociedade atual, como agente transformador da sociedade, a partir do seu fazer pedagógico em sala de aula. Além disso, aponta para um constante movimento de militância política para que as leis se materializem no "chão da escola", sendo imprescindível a atuação de professoras e professores utópicos, pesquisadores e mediadores do processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-Chave: Educação de Jovens e Adultos. Alfabetização e Letramento. Estímulo Educacional. Intervenção. Aulas de História.

ABSTRACT

This master's dissertation analyzes the dynamics of social functioning in school practices and the teaching of History, with the main objective of understanding how they can contribute to the consolidation of literacy and reading skills of young and adult students in Elementary Education - Final Years of the Youth and Adult Education (EJA). To do so, it examines the historical and social trajectory of a group of students, combined with the implementation of EJA programs in Brazil. This study also relies on the investigation of federal and state educational resolutions and legislation related to the literacy of young adults. A specific research focus was carried out at the Cacilda Caetano de Souza Municipal School, located in Paracatu-MG. The research timeframe covered the period from 2012 to 2022, during which part of the formative efforts of a group of EJA students from the aforementioned school was observed. In terms of methodology, the strategy involved analyzing how a group of students and former students consider important aspects of their experiences. To generate data, the researcher adopted the technique of a focus group and the application of questionnaires. The questionnaires were administered by the responsible researcher to obtain insights into how the participants perceive and process their personal and collective trajectories. The questionnaire data were tabulated and analyzed, with the responses treated using graphs to construct the profile of EJA in the municipality of Paracatu-MG. During History classes, which were used as a focus group and a stimulus for learning, an enhanced performance was observed, facilitated by workshop classes and pedagogical intervention activities. The results underscore the significance of the History teacher in today's society, as a transformative agent through their pedagogical work in the classroom. Additionally, they point to a continuous political advocacy to materialize laws at the school level, emphasizing the crucial role of idealistic teachers, researchers, and facilitators of the teaching and learning process.

Keywords: Social Profile. Youth and Adult Education. Literacy and Reading Skills. Educational Stimulation. Intervention. History Classes.

RESUMEN

Esta tesis de maestría analiza las dinámicas de funcionamiento social en las prácticas escolares y la enseñanza de Historia, con el objetivo principal de comprender cómo pueden contribuir a la consolidación de la alfabetización y las habilidades de lectura de los estudiantes jóvenes y adultos en la Educación Primaria - Últimos Años de la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA). Para ello, se examina la trayectoria histórica y social de un grupo de estudiantes, combinada con la implementación de programas de EJA en Brasil. Este estudio también se basa en la investigación de resoluciones y legislaciones educativas federales y estatales relacionadas con la alfabetización de jóvenes adultos.Se llevó a cabo un enfoque específico de investigación en la Escuela Municipal Cacilda Caetano de Souza, ubicada en Paracatu-MG. El marco temporal de la investigación abarcó el período de 2012 a 2022, durante el cual se observaron parte de los esfuerzos formativos de un grupo de estudiantes de EJA de la mencionada escuela. En cuanto a la metodología, la estrategia implicó analizar cómo un grupo de estudiantes y exestudiantes consideran aspectos importantes de sus experiencias. Para generar datos, el investigador adoptó la técnica de grupo focal y la aplicación de cuestionarios. Los cuestionarios fueron administrados por el investigador responsable para obtener información sobre cómo perciben y procesan su trayectoria personal y colectiva. Los datos de los cuestionarios fueron tabulados y analizados, y las respuestas se trataron mediante gráficos para construir el perfil de la EJA en el municipio de Paracatu-MG. Durante las clases de Historia, que se utilizaron como grupo focal y estímulo para el aprendizaje, se observó un rendimiento mejorado, facilitado por clases prácticas y actividades de intervención pedagógica. Los resultados destacan la importancia del profesor de Historia en la sociedad actual, como agente transformador a través de su trabajo pedagógico en el aula. Además, señalan una continua defensa política para materializar las leyes a nivel escolar, enfatizando el papel crucial de los profesores idealistas, investigadores y facilitadores del proceso de enseñanza y aprendizaje.

Palabras clave: Educación de Jóvenes y Adultos. Alfabetización y Habilidades de Lectura. Estímulo Educativo. Intervención. Clases de Historia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1: Taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade..... 41
Figura 2: Roda de Conversa com a Orientadora Social 77
Figura 3: Bate papo Empoderamento Feminino com a Profa. Mestra e Militante Lara Luísa 77
Figura 4: Roda de conversa com estudantes da EJA, sobre o uso de Drogas e Violência Doméstica. 78
Figura 5: Divulgação do WhatsApp da Frida, em Paracatu..... 79
Figura 6: Comemoração do Dia do Estudante como ação de intervenção 79
Figura 7: Arraiá da EJA 80
Figura 8: Arraiá da EJA 80
Figura 9: Pressupostos fundamentais do ato de planejar para o professor 85
Figura 10: Construção do conceito de História 89
Figura 11: Passa ou Repassa sobre o conteúdo da aula-oficina 89
Figura 12: Atividade da aula-oficina de História- 29/08/2022 90
Figura 13: Atividade da aula-oficina de História Adaptada - 29/08/2022 91
Figura 14: Atividade da aula-oficina de História - 29/08/2022 92
Figura 15: Avaliação da aula-oficina do dia 29/08/2022 93
Figura 16: Representantes da Casa de Cultura de Paracatu 97
Figura 17: Estudantes da EJA no segundo momento da primeira aula-oficina. 98
Figura 18: Ficha Análise Fonte Histórica 98
Figura 19: Paracatu Vista Parcial (1920)..... 99
Figura 20: Parte do Núcleo Histórico fotografado a partir do Bairro Alto do Córrego 100
Figura 21: Publicação da aula-oficina Documento e Memória, o Arquivo Público na Escola.....102
Figura 22: Avaliação da aula-oficina do dia 30/08/2022 103
Figura 23: Mobilização Nacional pela EJA.....105
Figura 24: Mobilização Nacional pela EJA.....106
Figura 25: Oficina de tranças 109
Figura 26: Parceiros da S.M. de Cultura e.....110
Figura 27: Oficina de Pão de Queijo Paracatuense.....110
Figura 28: Oficina de Pão de Queijo Paracatuense.....111
Figura 29: Palestra sobre Educação Patrimonial 111
Figura 30: Oficina: Boneca Abayomi.....111
Figura 31: Ficha de Avaliação da escrita e leitura 116
Figura 32: Participação da EJA no desfile do Aniversário de Paracatu 117
Figura 33: Ação Outubro Rosa.....119

QUADROS

Quadro 1: Instrumentos de coleta e de geração de dados 22
Quadro 2: Total de estudantes ensino regular de Paracatu - Rede Municipal, Estadual e Privada..... 42
Quadro 3: Quantidade de turmas e estudantes matriculados na EJA da rede estadual de Paracatu no 1º semestre 2022 42
Quadro 4: Quantidade de turmas e alunas/alunos matriculados na EJA da rede estadual do município de Paracatu no 1º semestre 2022 43
Quadro 5: Temas e exemplos discutidos do I Fórum EJA..... 47
Quadro 6: Justificativas das /dos estudantes sobre o ingresso na EJA Cacilda Caetano de Souza.... 57
Quadro 7: Profissão das/dos participantes com trabalhos formais..... 65
Quadro 8: Expectativas das/dos estudantes da EJA..... 66

Quadro 9: Justificativas para não conclusão dos estudos..... 67
Quadro 10: Principais motivações para estar na EJA 68
Quadro 11: Respostas das/dos estudantes sobre se considerar alfabetizado e letrado..... 69
Quadro 12 - Justificativas dadas pelas/pelos estudantes sobre ser mais ou menos alfabetizados/letrados..... 70
Quadro 13: Sonhos das/dos estudantes..... 72
Quadro 14: Planejamento aula-oficina 86
Quadro 15: Apreciação da aula-oficina 93
Quadro 16: Planejamento da aula -oficina – Segunda parte 94
Quadro 17: Avaliação 101
Quadro 18: Segunda aula-oficina 107

GRÁFICOS

Gráfico 1: Ex- estudante e estudante da EJA..... 56
Gráfico 2: Ingresso de estudantes na EJA Cacilda Caetano de Souza 57
Gráfico 3: Você se identifica por qual gênero? 58
Gráfico 4: Tempo "fora da escola"..... 59
Gráfico 5: Idade das alunas/dos alunos da EJA 59
Gráfico 6: Estado civil 60
Gráfico 7: Raça/Cor das/dos estudantes da EJA..... 60
Gráfico 8: Quantidade de filhas/os 62
Gráfico 9: Atividades laborais..... 63
Gráfico 10: Área de trabalho das alunas/dos alunos da EJA..... 63
Gráfico 11: Média salarial..... 64

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS **11**

1 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ASPECTOS HISTÓRICOS **27**

2 EJA EM PARACATU: IDENTIDADE, TRAJETÓRIAS E VIVÊNCIAS **41**

2.1 A cidade de Paracatu: identidades e contexto educacional 41

2.2 Entre debates, relatos e construção de novos caminhos no contexto da EJA **46**

2.3 Considerações acerca da alfabetização e do letramento **50**

3 POR UMA PEDAGOGIA DA AUTONOMIA NA EJA: OS DADOS GERADOS POR UM ESTUDO REALIZADO POR UMA PROFESSORA, MÃE, FILHA DE DONA NEUSA E PESQUISADORA INCANSÁVEL **55**

3.1 Dos procedimentos metodológicos 55

3. 2 Da tabulação e da análise dos resultados gerados pela pesquisa 56

3. 3 Dos momentos de interação na EJA e das práticas de letramento 76

3. 3.1 Planejamentos da primeira aula-oficina de história: construção do conceito de história – Primeira parte 84

3.3.2 Avaliação da primeira oficina 93

3.3.3 Planejamento da aula-oficina – Construção do conceito de história – segunda parte 94

3.3.4 Avaliação do segundo dia da aula-oficina 101

3.3.5 Segunda aula-oficina: as relações raciais na sociedade e educação patrimonial a partir da história de paracatu 107

3.3.6 Avaliação da segunda aula-oficina 113

REFLEXÃO SOBRE A PESQUISA E CONSIDERAÇÕES FINAIS **120**

REFERÊNCIAS **126**

APÊNDICES **130**

ANEXOS **153**

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A motivação pela temática, ligada à Educação de Jovens e Adultos, doravante EJA, está relacionada à minha história familiar. Sou oriunda de uma família de 7 irmãos criados por nossa matriarca, mulher guerreira, viúva, mas que nunca teve medo de serviço. Do ponto de vista do empenho e honestidade, sempre fez de tudo um pouco: lavou roupa na praia, costurou, fez faxinas. Tudo isso porque, como grande parte das pessoas da sua idade, não teve acesso ao estudo e, por este motivo, teve poucas oportunidades. Dito isso, o que sempre me encantou na minha mãe é que, mesmo com pouco estudo, sempre foi muito sábia e habilidosa nos negócios. Criou as filhas e os filhos[1] de maneira firme, mostrando a importância do caráter, dos estudos e do trabalho, como pré-requisitos para melhorar de vida neste país. Ensinamentos que norteiam a minha vida e que compartilho na criação das minhas filhas.

Com as filhas e os filhos já criados, minha mãe decidiu que gostaria de voltar a estudar, pois queria aprender um pouco mais. Ela estudou um tempo numa turma de EJA, mas infelizmente a oferta do ensino, naquela instituição, foi encerrada. Como ela já estava motivada, continuei ministrando-lhe aulas nos meus momentos de folga. Confesso que sempre fui uma professora entusiasmada, mas ver o brilho nos olhos da minha mãe, ao conseguir escrever e ler palavras simples, deixou-me apaixonada pela EJA. Esta paixão renova-se todas as noites, na sala de aula, diante da satisfação, demonstrada após a execução de uma tarefa, da persistência que as/os estudantes revelam ao tentar aprender o conteúdo e quando partilham com naturalidade os assuntos do cotidiano na escola, demonstrando que a sala de aula é um lugar seguro e aberto à interlocução.

Sendo assim, trabalhar na EJA é experimentar um constante turbilhão de emoções, que vai da percepção que é preciso aumentar a entonação de voz, ao perceber o esforço de algumas/alguns estudantes para manter os olhos abertos, depois de um dia árduo de trabalho, para que acompanhem a rotina pedagógica constante e significativa, o que consequentemente faz com que o professor aprenda com o aluno, rompendo a tão criticada educação bancária.

Por assim ser, esta pesquisa é fruto dessas inquietações e percepções e discute a necessidade de um olhar diferenciado para a EJA[2], ofertada a estudantes que, por vários motivos, foram privados de estudar no período correto. Não podemos esquecer que a política educacional brasileira se configura como uma disputa de interesses, evidenciando que o descaso não é apenas com a modalidade EJA,

---

[1] Por uma questão de valorização da mulher, pesquisadora, professora e mãe, fiz a escolha linguística, em toda a dissertação, sempre pelo uso do feminino antes do masculino.

[2] EJA é uma modalidade de ensino da educação básica - Ensino Fundamental Anos Iniciais, Finais e Ensino Médio - para estudantes com um perfil social, muito próprio, que é marcado pela idade de no mínimo 15 anos e Ensino Médio para jovens e adultos acima de 18 anos.

mas também com a Educação regular, exigindo das/dos professoras/professores uma incansável batalha institucional. Dessa maneira, este estudo propõe uma reflexão sobre como as dinâmicas de funcionamento social e político das práticas escolares e do ensino de História podem auxiliar na consolidação do letramento das/dos estudantes da EJA, Ensino Fundamental - Anos Finais -, da Escola Municipal Cacilda Caetano de Souza, localizada em Paracatu-MG. Para isso, foi realizada a análise dos aspectos da presença e da valorização de práticas e reflexões sociais e políticas, que se reconhecidas podem ir e vão além da escolarização, visando o desenvolvimento comunitário, a inclusão no mundo do trabalho, a formação política e cultural, para além dos muros escolares.

Dessa forma, justifica-se esta pesquisa devido à necessidade de uma reflexão das práticas pedagógicas adotadas nas escolas que oferecem a modalidade EJA, e a dificuldade identificada pelos/pelas profissionais da educação quanto à operacionalização das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a EJA, com o intuito de que toda a comunidade escolar reflita sobre quantidade de estudantes dessa modalidade de ensino - Ensino Fundamental Anos Finais -, que estão matriculados, sem ter consolidado o processo de letramento e/ou, em alguns casos, nem sequer ter iniciado o processo de alfabetização, uma vez que Freire (1982, p.11) assevera que: “A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra”. Partindo deste princípio, almeja-se demonstrar que é possível ensinar os conteúdos da disciplina de História e, ao mesmo tempo, utilizá-los como ferramentas metodológicas de efetivação do processo de aprendizagem, uma vez que o adulto só aprende aquilo que faz sentido para ele. Desse modo, ratifica-se que é possível ensinar o conteúdo de História proposto na Nova Base Nacional Comum Curricular - BNCC-, a partir do uso da Pedagogia da Presença, considerando um trabalho para muito além dos pressupostos das Metodologias Ativas e ampliando o diálogo entre o contexto social e a experiência de vida do educando, dando assim vida e sentido à História , como conteúdo e recurso pedagógico para a consolidação da alfabetização e letramento das/dos estudantes da EJA - Ensino Fundamental - Anos Finais .

Mas, para tanto, é necessário que a professora/o professor conheça a história de vida dos educandos, pressuposto essencial para a construção de um diagnóstico, com informações, tais como: nível de letramento, conhecimentos empíricos, história de vida, talentos, traumas, etc. Isso, considerando que, a partir da compreensão das respostas aos estímulos educacionais das práticas que valorizam as experiências pessoais e coletivas, em conjunto com a reflexão pedagógica, teremos um trabalho com princípio educativo e humanizador, perpassando por um processo de ressignificação (Arroyo,2017). Somente assim é possível minimizar as dificuldades e os prejuízos provocados por vários problemas sociais, tais como: racismo estrutural, visível nas legislações educacionais, pelo sexismo, pela hierarquização cultural e pela desqualificação de saberes dos grupos minoritários na sociedade brasileira.

Consequentemente, tem-se no reconhecimento do direito das/dos educandos e das/dos trabalhadores à formação e à escola básica não como tempos apenas de aprendizagens de letramento e numeramento, mas também como avanço para recuperar a radicalidade da escola e da EJA como tempos de garantia do direito à educação e à formação humana, como tempos de recuperar a humanidade roubada pela segregação e pela opressão a que são submetidos. Fazer da escola e da EJA tempos de formação de pessoas, na especificidade de seus tempos de formação, vem levando ao aprofundamento sobre a identificação a quais processos de formação estão submetidos, mas, sobretudo, a quais processos de formação humana são sujeitos (Arroyo, 2017).

Assim, é necessário pontuar que o recorte temporal da pesquisa foi o período de 2012 a 2022, momento em que pude acompanhar parte do empenho formativo de um grupo de alunas e alunos da EJA da E.M. Cacilda Caetano de Souza, em Paracatu. E, na esteira dos procedimentos metodológicos, a estratégia também passou pela análise da forma como um grupo de estudantes e ex-estudantes consideram aspectos importantes de suas vivências. Os dados foram gerados por meio da realização de grupo focal e por aplicação de questionários. Os questionários foram organizados por meio de um roteiro semiestruturado. Esses instrumentos foram utilizados com estudantes e ex-estudantes da EJA, com o objetivo de obter elementos sobre a forma de como pensar e processar a própria trajetória pessoal e coletiva. Os dados gerados a partir das respostas foram tabulados e analisados. As respostas foram tratadas a partir de gráficos, com o intuito de analisar um grupo de estudantes da EJA, no período de 11 anos, no município de Paracatu-MG.

Importa explicar que a pesquisa se origina de indagações pessoais e da disposição de enfrentamento de situações rotineiras de desqualificação dos saberes que as alunas/os alunos acabavam recebendo em sala de aula. Estou em exercício do magistério há 25 anos, em sala de aula, como professora de História, efetiva na E.M. Cacilda Caetano de Souza e em atuação na Divisão de Atendimento Pedagógico, servidora efetiva na Divisão Pedagógica na Superintendência Regional de Ensino de Paracatu, onde entre outras funções, sou responsável pela Educação de Jovens e Adultos (Presencial, Semipresencial (CESEC), prisional e APAC), nos 05 municípios jurisdicionados pelo órgão regional de educação.

Esse desejo de buscar caminhos para analisar e propor soluções ao recorrente problema de desqualificação antecipada, de julgamento prévio das/dos discentes, do comportamento das/dos colegas professoras/professores que pediam para que as aulas acabassem logo, dentre outros, serve de inspiração para a busca de outra possibilidade de tratamento, pautada no acolhimento humano, valorização dos conhecimentos prévios e

planejamento pedagógico, para que mesmo com lacunas no processo de alfabetização a aprendizagem aconteça, uma vez que, já nas primeiras atividades pedagógicas de acolhimento e sondagem do nível de aprendizagem, a partir da assinatura do nome do aluno no caderno, observa-se que muitas/muitos estudantes não tiveram o processo de alfabetização e letramento consolidados, e se envergonhavam dessa situação.

Ademais, é pertinente salientar que esta pesquisa aconteceu no período em que fomos acometidos e "atropelados" pela Pandemia da COVID-19.

> Mal começaram as atividades do ano letivo/2020 nas escolas brasileiras e já fomos surpreendidos com a necessidade de interrupção das aulas. A suspensão se deu em função da pandemia da COVID-19. Milhares de professores, professoras e outros profissionais que atuam nas escolas, estudantes e suas famílias começaram a se fazer uma pergunta central: E agora, o que vai acontecer? Desta questão outras surgiram: Como será feita a reposição das aulas? Teremos que trabalhar aos sábados? (Monteiro, 2020, p.239).

Diante de tantas incertezas, perdas de entes queridos e inúmeros protocolos iniciou-se o regime de aulas não presenciais - REANP - ancorado na publicação da Portaria n° 343, de 17 de março de 2020 e que dispõe sobre a possibilidade de substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação da pandemia do Novo Corona vírus (SARS-COV-2)[3].

Após o REANP - em função da Pandemia -, as/os estudantes, de maneira geral, retornaram, para as aulas presenciais, prejudicados pedagogicamente e com sérias lacunas no processo de aprendizagem. Entretanto, no caso das/dos estudantes da EJA, o problema foi ainda mais sério, uma vez que muitas alunas/muitos alunos, por trabalharem ou não terem conhecimento tecnológico necessário, não conseguiram acompanhar as aulas on-line. Assim, chegaram no 1º período da EJA, Ensino Fundamental Anos Finais, sem sequer terem iniciado o processo de alfabetização.

Dessa forma, esta pesquisa é baseada na análise de um grupo de estudantes da EJA e na Educação Histórica. Essa reflexão é ancorada inicialmente no mestre Paulo Freire e em autoras e autores, que defendem a Educação histórica e a pesquisa, tais como: Rüsen (2001), para estudo da consciência histórica das/dos alunas/alunos; Barca (2004), para a metodologia de ensino utilizada, ou seja, aula-oficina; e tantos outros estudiosos e historiadores, como Petter Lee, que traz o Conceito de Consciência Histórica e que baseado no passado alemão enfatiza que ter consciência histórica é garantir que os erros do passado não se repitam mais,

[3] Para mais informações: https://covid.saude.gov.br/.

tendo em vista que não existe história que não seja para a humanidade. A história busca a razão de ser dos homens, suas lutas, conquistas e vivências.

Faz-se necessário, então, o fomento para que as/os jovens, adultas/os e as/os idosas/os, principalmente as/os negras/negros, retomem os estudos, instrumentalizem-se para compreender os vários embates e proposições sociais que permeiam o presente e tenham condições de dar continuidade a essa etapa, que antes o foi impedida.

No contexto atual, o número de jovens que não concluíram a educação básica é assustador, uma vez que:

> no Brasil, **cerca de 69 milhões de jovens, com 25 anos de idade ou mais, ainda não concluíram a formação básica**, segundo Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2019. Para esses brasileiros, um dos caminhos para terminar os estudos é justamente o programa para Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Ministério da Educação (Pinto, 2021, In Jornal da USP, loc.1, grifo nosso).

Dessa maneira, no processo de pesquisa, estudar o texto *Por que devemos desinstalar a escola* e o *Fracasso Escolar* foi angustiante, pois estes contêm críticas pesadas ao sistema da Educação Escolástica, apontando por que a educação pública não é exitosa, tendo em vista que o investimento é gigantesco, uma vez que existem 184 mil escolas públicas no Brasil, e o que é mais grave, para muitos, a instituição não consegue alcançar o objetivo, uma vez que a escola hierarquiza e suprime. É ressaltado, nessas obras, que as dificuldades escolares estão ligadas às condições financeiras e sociais, ou seja, é preciso resolver as desigualdades sociais, para assim nivelar as possibilidades. Os textos chamam a atenção para a urgente desconstrução do que já está naturalizado no Brasil. Por fim, é evidenciada a urgência de uma ressignificação da sociedade, tendo em vista que a escola é o laboratório da vida, por isso há tantas questões a serem resolvidas.

A História Nacional, as tradições regionais são bem mais encorpadas no povo brasileiro, até porque a conquista da nacionalidade brasileira foi e ainda é um constante desafio. Ainda se luta para o conhecimento e reconhecimento das raízes africanas na construção da identidade brasileira, uma vez que a formação acadêmica, realizada no Brasil, foi respaldada em pesquisadores europeus, que sempre enfatizaram a visão dos Colonizadores.

Ademais, o Brasil ainda é uma sociedade patriarcal, machista e preconceituosa, onde as mulheres não são respeitadas, existindo violação de direitos conquistados, com sangue suor e lágrimas de muitos trabalhadores. Enfim, o país convive com um abismo social e cultural, que separa os ricos dos pobres, e que é mais desalentador é que já se trata de uma situação naturalizada.

Assim, esta pesquisa respalda-se também em legislações educacionais e foi desenvolvida a partir de abordagem de análise qualitativa e quantitativa com a realização de aplicação de questionários com estudantes de 18 anos acima da EJA (anos finais do Ensino Fundamental), da Escola Municipal Cacilda Caetano de Souza. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa - CEP - da UFCAT.

O principal objetivo foi investigar as dinâmicas de funcionamento social e político das práticas escolares e do ensino de História, utilizando o conteúdo de História como instrumento pedagógico, para a consolidação do processo de letramento dos educandos da EJA na E. M. Cacilda Caetano de Souza em Paracatu-MG.

Assim que a pesquisa foi aprovada, junto ao CEP, o questionário físico e presencial foi aplicado a 66 estudantes e ex – estudantes da EJA, no intuito de analisar a identidade dos alunos/das alunas da EJA da E.M. Cacilda Caetano de Souza, durante o período de 11 anos (2012 a 2022). Posteriormente as respostas foram analisadas e as informações relacionadas ao aspecto socioeconômico, nível de letramento e conhecimento histórico foram devidamente tratadas, transformadas em gráficos e contextualizadas na seção 2 desta dissertação. É importante mencionar que os referidos resultados apontados nesta pesquisa foram divulgados para a equipe escolar, no sentido de, entre outros, subsidiar os planejamentos das/dos demais professoras/professores.

Em continuidade à pesquisa, foram desenvolvidas duas "Aulas Oficinas", levando-se em conta o conhecimento prévio das/dos estudantes, a experiência de vida, a observação do nível de conhecimento histórico em relação aos temas estudados no conteúdo e ao mesmo tempo o nível de letramento das/dos estudantes da EJA. Ao término das oficinas, foram realizadas atividades avaliativas e análise crítica e descritiva dos resultados, para divulgação na comunidade escolar.

Ao refletir sobre a dinâmica do funcionamento político e social brasileiro, regido por uma economia Capitalista Neoliberal, baseada em metas e resultados para geração de investimentos que definem os rumos da Educação brasileira, fica evidente a explicação das fragilidades educacionais no Brasil, tendo em vista a falta de interesse por parte dos governantes em sanar de fato as lacunas no processo de alfabetização e letramento dos educandos da EJA, uma vez que, investir na referida modalidade não é benéfico, para as classes detentoras do poder. Buscou-se caminhos, tomando como ponto de partida a Educação Histórica e realizando Aulas Oficinas, que possibilitam que a teoria se transforme em conhecimento, a partir de uma interação prática no "chão da escola", a partir de um diagnóstico inicial, que observa o nível de alfabetização e letramento de cada aluno. Além disso, permite que o professor construa diferentes estratégias, partindo do princípio de valorização do contexto e do fato de que a aprendizagem acontece de maneira diferenciada para cada indivíduo, que

é único em turmas heterogêneas, onde o princípio pedagógico busca sanar as lacunas do processo de alfabetização e letramento, a partir do conteúdo de História.

Exposto tudo isso, espera-se com esta pesquisa minimizar o enorme abismo econômico, social, político e educacional, que separa as classes empobrecidas da elite, ratificando assim o instigante desafio que é ser professor de História no atual contexto político brasileiro, que é de: retrocessos e fomento à intolerância, ao preconceito e ao ódio. Considerando que este estudo está focado na consolidação do processo de letramento, na Educação de Jovens e Adultos faz-se necessário algumas questões de pesquisa referentes ao tema: a) Como a escola pode trabalhar a rejeição sentida pelos educandos gerada pela exclusão social?; b) Como recuperar a autoestima, o gosto pelos estudos e o interesse pela disciplina de História?; c) Como a escola pode atender esta complexa modalidade dentro de suas especificidades e vivências próprias?; d) Que contribuições/proposições cabe ao professor de História neste contexto?; e) Como motivar a/o aluno da EJA a aceitar o uso de novas metodologias de ensino?; f) Como gestar/mediar e mesmo dissipar em sala de aula o sério conflito de gerações, tendo em vista que numa mesma sala de aula temos estudantes de 15 a 70 anos e como aproveitar pedagogicamente a experiência dos mais velhos e a vivacidade e curiosidade dos mais jovens? Por fim, g) como minimizar o analfabetismo funcional?

Pretende-se, com esta pesquisa gerar dados que respondam algumas dessas perguntas, contando também com a minha experiência como professora de história por mais de 24 anos e como a experiência de ser professora, ainda que de modo não institucional, da minha mãe, em um processo para alfabetizá-la, para que ela conseguisse atuar nas diferentes práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita.

É preciso ressaltar que dentre todos os desafios profissionais, ser professora de História na modalidade EJA é uma realização profissional, pois não existe algo mais prazeroso para um professor, do que ensinar a quem quer aprender. Trata-se de um constante desafio, mas também de situações que exigem cumplicidade e dedicação. Obviamente, há um lamentar em relação àqueles que desistem no meio do caminho, mas há a alegria com o sucesso daqueles que persistem, que nos fazem sentir um turbilhão de emoções, que tornam o espaço pedagógico algo produtivo, gerando uma sensação de solidariedade entre toda a comunidade escolar e uma sensação de uma aprendizagem democrática acontecendo, como bem escreveu Paulo Freire no seu último livro:

> O espaço pedagógico é um texto para ser constantemente "lido", interpretado, escrito e "reescrito". Neste sentido, quanto mais solidariedade exista entre o educador e educandos no "trato" deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola (Freire, 1996, p.109).

Não é possível pensar numa receita, e nem é essa a pretensão, mas pode se pensar que quanto mais solidariedade melhor para qualquer situação e com as dinâmicas de ensino e

aprendizagem, por certo não será diferente. Homens e mulheres, a sua maioria de classes menos favorecidas, normalmente chegam nos espaços de sala de aula com o dia de trabalho no corpo, com as preocupações e responsabilidades da vida adulta. Com esse específico perfil social, essas alunas e esses alunos acabam trazendo também sua cultura, evidenciando suas identidades sociais e pessoais. Tudo isso precisa ser valorizado e somado ao processo de aprendizagem. No entanto, esse processo é hierarquizado e desconsiderado nessa mesma construção educacional.

Desse modo, A EJA abriga elementos importantes para pensarmos o que queremos de uma sociedade. Nessa direção, Barcelos (2009) *apud* Santos (2000, p.30), em sua dissertação de mestrado considera que:

> A Educação de Jovens e Adultos contribui para a diminuição da exclusão social e conquista da cidadania entre outras questões ... que a passagem dos mesmos por esta modalidade de ensino foi um fator importante no processo de conquista e ampliação dos espaços de participação social e política dos (as) alunos (as) da EJA.

Com a finalidade de ressaltar a complexidade da oferta da EJA no Brasil destaca-se aqui trechos da reportagem concedida à Rádio *Brasil de Fato* | São Paulo (SP), no dia 10 de setembro de 2019 às 20h40min, pela Professora Analise da Silva, professora de História, especialista em EJA e participante do Fórum Nacional da Educação de Jovens e Adultos. Segundo a professora da UFMG, "a Chance de acabar com analfabetismo no Brasil até 2024 é zero" (Brasil de Fato, 2019, p.1), pois os cortes de investimentos promovidos pelo atual governo são barreiras para reduzir o índice. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgados em junho de 2019, o Brasil tem pelo menos 11,3 milhões de pessoas com mais de 15 anos analfabetas. O número corresponde a aproximadamente 6,8% dos habitantes. Ela chama a atenção para a parcela de jovens e adultos que não completaram o ensino médio ou fundamental, que chega a quase metade da população brasileira (IBGE, 2019).

Essa pesquisadora explica também sobre a falta de política pública direcionada ao atendimento das cidadãs/cidadãos que não completaram a educação básica: "eles somam 43% da população do país. A preocupação com esses dados deve ser do tamanho da necessidade de encaminharmos o mais rápido possível a pauta nacional da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que agora está colocada de lado" (Silva, 2019, *In* Brasil de Fato, 2019, p.1).

É fundamental concretizar essa pauta por meio de legislação e políticas públicas, pois o país tem uma dívida histórica com a população negra. De acordo com o IBGE, enquanto apenas 3,9% da população branca com 15 anos ou mais é iletrada, o percentual entre os negros

sobe para 8,9% (IBGE, 2019). Ainda segundo dados do IBGE, esse número cresce entre os "brasileiros com 60 anos ou mais, o percentual de analfabetismo foi de 9,5% entre pessoas brancas. Entre pretos ou pardos do mesmo grupo etário, a taxa chegou a 27,1%. No Brasil, ao todo, 11 milhões de pessoas eram analfabetas em 2019" (IBGE, 2019, p.1). Essa disparidade é resultado da exclusão e de uma sociedade que ainda carrega traços da história escravagista do país.

Anteriormente à Lei Áurea, existiam leis que proibiam negros, alforriados e escravizados de frequentar as salas de aula, e as/as professoras/professores eram proibidos de ensinar para essa população. Portanto, a inclusão dos negros na escola pública é relativamente recente e ainda carrega a influência de uma sociedade escravocrata do passado, que, em certos aspectos, persiste até hoje.

Assim, é necessário que as pessoas comecem a questionar e desconstruir muitos conceitos aprendidos na Faculdade, tendo em vista que nossa formação acadêmica foi influenciada por ideologias e pontos de vista dos países imperialistas.

Nessa perspectiva, a História do Brasil deve ser escrita a partir das vivências, lutas e conquistas do povo brasileiro, que aspira por um país com oportunidades para todos, que valorize a cultura e os regionalismos, seja laico e respeite a diversidade em todos os aspectos.

A educação deve ser voltada para a formação integral do estudante, preparando-o para a vida. Para os profissionais da educação deste país, a importância da tarefa que têm pela frente é imensa. Eles devem ser como os lavradores de ondas, como imaginado por Augusto Boal, criador do teatro do oprimido, ou seja, agentes de transformação que cultivam mudanças profundas e significativas na sociedade. Para ele, "Lavra-se uma onda, e tem sempre outra que se aproxima. Mas tem tanto lavrador do mar no Brasil, gente maravilhosa, fazendo coisas. Nós somos um bando de lavradores do mar" (Barcelos, 2009 *apud* Boal 2001, p. 256).

As cercanias da EJA ainda é permeada por obstáculos, sob o ponto de vista das/dos professoras/professores utópicos e apaixonados pela Educação, que acreditam no poder transformador que a escola tem na vida das pessoas, pois não há dúvidas que mesmo na pior "escola salva-vidas", há profissionais que têm consciência de que há muito a ser feito não só no contexto educacional, mas em outras esferas sociais, afinal o Brasil ainda vive à mercê das vontades das políticas internacionais, como no período colonial. Sendo assim, ressalta-se a necessidade urgente de um recontar da História do Brasil, pelos próprios brasileiros, valorizando as origens e realidades do povo. Registra-se que para isso é essencial que exista mais pesquisadores brasileiros, para que assim, os investimentos educacionais sejam direcionados em projetos exequíveis e pontuais, onde a prioridade não seja a demanda do

mercado, mas sim o ser humano em sua integralidade. Em busca de contribuir para a efetivação dessa nova abordagem na disciplina de História, proponho para apreciação uma pesquisa que investigue como as dinâmicas de funcionamento social e político das práticas escolares e do ensino de História podem auxiliar na consolidação do letramento das/dos estudantes da EJA Ensino Fundamental - Anos Finais, da Escola Municipal Cacilda Caetano de Souza em Paracatu. O estudo foi inspirado nos ensinamentos de Paulo Freire e a Educação Histórica permeia por toda a pesquisa realizada com as/os estudantes da EJA- Ensino Fundamental Anos Finais da Escola Municipal Cacilda Caetano de Souza.

O presente estudo partiu do princípio de que o professor além de ser uma pessoa que estimula a aprendizagem, também é um mediador de situações-problema e as/os alunas/alunos são aqueles agentes de sua própria formação. Considerando isso, nasceu uma pesquisa com método de análise qualitativa e quantitativa, sendo os dados coletados e gerados por meio de fontes bibliográficas, documentais, educacionais, escritas e orais, conforme é mencionado por Bassanezi (2008, p. 10), quando propõe que:

> Mas, afinal, qual o traço comum que permite chamar de fontes para o conhecimento histórico coisas tão díspares como uma estátua grega do século V a. C, uma máscara maia, uma carta do Marquês de Pombal, um concerto de Mozart, uma película cinematográfica, um artigo de jornal sobre os perigos do desmatamento, uma entrevista gravada de um trabalhador em greve, uma fotografia e uma telenovela? A resposta está no interesse do historiador em inquirir o que essas coisas revelam sobre as sociedades às quais elas pertencem e na criação de uma narrativa explicativa sobre o resultado de suas análises. Por essa razão, denominamos de história uma série de acontecimentos e de historiografia a narração desses acontecimentos.

Dessa maneira, defendemos que o estudo denominado "O SOCIAL NAS PRÁTICAS ESCOLARES: O LETRAMENTO E O ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) EM PARACATU - MG (2012 - 2022), pode auxiliar na consolidação do letramento das/dos estudantes da EJA Ensino Fundamental- Anos Finais, da Escola Municipal Cacilda Caetano de Souza. A pesquisa foi realizada com estudantes com idade de 18 anos acima da EJA (Anos Finais do Ensino Fundamental), da instituição em questão. Foi submetida e aprovada junto ao CEP da UFCAT, ao qual será enviado um relatório final com os resultados finais.

Como instrumento de geração de dados, foi utilizado um questionário impresso e aplicado de forma presencial, tendo em vista que o retorno presencial das atividades escolares já havia sido autorizado pelo Ministério da Saúde. O formulário foi composto por 26 questões abertas e fechadas, para estudantes da EJA, durante o período, inicialmente previsto de 10

anos, mas que foi ampliado para 11 anos, possibilitando assim a participação das alunas/dos alunos de 2012.

A seleção das/dos estudantes se deu a partir dos dados das fichas de matrículas, seguindo a regra de 06 (seis) alunas/alunos por ano: a aluna/o aluno mais velha/o, a mediana/o e a aluna/o aluno mais nova/o. acredita-se que essa amostragem seja uma boa quantidade para expressar a diversidade, assim como a amplitude das diferentes vivências e disposições de filhas e filhos das famílias trabalhadoras. O questionário foi aplicado às alunas/aos alunos selecionadas/as, que aceitaram participar da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Esperou-se, com a pesquisa, analisar um grupo de estudantes da EJA da E.M. Cacilda Caetano de Souza, do ponto de vista social, econômico e educacional. Tivemos como anseio analisar os impactos que o conteúdo de História ensinado na EJA teve, ou não, na vida destas/destes estudantes.

Ainda na questão metodológica, como forma de geração de dados, foram desenvolvidas duas aulas-oficina, durante o 2º semestre de 2022, com as/os estudantes matriculados na EJA, a partir dos conteúdos de História previstos no Currículo Referência de Minas Gerais, com o objetivo de analisar o nível de alfabetização e letramento dos estudantes a partir dos temas estudados nas aulas de História. Após, os dados foram posteriormente tabulados e analisados.

É importante ressaltar que esta investigação possui a anuência da Superintendência Regional de Ensino de Paracatu, da Secretaria Municipal de Educação de Paracatu e da direção da E.M. Cacilda Caetano de Souza de Paracatu-MG. As aulas-oficinas foram desenvolvidas às 18h, nas dependências da escola, com as/os estudantes da EJA, da Escola Municipal Cacilda Caetano de Souza, nas dependências do estabelecimento escolar, que possui infraestrutura adequada, não oferecendo riscos às/aos estudantes. As aulas-oficina foram realizadas pela professora-pesquisadora responsável (autora desta dissertação e professora da EJA), de forma que as/os estudantes já permaneceram no estabelecimento escolar para participarem das aulas normalmente.

A pesquisadora responsabilizou-se pelo cumprimento de todas as exigências do CEP da UFCAT, inclusive se responsabilizou pelos gastos previstos e não previstos com deslocamentos e com outras despesas tidas pelos participantes em decorrência da pesquisa. Foi utilizado o TCLE, sendo este assinado por todas/os as/os participantes, conforme a Resolução CNS 510/2016, que ficará arquivado pelo período de 10 anos. Ao final da pesquisa será enviado ao CEP o relatório final da pesquisa. As/Os participantes (as) foram avisadas/os que se sentissem qualquer desconforto ou constrangimento, era assegurado a elas/a eles

assistência imediata e integral de forma gratuita, para danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios de qualquer natureza, decorrentes de sua participação na pesquisa.

A fim de se estabelecer a amostragem, considerou-se uma frequência mínima de respostas de 80% com margem de erro de + ou - 3% e nível de confiança de 95%. A amostra mínima estudada foi composta por N egressos e tais cálculos foram obtidos a partir do programa SBSS 10.0. Para estudo das variáveis, foram empregadas frequências simples e comparação de frequências, utilização do teste do Qui-quadrado (c^2), teste de *t* de *Student* e testes não paramétricos se necessários. Considerou-se como estatisticamente significativo o valor de $p<0.05$.

Para coleta e geração de dados, utilizou-se alguns instrumentos, especificados no quadro a seguir:

Quadro 1: Instrumentos de coleta e de geração de dados

a) fontes bibliográficas, documentais, educacionais, escritas e orais.
b) coleta de dados a partir dos instrumentos: Ficha de Matrícula das/dos estudantes, Histórico Escolar, questionário, planejamento das aulas oficinas, fichas de acompanhamento, análise e avaliação das oficinas.
c) duas aulas-oficinas, durante o 2º semestre de 2022, para análise, intervenção, comparação e divulgação dos resultados.
d) questionário aplicado às/aos alunos selecionados, assim que a pesquisa foi aprovada pelo CEP da UFCAT.
e) pesquisa "*in loco"* via formulário impresso, seguindo todos os protocolos de combate à COVID 19.
f) duas oficinas ministradas para estudantes matriculados na EJA, que demonstraram interesse em participar e assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). As oficinas aconteceram às 18h, nas dependências da escola, de forma que as/os estudantes já permaneçam no estabelecimento escolar, para participarem das aulas normalmente.

Fonte: A autora.

Quanto às aulas-oficinas, a primeira foi elaborada a partir da análise do diagnóstico inicial das/dos estudantes, em que foi detectado que várias/vários alunas/alunos não estavam alfabetizados e nem letrados. Isso se deu no intuito e em função da necessidade de trabalhar a introdução do conteúdo de História a partir das habilidades essenciais para todos as/os estudantes previstas no Currículo Referência de Minas Gerais. Ao mesmo tempo, interessa compreender as principais orientações, disposições de compreensão do passado que essas pessoas possuem/formaram com suas vivências. Após análise da primeira oficina, os dados obtidos dos participantes foram utilizados para tratamento das informações, análise e preparação de intervenções pedagógicas.

A segunda oficina foi ministrada com o intuito de intervir pedagogicamente nas lacunas existentes no processo de alfabetização e letramento, a partir do conteúdo de História. A partir daí os dados foram analisados e transformados em gráficos para a divulgação dos resultados das oficinas.

Ainda sobre a segunda aula-oficina, ela foi desenvolvida com o intuito de intervenção pedagógica com a temática *História da África e Cultura Afro-brasileira e Educação Antirracista,* no intuito de consolidar o processo de letramento das/dos estudantes, a partir da disciplina de História, observando os avanços ou não, a partir do acompanhamento e do monitoramento das aulas oficina. Este estudo foi realizado de forma ética, estando as/os participantes cientes da importância do tema, e da sua contribuição, e também de que poderão opinar sobre o assunto.

Pretendeu-se, também, com as oficinas, contribuir com o processo de aprendizagem das/dos estudantes da EJA, tendo em vista o foco nas habilidades e nas competências não consolidadas. Almeja-se também, que o estudo auxilie na melhoraria da oferta da modalidade EJA em Paracatu e região, promovendo assim a inclusão social e econômica das/dos aprendizes da EJA. Ademais, foram construídos instrumentos tais como: relatórios de acompanhamento, avaliação das aulas oficinas, e produção de materiais pedagógicos para o desenvolvimento das aulas oficinas e ficha de leitura.

Exposto isso, cumpre explicar que esta pesquisa é baseada na Educação Histórica e está ancorada inicialmente nos estudos do mestre Paulo Freire, em autoras e autores, que defendem a Educação Histórica e a ciência, tais como: Consciência histórica das alunas/dos alunos (Rüsen, 2001). A metodologia de ensino utilizada foi a aula-oficina (Barca, 2004), em que a professora/o professor é uma/um mediadora/or das questões-problema e as/os alunas/alunos são agentes de sua própria formação e em outros/as tantas/os estudiosas/os e historiadoras/es.

O principal objetivo foi investigar as dinâmicas de funcionamento social político das práticas escolares e do ensino de História, utilizando o conteúdo deste componente curricular como instrumento pedagógico, para a consolidação do processo de letramento das/dos aprendizes da EJA na E. M. Cacilda Caetano de Souza em Paracatu-MG.

Ao refletir sobre a dinâmica do funcionamento político e social brasileiro, regido por uma economia Capitalista Neoliberal, baseada em metas e resultados para geração de investimentos que definem os rumos da Educação brasileira, observa-se fragilidades educacionais, tendo em vista a falta de interesse por parte dos governantes em sanar de fato as lacunas no processo de alfabetização e letramento das/dos estudantes da EJA, uma vez que investir na referida modalidade não é benéfico para as classes detentoras do poder.

E essa é uma das razões para buscar nos diálogos com a bibliografia e com os diversos dados de pesquisa, argumentos para combinar esforços no sentido de propor caminhos, a partir da Educação Histórica e por meio atividades práticas (aulas-oficinas), que possibilitam que a

teoria se transforme em conhecimento, a partir de uma interação no "chão da escola". Dessa forma, a partir de um diagnóstico inicial, sobre o nível de letramento de cada estudante, a professora/o professor poderá construir diferentes estratégias, tomando como ponto de partida o princípio construtivista. Este princípio valoriza o contexto e o fato de que a aprendizagem acontece de maneira diferenciada para cada um. Sendo assim, essas estratégias ocorreram no intuito de resolver as lacunas do processo de alfabetização e de letramento das/dos estudantes e de trabalhar o conteúdo de História.

Cumpre salientar, que a História Nacional, as tradições regionais são bem mais encorpadas no povo brasileiro, até mesmo porque a conquista da nacionalidade brasileira foi e ainda é um constante desafio. Ainda se luta para o conhecimento e reconhecimento das raízes africanas na construção da identidade brasileira, uma vez que a formação acadêmica ministrada no Brasil, foi respaldada em pesquisadores europeus, que sempre enfatizaram a visão dos Colonizadores. O Brasil ainda é uma sociedade patriarcal, machista e preconceituosa onde as mulheres não são respeitadas e existe violação de direitos conquistados, com sangue suor e lágrimas de muitos trabalhadores, enfim o país convive com um abismo social, que separa os ricos dos pobres, e o que é mais greve, sendo normalizado tal cenário.

Com relação aos benefícios, esta pesquisa poderá trazer contribuições para os educandos, para as/os professoras/professores da EJA, para os órgãos educacionais responsáveis pela modalidade Educação de Jovens e Adultos e, principalmente, para a comunidade escolar como um todo, tendo em vista a execução e divulgação dos benefícios relacionados: **Analise de um grupo de estudantes da modalidade Educação de Jovens e Adultos da E.M. Cacilda Caetano de Souza, durante o período de 11 anos (2012 a 2022),** que a partir da sua análise ajudar a buscar estratégias para sanar as lacunas no processo de letramento, tendo em vista a defasagem idade/período de escolaridade, no intuito de: 1) possibilidade de oferta benefícios imediatos e diretos para as/os estudantes da EJA, visto que, a partir da análise dos dados da pesquisa, da execução da oficina de intervenção, da tabulação e divulgação dos resultados, as professoras/os professores podem ampliar os objetivos das aulas, abrangendo assim, as habilidades de alfabetização e letramento, que ainda não haviam sido consolidadas; 2) possibilidade de melhoria da qualidade da oferta desta modalidade de ensino, por meio da apropriação das informações e de estímulos educacionais, reposicionando-se às estratégias de ensino na comunidade em que se está inserida; 3) possibilidade de oferta do conteúdo de História na EJA, a fim de tornar as aulas mais dinâmicas e atrativas.

Em resumo, almeja-se, a partir da aprovação da dissertação pela banca do Mestrado:

1) fomentar a execução da *3ª Plenária do Fórum da EJA do Noroeste Mineiro*, em Paracatu, com a participação das/dos ex-estudantes e das/dos estudantes da EJA envolvidas/os na pesquisa, representantes das/dos estudantes da EJA das escolas municipais e estaduais de Paracatu, representantes das/dos professoras/professores, órgãos educacionais ligados à Educação Básica e Educação Superior e demais representantes da sociedade civil, para apresentação dos resultados da pesquisa, para juntos continuarmos dialogando sobre esta complexa modalidade; 2) Utilizar os dados tabulados para subsidiar a construção do planejamento escolar, conselho de classe e formações continuadas para as professoras e para as/os professoras/professores de História, vinculados à Superintendência Regional de Ensino de Paracatu; 3) Desenvolver trocas de experiências entre as/os professoras/professores de História do município, a partir da análise dos registros das aulas-oficinas desenvolvidas durante a pesquisa, com o objetivo de inspirá-las/los a utilizar o conteúdo de História como suporte pedagógico, visto que aliado ao olhar atento da docente/do docente à valorização dos conhecimento prévios das/dos estudantes, é possível mensurar o nível de conhecimento histórico que a estudante/o estudante possui em relação aos temas estudados em sala de aula. Isso poderá auxiliar também a percepção dos variados níveis de alfabetização e letramento existentes em sala de aula da EJA. Desse modo, será possível explorar o social e o político na prática escolar, uma vez que ações assim mitigam a evasão escolar e o analfabetismo funcional.

Posto isso, essa pesquisa foi dividida em 03 (três) capítulos da seguinte forma: o primeiro capítulo trata de uma trajetória histórica das políticas públicas educacionais na referida modalidade no Brasil, Minas Gerais e Paracatu. O segundo capítulo é sobre o tratamento das informações do questionário aplicado a 66 ex-estudantes e estudantes da EJA, com o intuito de analisar um grupo de estudantes da EJA de Paracatu. Em seguida, o terceiro capítulo explicita o processo de desenvolvimento das "aulas- oficina", a partir do uso de metodologias ativas, história local, valorização do conhecimento prévio das/dos estudantes e experiência de vida desses atores sociais matriculadas/os na EJA. Assim, após o desenvolvimento das aulas-oficinas, foram feitas diversas análises, como do nível de conhecimento histórico e de alfabetização e letramento das/dos estudantes em relação aos temas propostos nas aulas de História.

Interessa-nos, ainda, num momento posterior, realizar a socialização dos resultados com a equipe escolar, no intuito de subsidiar os planejamentos das/dos demais professoras/ professores, com foco nas intervenções pedagógicas necessárias, abordando temáticas como: enfrentamento ao racismo, história de Paracatu e contribuições africanas, com foco na

consolidação da alfabetização e letramento, para uma nova análise crítica e descritiva dos resultados obtidos.

Por fim, a partir da aplicação, análise e tabulação do diagnóstico inicial, foi possível iniciar a construção do processo de ensino-aprendizagem, que dialogasse com as reais questões dos sujeitos da EJA, no desenvolvimento das aulas oficinas, baseadas na Educação Histórica, pois assim há a possibilidade de observar se ocorre/ou não conexão entre o aluno e o ensino de História e a sociedade.

CAPÍTULO I

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ASPECTOS HISTÓRICOS

Neste capítulo, apresentamos a definição da EJA, bem como os aspectos históricos relacionadas a ela. A EJA é uma modalidade de ensino da educação básica (Ensino Fundamental Anos Iniciais e Finais e Ensino Médio), com práticas e reflexões que vão além da escolarização. Pode-se apontar que, dentre todas, essa é uma modalidade que visa inclusão social e, muito mais do que as balizas do mundo do trabalho, propicia desenvolvimento comunitário, formação política e a imersão nas questões culturais. Enfim, é uma educação para além dos muros escolares. Além disso, as práticas da EJA e a reflexão pedagógica formam uma história particular, tendo como foco as políticas públicas de escolarização básica de jovens, adultos e idosos, uma vez que conforme os dados do IBGE (2010) existem 14.604.155 analfabetos no Brasil.

Ao analisar a política educacional, em vários níveis, é notória a existência de uma negligência na priorização da EJA para a população. Posto isso, é necessária uma profunda análise a respeito da oferta desta modalidade da Educação Básica em vários períodos da História da Educação, iniciando no período colonial brasileiro (1530 a 1822), em que a educação escolar aconteceu em momentos distintos:

Num primeiro momento, "com os Jesuítas em 1534, os indígenas e os demais adultos foram submetidos a uma intensa ação cultural e educacional" A Companhia Missionária de Jesus tinha a função básica de catequizar (iniciação à fé) e alfabetizar na língua portuguesa os indígenas que viviam na colônia brasileira. Não havia a preocupação com a emancipação dessas populações, pelo contrário, as habilidades, as compreensões sociais, a forma de diálogo com a natureza e os próprios corpos, de acordo com a nova instrumentalização que se iniciava, precisava ser ajustada em novos moldes.

Sendo assim, aos jesuítas, era oferecida toda uma estrutura para o processo de catequização e para garantir o domínio da língua portuguesa, desconsiderando tantas outras línguas usadas pelos povos originários:

> Os padres têm aqui colégio novo quase acabado; é uma quadra formosa com boa capela, livraria, e alguns trinta cubículos, os mais deles têm as janelas para ao mar. O edifício é todo de pedra e cal de ostra, que é tão boa como a pedra de Portugal. Os cubículos são grandes, os portais de pedra, as portas d'angelim, forradas de cedro; das janelas descobrimos grande parte da Bahia, e vemos cardumes de peixes e baleias andar saltando n'água, os navios estarem tão perto que quase ficam à fala. A igreja é capaz, bem cheia de ricos ornamentos de damasco branco e roxo, veludo verde e carmesim, todos de tela d'ouro; tem uma cruz e tursôulo de prata, uma boa

> custódia para as endoenças, muitos e devotos painéis da vida de Cristo e todos os Apóstolos. Todos os três altares têm doceis, com suas cortinas de tafetá carmesim; tem uma cruz de prata dourada, de maravilhosa obra, com Santo Lenho, três cabeças das onze mil virgens, com outras muitas e grandes relíquias de santos, e uma imagem de Nossa Senhora de S. Lucas, mui formosa e devota (Cardim, 1980, p.144).

No entanto, em um outro momento, à época das Reformas do Marquês de Pombal, principalmente a partir da expulsão dos jesuítas do Brasil e de Portugal em 1759, aquela educação de adultos, nos moldes jesuíticos, entra em colapso e fica sob a responsabilidade do Império, sendo marcada pelo elitismo com aulas régias (latim, grego, filosofia e retórica), somente para os filhos dos colonizadores portugueses (exclusivamente homens brancos), excluindo-se assim as populações negras e indígena.

De forma mais detida, há que se considerar o período em que D. João VI, então rei de Portugal, esteve no poder, pois este foi responsável por trazer a corte para o Brasil (1808-1821). Trata-se de uma época em que o Brasil era colônia de Portugal e a metrópole dividiu o litoral brasileiro em 15 Capitanias Hereditárias, ou seja, em faixas de terras concedidas aos nobres de confiança do rei D. João III. Por conseguinte, foi intensificado o grande abismo que separa até hoje a população rica das que não têm condições financeiras neste país; e estas acabam ficando à margem da sociedade. Devido a essa divisão, grandes porções de terras de grandes latifundiários foram repassadas hereditariamente, tornando latente a necessidade da Reforma Agrária no país. Destaca-se que, durante o período colonial, o Estado tinha funções mais políticas do que religiosas. Várias instituições foram fechadas em todo o país, além de impor aos estatutos dos colégios direções de pessoas leigas e sob a alegação de que os Jesuítas estavam mais poderosos que o próprio Estado. Como resultado, deu-se a expulsão dos jesuítas em 1759. A partir disso, o sistema de capitanias hereditárias foi extinto e as poucas capitanias que ainda não haviam voltado para as mãos da Coroa portuguesa foram compradas ou confiscadas. Assim, devido aos conflitos frequentes com os vizinhos espanhóis nas regiões Centro-Oeste e Sul, em 1763, a sede do governo geral é transferida para o Rio de Janeiro, que era o Centro Administrativo mais próximo das regiões de mineração.

Em 1824, D. Pedro I promulgou a 1ª Constituição do Brasil, que é a mais longa Constituição do Brasil e isso acontece num período em que o país se tornou independente, portanto, foi marcado por continuidades e mudanças.

Conforme destaca Vieira (2007, p.294):

> Na Educação a Carta Magna traz apenas 1 artigo com 2 parágrafos, evidenciando assim o descaso com a temática. Ao tratar da inviolabilidade dos direitos civis e políticos dos cidadãos brasileiros", estabelece ainda que ‘A instrução primária é gratuita a todos os cidadãos’ (art. 179, § 32). E mais, informa que aos ‘Colégios e

> universidades, onde serão ensinados os elementos das ciências, belas letras e artes' (art. 179, § 33).

Além disso, é importante mencionar que o Poder Moderador e o Voto Censitário estavam vigorando, deixando de fora de toda e qualquer decisão política e educacional, grande parte dos brasileiros.

Em 1834, aconteceu um ato adicional com emendas à Constituição de 1824, com avanços progressistas, a instauração da Regência Una com o Padre Feijó, que tinha uma atuação muito forte na extinção do poder Moderador, o fim do conselho de estado, a criação do município neutro da corte, o Rio de Janeiro, a descentralização do poder para as províncias, a criação de assembleias e mais autonomia para os chamados juízes de paz, que na época bastava ser alguém que pudesse votar (voto censitário). Dessa forma, com o Ato Constitucional de 1834, ficou sob a responsabilidade das províncias a instrução primária e secundária de todas as pessoas, mas que foi designada especialmente para jovens e adultos.

Importa explicar que

> os homens sem posses, mulheres, escravos e indígenas não pertenciam ao grupo que detinha o direito constitucional à "instrução primária e gratuita". Para atender ao direito dos cidadãos, foi publicada a Lei de 15/10/ 1827 que "manda[vá] criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império". Elas deveriam ser gratuitas e atender a "todos", inclusive aos adolescentes e adultos analfabetos. Porém, durante o Período Regencial, o ensino primário foi posto sob a jurisdição das províncias que não possuíam recursos para implementá-lo. Somente no Município da Corte, Rio de Janeiro, "o governo imperial mantinha estabelecimentos de instrução primária e secundária" [. . .] (Filho, 2001, p. 64)

Em 1881, aconteceu uma das maiores reformas eleitorais do séc. XIX, a Lei Saraiva, que instituiu o título de Eleitor e ao mesmo tempo impediu os analfabetos de votarem. Com a referida lei, as eleições passaram a ser diretas, tanto de deputados, senadores, vereadores, quanto de juízes de paz, é importante lembrar que os cargos acima eram pessoas leigas, mas que atendiam ao contexto político. Nessa época foi criada também a Assembleia Legislativa da Província, é relevante mencionar que tais mudanças foram incorporadas à Constituição Federal de 1891.

Por sua vez, a partir de 1940, no governo de Getúlio Vargas, o Brasil passava, ao menos em parte, do modelo agrário para o urbano. De modo rápido, para alguns, há aqui elementos que parecem justificar uma espécie de necessidade de mão de obra qualificada. Nesse contexto, a Educação de Jovens e Adultos assume um caráter de política pública, com a criação da Campanha Nacional de Educação de Jovens e Adultos. Há compreensões que

dialogam com a necessidade de “construção do brasileiro”, na necessidade de difundir, para além das identidades regionais, o tipo nacional único.

Em virtude da Campanha de 1947, houve a instauração no Brasil de um campo de reflexão pedagógica em torno do analfabetismo e suas consequências psicossociais, mas não se produziu nesta época nenhuma proposta metodológica específica para a alfabetização de adultos. Contudo, com o passar dos anos, e com novas disposições políticas, isso ocorreu no início dos anos 60, com o trabalho de Paulo Freire, diversas experiências de educação para adultos, organizadas por diversos atores e pelo aparato governamental (Di Pierro, Joia e Ribeiro, 2001).

Em 1964, o Brasil sofreu um Golpe Civil, Empresarial e Militar realizado pelas Forças Armadas do Brasil, que com a destituição de João Goulart do poder iniciou a Ditadura Militar, que durou 21 anos. Nessa mesma década, foi criada a partir da Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967, no âmbito do Ministério da Educação, a fundação de direito público com o nome de: Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL, com a ambiciosa meta de alfabetizar 11,4 milhões de adultos até 1971, objetivando a eliminação total do analfabetismo no país até 1975. O Programa Nacional de Alfabetização de Adultos incorporou as orientações de Paulo Freire. Essa e outras experiências acabaram por desaparecer devido à repressão dos governos militares (Di Pierro, Joia e Ribeiro, 2001).

Posto isso, o programa MOBRAL, criado que era uma iniciativa governamental, que visava responder às orientações da Organização das Nações Unidas, foi extinto em 1985. Logo, o que restou da sua estrutura foi assimilado pela Fundação Educar. Tem-se que em 1971, no governo militar de Emílio Garrastazu Médici publicou-se a Lei Federal nº 5692, que consagra, dentre outros, a extensão da educação básica obrigatória de 4 para 8 anos e dispôs regras básicas para o provimento de educação supletiva correspondente a esse grau de ensino aos jovens e adultos. Pela primeira vez esse segmento teve um capítulo específico na legislação educacional – Capítulo V (Paiva, 2003).

Em 1980, já no fim da ditadura militar, no governo de João Baptista de Oliveira Figueiredo, começaram a surgir os movimentos sociais que cobravam políticas públicas efetivas, inclusive para a EJA. Chega-se ao fim dos anos 80 supondo que a década seguinte seria de grandes avanços na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, porém isto não aconteceu. Essa situação demonstra, elementos gerais do percurso dessa oferta de ensino, e a enorme dívida histórica que o país tem com os 11% da população brasileira que ainda está excluída do processo educacional.

De 1990 a 1994, no governo de Fernando Collor de Mello e de Itamar Franco, aconteceu a extinção da Fundação Educar. Várias personalidades influentes das políticas educacionais declararam ser contra investimentos governamentais na educação de jovens e adultos justificando que os adultos analfabetos já estariam adaptados à sua condição socioeconômica. Mesmo com essa compreensão, como somos uma sociedade múltipla, criou-se o PNAIC (Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania), com ações pontuais e transferência de recursos para a Educação. Pode parecer incongruente, mas dessa maneira, os anos 90 foram considerados como a década internacional da alfabetização e foram marcados internacionalmente pela Conferência Mundial na Tailândia dando destaque à Educação de Jovens e Adultos e pela V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos a Declaração de Hamburgo.

Não se pode esquecer que o governo Collor/Franco estava alinhado a uma ideologia neoliberal, conforme assevera Chauí (2006, p.401):

> A partir da década de 1990, os governos Collor/Franco (1990-1994) aplicaram as proposições do modelo econômico fundamentado na doutrina do neoliberalismo, o que ocasionou cortes nos encargos sociais, reforma fiscal, busca da estabilização da moeda, manutenção da taxa de desemprego e consequente ampliação do contingente do exército industrial de reserva, além de vasto programa de privatização de empresas públicas. Assim, "essa teoria neoliberal tornou-se o suporte ideológico da mudança na forma da acumulação do capital, hoje conhecida como 'acumulação flexível"

Tudo isso impacta sobremaneira na educação e dentre os anos de 1994 a 2002, Fernando Henrique Cardoso criou o PROEP - Programa de Expansão da Educação Profissional, separando assim o Ensino Médio do Ensino Técnico, retornando à velha dualidade, em que os ricos podiam entrar na Universidade Pública, enquanto as pessoas que não tinham condições financeiras deveriam realizar somente o curso técnico. O programa resultou em formações rápidas, porém precárias do ponto de vista pedagógico, uma vez que a formação, em grande parte, acontecia no local de trabalho.

A nova LDB Nº 9394/96 é resultado da Constituição de 1988, chamada "constituição cidadã", "cidadania ativa", com o propósito de ofertar uma "educação para todos", com conteúdo voltado para a realidade da estudante/do estudante e, finalmente, com um artigo específico para a EJA. Ainda em 1996, também ocorreu, no estado do Rio de Janeiro, o *I Fórum de EJA do Brasil*, em resposta à convocação da UNESCO para a organização de representações locais preparatórias à V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos, de Hamburgo, na Alemanha.

No ano de 1997, aconteceu *V CONFINTEA*, também em Hamburgo, na Alemanha, promovida pela UNESCO, na qual o Brasil foi representado por lideranças governamentais e da sociedade civil, evidenciando, assim, a gravidade do problema que é o analfabetismo brasileiro (UNESCO, 2022). Posto isso, a Conferência foi um marco, tendo em vista a vinculação da educação de adultos à sustentabilidade e à equidade da humanidade, a partir da agenda do futuro para a EJA.

Assim, concluiu-se, ao fazer um balanço da década da "Educação para Todos", que as políticas públicas colocadas em prática sintetizaram o conceito de educação básica com foco na educação primária de crianças. Já os referidos à educação de jovens e adultos continuam centrados na alfabetização inicial. Finalizou-se o século XX na esperança de que no próximo milênio acontecessem políticas públicas amplas e mais consistentes para superar a exclusão educativa e cultural de crianças, adolescentes, jovens e adultos dentro e fora da escola.

Já no início do século XXI, o direito à escolarização dos jovens adultos e idosos continua sendo veemente cobrado, tendo em vista que são essenciais para a inserção dos mesmos à sociedade e, por consequência, ao mundo do trabalho. Observa-se que não se trata apenas de ofertar a modalidade EJA, é preciso investimentos para fazer com que este direito chegue até a/o estudante e estratégias junto à sociedade para criar ações para manutenção da/do estudante na escola. É primordial acreditar que a EJA é um investimento e não um prejuízo, crença que perpetuou no cenário educacional por muito tempo e que, por falta de conhecimento, ainda é ecoada por alguns.

Em 2002, com o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, houve abertura para debates e propostas para a Educação, mas parecia haver também a manutenção de programas voltados para a inclusão no mercado de trabalho, como a Escola de Fábrica, ou seja, elementos da velha dualidade.

Em 2003, as perspectivas para a EJA começaram a melhorar, conforme o texto retirado do site *Fóruns EJA do Brasil*, pois a sociedade civil organizada conseguiu participar mais efetivamente das ações governamentais, a partir do ano de 2003. Nesse período, proposições da CONFINTEA V influenciaram as políticas de EJA no Brasil, especialmente na efetivação de programas que observaram formação para cidadania e para o mundo do trabalho, com atenção às diversidades de gênero, etnia, aspectos geracionais e territoriais. Além dos programas, políticas estruturantes foram implantadas, porém as metas de superação analfabetismo e ampliação da escolaridade não chegaram aos índices esperados.

No ano de 2004, aconteceu a revogação do Decreto 2208/97, que separou o ensino médio do ensino profissional. A antiga legislação foi substituída pelo decreto 5154/04, que

regulamenta a educação profissional integrada, diminuindo assim a longa dualidade educacional no nosso país.

E, em 2005, é criado, durante o governo Lula, o Decreto 5478/05, que instituiu o PROEJA – Formação Inicial e Continuada para Jovens e Adultos. Sua operacionalização ficou sob a responsabilidade dos Institutos Federais de Ensino, uma vez que a EJA sempre esteve atrelada ao mercado de trabalho. No entanto, o PROEJA significou um grande avanço, ao minimizar o descaso, permitindo assim a integralidade entre ciência e educação.

Sendo assim, a importância da agenda da EJA, a partir de 2004, foi sendo fortalecida, pois além das ações dos fóruns de EJA, vimos a Comissão Nacional de Alfabetização (CNA) ampliar-se para Comissão Nacional de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos (CNAEJA). Esses coletivos, associados ao GT Interministerial criado no ano de 2007, participaram ativamente da VI CONFINTEA, sediada no Brasil, primeiro país do Hemisfério Sul, em Belém-Pará, em dezembro de 2009.

No fim de 2009, ocorreu a VI Conferência Internacional de Educação de Adultos - CONFINTEA -, em Belém/Pará, de 01 a 04 de dezembro. Foi a primeira vez que um país da América do Sul sediou uma conferência da UNESCO. Para tanto, houve um longo caminho de muito estudo, debates e mobilizações para em todas as esferas políticas e educacionais quanto à importância do direito à EJA.

Ao término desses encontros, o Brasil produziu o Documento Nacional Preparatório à VI CONFINTEA, denominado *BRASIL – Educação e Aprendizagens de Jovens e Adultos ao Longo da Vida*, composto de três partes: diagnóstico nacional, desafios e recomendações para a Educação de Jovens e Adultos. Isso acontece em um contexto de dívida histórica com os excluídos da educação, ou seja, 67 milhões de pessoas com 15 anos ou mais de idade que não concluíram o Ensino Fundamental, das quais 15 milhões não completaram quatro anos de estudo e 14 milhões não são alfabetizadas (Fóruns EJA do Brasil)[4]

Dando sequência às ações da UNESCO, num período político delicado, os Fóruns de EJA e a sociedade civil organizaram, em Brasília- DF, a *CONFINTEA BRASIL + 6* com o *Seminário Internacional de Educação ao Longo da Vida e Balanço Intermediário da VI CONFINTEA*. Importa salientar que o diálogo do governo federal com os fóruns foi cessado a partir do golpe de 2016 e, como consequência, houve a extinção da CNAEJA, pelo Decreto n° 9.759, de 11 de abril de 2019, assim como, outros colegiados da administração federal. É notória a importância dos Fóruns de EJA no processo de militância e visibilidade às questões relacionadas à Educação pessoas jovens, adultas, idosas e trabalhadoras, pela efetivação do

[4] Mais informações disponível em:< http://forumeja.org.]] br/brasil>. Acesso em: 14/06/2022

direito à educação. Essa tarefa se amplia neste ano de 2022, quando aconteceu a *VII CONFINTEA*, com uma participação de alguns setores da sociedade civil e sem qualquer pronunciamento do governo brasileiro sobre esse encontro internacional mobilizador de políticas públicas.

Atualmente, o processo formativo da EJA no Brasil está estruturado de forma fragmentada, pois as questões da modalidade estão sob a responsabilidade da Secretaria de Educação Básica SEB/MEC e a política de alfabetização está sob a coordenação da recém-criada Secretaria de Alfabetização – SEALF/MEC, cuja foco predominantemente é para a Educação Infantil e para o Ensino Fundamental. Ao separar a alfabetização das questões da EJA, aumenta-se o distanciamento da prática com o princípio emancipador de que a Educação acontece ao longo da vida, conforme aponta o diagnóstico da situação da educação de pessoas jovens, adultas e idosas trabalhadoras no Brasil. As consequências dessa dura realidade são demonstradas pela PNAD-Contínua/2019, que descortinou o cenário de 11 milhões de pessoas acima de 15 anos de idade não alfabetizadas, no Brasil. Esses dados nos apontam, também, que embora tenha havido pequenos aumentos no número de pessoas com mais de 25 anos que haviam conseguido concluir o Ensino Médio (48,8%), mais da metade dessa população não havia terminado a Educação Básica obrigatória, o que corresponde a algo em torno de quase 70 milhões de pessoas trabalhadoras.

Percebe-se que a trajetória da EJA é marcada por alguns avanços e muitos retrocessos. Evidenciou-se que, na disputa política, o tema nunca foi uma prioridade em nenhum governo, visto que para o sucesso da EJA, é necessário superar a ideia de que a idade adequada para aprender é, somente, a infância e a adolescência, tendo em vista que a aprendizagem acontece ao longo da vida, estamos sempre aprendendo algo novo, Os jovens, adultos e idosos possuem vivências, leitura de mundo, assimilando assim todas as mudanças tecnológicas e socioculturais em curso, não se restringindo à compreensão da educação básica não adquirida no passado e sim respondendo às múltiplas necessidades do presente e do futuro, são capazes sim de exercer cidadania plena, conforme aponta os indicadores da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínuos 2019.

Outros indicadores desta pesquisa trazem elementos para dimensionarmos o papel ocupado pela EJA na garantia de direitos humanos básicos e os desafios postos a essa modalidade, em razão das desigualdades que atravessam nossa sociedade, herdadas de nosso passado escravagista. Assim, das 50 milhões de pessoas de 14 a 29 anos 20,2% (cerca de 10,1 milhões) não completaram algumas das etapas da Educação Básica, das quais 71,7% eram pretas ou pardas. Fazendo-se um recorte de faixa etária de 15 a 24 anos, a pesquisa indicou

que 63,5% não frequentavam escola e não tinham concluído o ensino obrigatório. A pesquisa evidenciou, também, que é na transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio que o percentual de jovens com 15 anos que se encontram fora da escola dobra em relação à faixa etária anterior, passando de 8,1%, aos 14 anos, para 14,1%, aos 15 anos, registrando-se aumentos a partir dos 16 anos, até alcançar 18,0% aos 19 anos ou mais (IBGE, 2019). É importante salientar que os dados compreendem um período anterior à Pandemia COVID 19, período que ampliou os danos provocados pela desigualdade social no Brasil.

Esse contexto de desafio amplia-se ao observarmos em um estudo de sete anos de dois pesquisadores do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) que revela uma queda vertiginosa nas matrículas do Ensino Fundamental e Médio na EJA. Em 2013, as matrículas apresentavam o quantitativo de 3.830.207 e no ano de 2020 esse índice cai para 3.002.749. Essa mesma pesquisa nos mostra que em uma progressão de 12 anos de estudos, estados e municípios brasileiros encontram-se estacionados no atendimento de jovens, adultos e idosos trabalhadores, inúmeras turmas fechadas inviabilizando o direito desse público trabalhador (INEP,2020).

Diante desse alarmante contexto e das exigências da pauta neoliberal, promulgou-se a Resolução nº 1 de 28 de maio de 2021, outorgada pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) que institui as Diretrizes Operacionais para EJA, nos aspectos relativos ao seu alinhamento à Política Nacional de Alfabetização e à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nessa proposição, ratifica-se que, para os Fóruns de EJA do Brasil, esse documento significa um retrocesso na oferta da modalidade EJA: Os Fóruns de EJA compreendem que esse documento é indutor para precarização do atendimento à modalidade, prevendo formas de ofertas multisseriadas e efetivação de um modelo limitado na Educação à Distância (EAD), sem compromisso com planejamento rigoroso, atento às questões de financiamento para garantia de infraestrutura tecnológica, formação de professoras/es, materiais didáticos necessários que favoreçam acesso e permanência das pessoas jovens, adultas e idosas trabalhadoras.

Os desafios para a oferta do acesso e da permanência da Educação para pessoas jovens, adultas, idosas e trabalhadoras são inúmeros. Assim, a implementação e efetivação de política pública de Estado para a EJA passa pelo desafio de efetivar ofertas amplas e diferenciadas, capazes de atingirem os altos índices de pessoas que não acessam a Educação Básica. Sabendo que essas pessoas são pertencentes aos diversos grupos subalternizados, torna-se necessário reorganizar procedimentos políticos de maneira a superar formas veladas ou explícitas de exploração e exclusão, respaldadas nos aspectos colonizadores, escravocratas, elitistas representados pela superioridade de um padrão imposto, por uma concepção de mundo, por

uma a matriz cultural europeia, que deixa de fora mais da metade da população no que se refere ao direito à Educação Básica.

Tendo em vista as discussões da EJA e a meta 4.0 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, ou ODS da Agenda 2030, é preciso se voltar à oferta de Educação de qualidade, uma vez que, para tanto, a educação precisa ser inclusiva, equitativa e principalmente promovida ao longo da vida para todas/os, em permanente diálogo entre saberes originários, ancestrais, populares, científicos, artísticos, filosóficos e tecnológicos. A importância de investimentos na EJA está explicito no item 4.1 do referido ODS que versa o seguinte: "aumentar substancialmente o número de jovens e adultos que tenham habilidades relevantes, inclusive competências técnicas e profissionais, para emprego, trabalho decente e empreendedorismo" (ODS, Agenda 2030).

Dessa maneira, para a efetivação desse objetivo, é primordial e inevitável que o Estado cumpra também com a obrigação de ofertar a modalidade EJA, atentando ao respeito às diversidades dos sujeitos da classe trabalhadora nas questões de gêneros, etnias, aspectos geracionais, territoriais. Só assim se caminha para uma sociedade mais justa, inclusiva, e sustentável para todas/os.

Para o reconhecimento da EJA como um direito à educação, sob a ética humana, organizada em ação intersetorial com o trabalho, cultura, saúde, meio ambiente, é preciso estar atento ao fato de que para uma sociedade ser inclusiva, é preciso ter respeito ao uso sustentável dos recursos naturais e na produção justa, capaz de promover a segurança diante das mudanças climáticas e seus impactos, bem como tornar as cidades e os assentamentos humanos acolhedores, seguros, resilientes e sustentáveis, de modo a superar a pobreza.

Essa projeção indica processos formativos respeitosos às questões ambientais, à lógica da produção e do consumo sustentável de renda, na perspectiva de trabalho coletivo e de economia solidária, de povos originários, das comunidades tradicionais, de associativismo, de agricultura familiar sustentável ou comunitária, enfrentando o acúmulo de riqueza e a exploração infinita da natureza e dos direitos humanos. Além disso, reconhecendo o lugar de trabalhador para além da submissão ao mercado, pensando-o como produtor da vida. Pela ação do trabalho humano criativo em busca permanente do BEM VIVER.

Com relação ao Estado de Minas Gerais, é importante esclarecer que este possui uma área territorial de 586.513,983 km² (2021), com uma população estimada de 21.411.923 pessoas (2021), tendo assim uma densidade demográfica de 33,41 habitantes por km². Posto isso, o estado possui um sistema educacional próprio e organizado pela Secretaria de Educação de Minas Gerais, com autonomia para construção coletiva e publicação de

Pareceres, Resoluções e Decretos Educacionais, responsáveis pela organização das políticas públicas educacionais do sistema de ensino mineiro em vigor nas aproximadamente 26.486 escolas nas 852 cidades do estado. É pertinente salientar que as legislações mineiras respeitam a hierarquia e não ferem as legislações educacionais federais.

A modalidade EJA está voltada às pessoas que decidem retomar ou iniciar os estudos anteriormente interrompidos na idade correta. Trata-se de uma oportunidade de recomeço, mas também é necessário reconhecer que se trata de uma forma de ressarcimento de uma dívida histórica e do exercício de um legítimo direito educacional constituído no âmbito da organização do sistema público de educação básica, desde sua inclusão no corpo da Constituição Federal de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (Lei 9.394/1996), representando importantes conquistas democráticas dos amplos e heterogêneos movimentos sociais em defesa da garantia do direito à educação para todas/todos.

Em 1998, o *Fórum Mineiro de Educação de Jovens e Adultos* – FOMEJA - foi criado e desde então tem sido um indispensável espaço de encontros, ações em parcerias, entre diversos segmentos envolvidos com a EJA em Minas Gerais, com trocas de experiências e com a divulgação das demandas relativas à modalidade.

É relevante mencionar que durante os anos 2015 a 2018, na gestão do ex-governador Fernando Pimentel (PT) e da Secretária de Educação Macaé Evaristo que, vereadora pelo Partido dos Trabalhadores, com 5.985 votos, a primeira Secretária de Educação negra, é que se tornaram notórios os avanços nas temáticas e modalidades especiais, com ações que incluíram questões ligadas à maioria dos povos invisibilizados, com ações voltadas para a aplicação da Lei 10.639/03, 11.645/08 (esta segunda inclui a valorização da história e da cultura não somente dos negros, mas também dos indígenas), elaboração de uma Resolução SEE/MG Nº 2.843 de 13 de Janeiro de 2016 para a EJA, com a Disciplina Diversidade, em que se criou uma abertura a partir da Caminhadas pela Igualdade Racial, tanto em Belo Horizonte, quanto em todos os municípios do Estado.

Além disso, em 2015, foram realizadas Rodas de Conversa com estudantes das escolas públicas estaduais de Minas Gerais, que ofertam a EJA, inclusive nas unidades prisionais. Dentre as ações de relevância, aconteceram também vários seminários com as Escolas Estaduais voltados para a EJA. Ampliando assim o diálogo entre as gestoras/os gestores e as professoras/os professores das Escolas Estaduais. Foram inúmeras partilhas de experiências exitosas, evidenciando a urgência de práticas pedagógicas inovadoras e que dialoguem com o cotidiano. Esses momentos permitiram reunir mais de 1.500 profissionais da EJA, possibilitando assim a construção de uma organização curricular para essa modalidade de

ensino, com o intuito de atender às especificidades dos atores sociais da EJA nas escolas estaduais mineiras.

Vale ressaltar que a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais - SEE-MG - implantou, em 2016, por meio da Coordenação de Educação Quilombola e Educação das Relações Étnico Raciais da Subsecretaria de Desenvolvimento da Educação Básica, nas 47 Superintendências Regionais de Ensino, os Núcleos de Pesquisa e Estudos Africanos, Afro-brasileiros e da Diáspora - NUPEAAS -. O objetivo foi compor a agenda da Campanha Afro-consciência e fomentar a iniciação científica nas escolas de ensino médio públicas do estado, colaborando assim com a implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08 e com a Resolução ONU 68/237, no programa de atividades da Década dos Povos Afrodescendentes em consonância com as ações do Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial- SINAPIR, do qual o governo de Minas se tornou parceiro em 2016.

Assim, é dada sequência às ações de fomento à igualdade racial e o governo deixa claro a preocupação com as ações de fomento às temáticas especiais, com publicação da Resolução SEE Nº 2.843, de 13 de janeiro de 2016, que dispôs sobre a Organização e o Funcionamento da EJA - cursos presenciais, nas escolas da rede pública estadual de Minas Gerais. A inovação desta resolução se dá na oferta das aulas com 2 professores de áreas distintas, com conteúdo interdisciplinares aplicados de *Diversidade Inclusão e Cidadania para o Ensino Fundamental Regular e EJA* e *Diversidade Inclusão e Mundo do Trabalho no Ensino Médio Regular e EJA*, possibilitando, assim, o desenvolvimento de temáticas transversais tais como: educação ambiental, direitos humanos, orientação sexual e diversidade, dependência química, História e Cultura afro-brasileira, de maneira interdisciplinar.

A *Virada Educação* foi uma iniciativa da SEE-MG, com início em 2014, no intuito de potencializar os saberes do ambiente escolar e dos jovens, criando assim uma escola mais atrativa para as/os estudantes, a partir de momentos de muito diálogo com a comunidade escolar das 47 superintendências regionais de ensino do estado. Aconteceram várias rodas de conversa com as/os estudantes e com profissionais da educação, que geraram reflexões e sugestões advindas dos encontros de formação do *Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio*, auxiliando na análise da discussão do Ensino Médio.

Em 2018, o candidato Romeu Zema, do Partido Novo, foi eleito governador de Minas Gerais, trazendo para o governo sua experiência e visão empresarial, fato que está prejudicando muito os servidores efetivos do estado. Nesta gestão, a Secretária Estadual de

Educação é a carioca Julia Sant'Anna[5] e um dos grandes desafios desta gestão foi a necessidade de suspensão das aulas presenciais, em 17 de março de 2020, em razão da pandemia da Covid-19, que interrompeu a trajetória de vida e enlutou as famílias de cerca de 700 mil brasileiros. Neste contexto de angústia e incertezas, a SEE/MG, respaldada pela Portaria n° 343, publicada em 17 de março de 2020 (BRASIL, 2020) e pela Nota de Esclarecimento e Orientações n° 01/2020, de 26 de março de 2020, do Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais (CEE-MG) (MINAS GERAIS, 2020), esclarece e orienta sobre a reorganização das atividades escolares do Sistema Estadual de Ensino de Minas Gerais devido à pandemia da COVID-19, que dispôs sobre a possibilidade de substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durasse a situação pandêmica. Para tanto, foi preciso desenvolver uma estratégia de educação remota capaz de garantir a continuidade do processo de ensino e aprendizagem a distância e com equidade de acesso aos mais de 1,7 milhão de alunas e alunos da rede pública estadual de ensino mineira.

> O Regime de Estudo não Presencial oferecido pela SEE/MG contou com ferramentas inovadoras e ações diversificadas para acesso aos conteúdos escolares pelos estudantes, com a transmissão de tele aulas por televisão aberta, o aplicativo com navegação de internet patrocinada pelo Estado e os Planos de Estudos Tutorados. Em uma rede de ensino robusta e heterogênea, com mais de 3600 escolas distribuídas em mais de 850 municípios, a estratégia de ensino remoto do estado de Minas Gerais foi reconhecida nacionalmente e contou com grande participação dos estudantes. Em estudo divulgado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), que avaliou as ferramentas implementadas durante o período da pandemia em todo o país, Minas Gerais ficou entre os três melhores estados no Índice de Educação a Distância, alcançando uma nota bem acima da média **nacional (**Sant'Anna, 2021, p.1).

Contudo é importante ressaltar que muitas/muitos estudantes não conseguiram dar continuidade às atividades educacionais. De acordo com Monteiro (2020, p.243), "Uma ferocidade se instala, especialmente no âmbito das escolas públicas, já que essas, em sua maioria, apresentam uma realidade em que grande parte de suas/seus estudantes não têm acesso, em casa, a computadores e/ou internet". Ainda segundo essa pesquisadora, "em alguns contextos nem mesmo os professores e professoras teriam condições de realizar tal trabalho em suas casas" (Monteiro, 2020, p.243).

Com o retorno ao regime presencial, obedecendo aos protocolos vigentes em relação à pandemia da COVID 19, evidenciou-se que o regime especial de aulas não presenciais – REANP - causou prejuízos pedagógicos, sociais e psicológicos incalculáveis a todos os níveis

[5] Em linhas gerais, a Secretária Julia Sant'Anna é doutora em Ciência Política pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/UERJ) e mestre em Desenvolvimento Latino Americano pela Universidade de Londres. Também é graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Natural do estado do Rio de Janeiro, ela já foi subsecretária de Infraestrutura e Tecnologia na Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ)

de ensino, inclusive à EJA. Para nortear a organização e o funcionamento do ensino nas Escolas Estaduais de Educação Básica de Minas Gerais, publicou-se em 29 de dezembro DE 2020, a Resolução SEE Nº 4.692. É pertinente frisar que esta possui um capítulo, destinado à EJA, detalhada nos artigos 47 a 52. É importante explicar que a Educação de Jovens e Adultos em Minas Gerais é ofertada de diversas formas conforme é mencionada no artigo 49:

> Art. 49 - A educação de jovens e adultos é oferecida por meio de: I- curso presencial; II- curso semipresencial em Centros Estaduais de Educação Continuada – CESEC; III- exames especiais para certificação de conclusão de ensino fundamental e médio, nos Centros Estaduais de Educação Continuada por meio das bancas permanentes de avaliação; IV- exames nacionais de certificação (Minas Gerais, 2021).

Para otimizar a oferta da EJA, a rede estadual de Minas Gerais, a partir de grupos de trabalho, propôs o programa: EJA Novos Rumos[6], com ações estruturantes e pressupostos metodológicos para as/os estudantes dessa modalidade, como por exemplo:

> prioridade para acesso às vagas nos cursos técnicos e de Formação Inicial Continuada (FIC), que são formações de qualificação profissional de curta duração que têm a finalidade de capacitar, aperfeiçoar e atualizar o estudante que deseja ingressar ou retornar ao mundo do trabalho de forma rápida e eficiente. Esses são ofertados pelos Centros Estaduais de Educação Continuada - CESEC e outras Escolas Estaduais selecionadas, com: metodologia contextualizada à realidade do aluno que leva em consideração as suas experiências prévias, valorizando seus saberes e trajetórias. Busca se também novas compreensões para a EJA. Uma delas, passa pela desobrigação e mesmo redução do quantitativo mínimo para 8 (oito) estudantes para abertura de novas turmas, garantindo assim a ampliação de atendimento pela oferta da modalidade em locais que anteriormente não apresentavam a demanda mínima de alunos para abertura de turma; formação específica aos educadores EJA, com cursos de formação para redimensionar a prática da sala de aula, considerando a utilização de metodologias ativas, com viés interdisciplinar e com foco no desenvolvimento de competências e habilidades. As reestruturações foram baseadas em premissas indispensáveis para a organização do trabalho pedagógico no EJA Novos Rumos (Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais: EJA novos rumos, 2020, p.1).

Contudo, observa-se ainda um distanciamento entre as diretrizes ofertadas na teoria, com o fazer pedagógico da sala de aula e a permanência da/do estudante da EJA na escola.

---

[6] Para mais informações: https://www.educacao.mg.gov.br/em-2021-see-mg-fortaleceu-a-modalidade-e-ampliou-o-numero-de-matriculas-na-educacao-de-jovens-e-adultos/. Acesso em: 29/03/2023.

CAPÍTULO II

EJA EM PARACATU: IDENTIDADE, TRAJETÓRIAS E VIVÊNCIAS

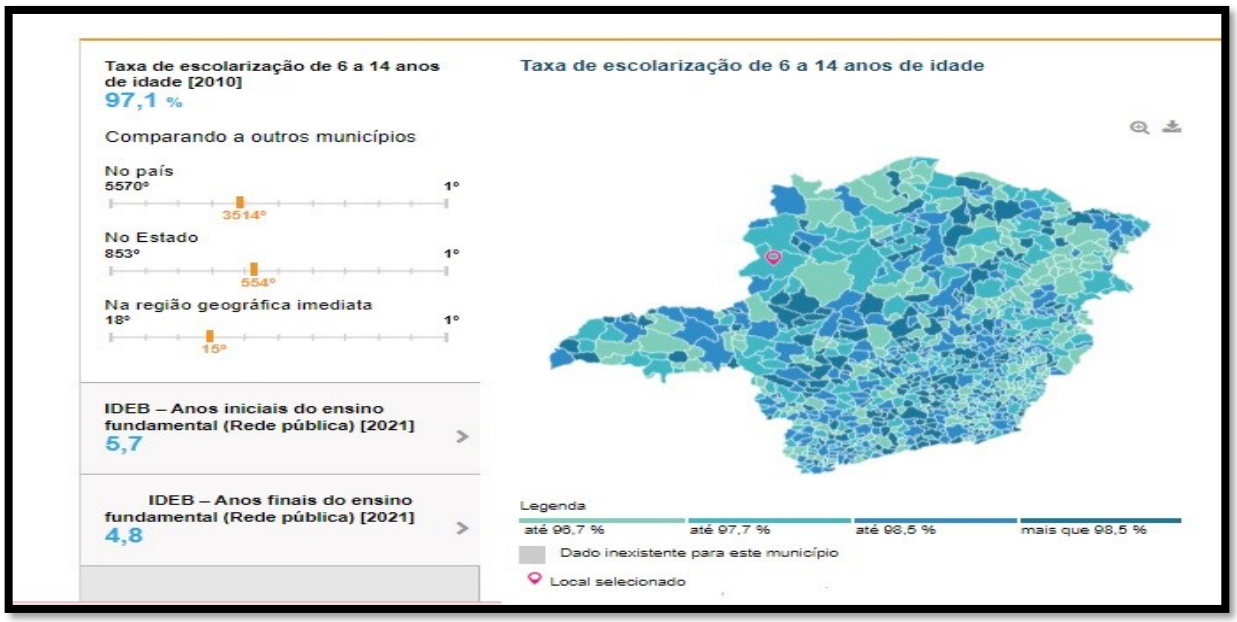
Este capítulo está dividido em três seções. A seção 2.1 versa a identidade da Cidade de Paracatu e o contexto educacional, especialmente a EJA. A 2.2 apresenta debates, relatos e construção de novos caminhos no contexto da EJA. Na seção 2.3, o foco recai em considerações acerca da alfabetização e do letramento.

2.1: A cidade Paracatu: identidades e contexto educacional

A cidade de Paracatu é um município do noroeste mineiro, localizado a 225 km de Brasília, capital do Brasil. Foi fundada em 20 de outubro de 1798, pelos bandeirantes Felisberto Caldeira Brant e José Rodrigues Froes, que vieram à procura do ouro (Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais, 1995). Segundo os dados do IBGE, Paracatu possui uma área de 8.231.029 km2, com uma densidade demográfica de 11,42 habitantes por km2.A população absoluta é de 84.718.000 habitantes, conforme o Censo de 2010 e a população estimada em 2022 é de 94.017 pessoas (IBGE, 2022).

Quanto aos dados da educação de Paracatu, temos:

Figura 1: Taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade



Fonte: IBGE (2022).

Alguns registros sobre a educação em Paracatu são importantes para serem mencionados: a) docentes no ensino fundamental (616) e docentes no ensino médio (298); b) número de estabelecimentos de ensino fundamental (41 escolas) e número de estabelecimentos de ensino médio (12 escolas) (IBGE, 2022). No quadro a seguir, temos o total de estudantes matriculados no ensino regular de Paracatu, considerando a rede municipal, estadual e privada.

Quadro 2: Total de estudantes ensino regular de Paracatu - Rede Municipal, Estadual e Privada

EDUCAÇÃO INFANTIL	3. 860
E.F. ANOS INICIAIS	5. 935
E.F. ANOS FINAIS	5. 037
ENSINO MÉDIO	2. 696
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL	113
TOTAL	**17.641**

Fonte: INEP/MEC 17/03/2023.

Nos dias atuais, o município de Paracatu possui 15 escolas da rede estadual, 37 escolas da rede municipal e 16 escolas da rede privada, 01 escola da Rede Federal, o Instituto Federal do Triângulo Mineiro – IFTM. Das 15 escolas estaduais, 07 oferecem a modalidade EJA presencial (Ensino Fundamental – anos finais e/ou médio) e 1 Centro de Estudos de Educação Continuada - CESEC, que oferta a EJA Semipresencial (Ensino Fundamental – anos finais e Ensino Médio), com um total de estudantes de 17.641 estudantes do Ensino Regular e 726 estudantes da EJA totalizando 18.414 estudantes em Paracatu conforme quadros a seguir.

Quadro 3: Quantidade de turmas e estudantes matriculados na EJA da rede estadual de Paracatu no 1º semestre 2022

ESCOLA	**NÚMERO DE TURMAS**					**NÚMERO DE ALUNAS/OS**				
	EJA EF-AI	**EJA EF-AF**	**EJA EM**			**EJA EF-AI**	**EJA EF-AF**	**EJA EM**		
			1º P	**2º P**	**3º P**			**1º P**	**2º P**	**3º P**
EE AFFONSO ROQUETTE			1	1	1			7	10	14
EE ALTINA DE PAULA GUIMARÃES			1	1	1			13	31	44
EE ANTÔNIO CARLOS			1	1	1			9	12	13
EE DELANO BROCHADO ADJUTO			1	1	0			10	17	0
EE DR VIRGÍLIO DE MELO FRANCO			1	1	1			27	31	39
EE OLINDINA LOUREIRO[7]	1	2	1	1	1	17	32	9	17	23
TOTAL	**1**	**2**	**6**	**6**	**5**	**17**	**32**	**75**	**118**	**133**

[7] As/Os estudantes da EE Olindina Loureiro estão matriculadas na Unidade Prisional.

CESEC CÂNDIDA PIMENTEL ULHOA	[8] Não possui	**243**	**435**

Fonte: sistema SIMADE (2022).

As alunas/Os alunos do CESEC informadas/os na coluna EJA Fundamental - Anos Finais - referem-se ao Semipresencial, Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano. E as alunas/os alunos informadas/os na coluna EJA EM referem-se ao Semipresencial Ensino Médio 1º ao 3º ano. E as alunas/os alunos da EE Olindina Loureiro estão matriculadas/os na Unidade Prisional.

Das 37 escolas municipais, 02 delas apenas ministram a EJA de Ensino Fundamental, sendo assim distribuídas: A EM Dr. Antônio Ribeiro possui EJA Ensino Fundamental - Anos Iniciais - e na E.M Cacilda Caetano de Souza, a EJA de Ensino Fundamental - Anos Finais. A rede Privada não oferta essa modalidade de ensino, conforme os dados registrados no quadro abaixo:

Quadro 4: Quantidade de turmas e alunas/alunos matriculados na EJA da rede estadual do município de Paracatu no 1º semestre 2022

ESCOLA	**EJA ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS**		**EJA ENSINO FUNDAMENTAL ANOS FINAIS**	
E.M. Dr. Antônio Ribeiro	Número de turmas	Número de estudantes	Número de turmas	Número de estudantes
	1º Período 3º Período	05 estudantes 12 estudantes		
E.M. Dr. Antônio Ribeiro (Polo Bezerra de Menezes)	1º e 2º Período 3º e 4º Período	15 estudantes 15 estudantes		
E.M. Cacilda Caetano de Souza			1º Período 2º Período 3º Período 4ºPeríodo	11 estudantes 06 estudantes 14 estudantes 17 estudantes
TOTAL	04 turmas	47 estudantes	04 turmas	48 estudantes

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Paracatu possui várias instituições de nível superior, com uma diversificada oferta de cursos, o que torna a cidade um importante polo educacional regional.

Com relação à Escola Municipal Cacilda Caetano de Souza, sede da Educação de Jovens e Adultos, que norteia toda a temática da dissertação, está localizada à Rua Nascente, 34 no Bairro JK, com sede própria, mantida pela Prefeitura Municipal de Paracatu. Ela foi criada pela lei nº 1.538/88 em 10/03/1988. Teve seu início de trabalho no dia 01 de agosto de 1988, com o ensino de 1º grau (1ª a 4ª Série). Foi inaugurada no dia 05 de agosto de 1988, daí

[8] Não há turmas, pois estudantes do CESEC informados na coluna EJA Fundamental Anos Finais e EJA Ensino Médio referem-se ao Semipresencial.

sua data de aniversário. Em 18 de outubro de 1990, a Câmara Municipal de Paracatu autoriza a extensão de 5ª a 8ª série. Em 1991, a Resolução SEE 6842/91 autoriza o funcionamento do educandário, validando os atos escolares realizados antes dessa autorização de funcionamento. Devendo a mantenedora (Prefeitura Municipal de Educação) submeter à DRE (Delegacia Regional de Ensino) da jurisdição emenda regimental, conforme Parecer CEE nº124/91, para atender ao disposto no Decreto Federal nº 13/91. A Escola recebeu este nome em homenagem a professora Cacilda Caetano de Souza, que prestou relevante trabalho educacional como diretora da Escola Estadual Affonso Roquette (Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Cacilda Caetano de Souza, 2023).

Em 2007, a EJA foi autorizada pela Resolução SEE nº 6842/41, amparada legalmente pela Resolução CEE nº 306/83, que não exigia o reconhecimento deste nível de ensino. Com o advento da Resolução SEE nº 449/02, conforme artigo 43, as escolas de Ensino Fundamental e Médio, cujo cursos já estejam reconhecidos, poderão implantar a modalidade EJA, independente de autorização, apenas com adequação do seu Regimento Escolar, Proposta Pedagógica e Plano Curricular. Hoje nos seus 34 anos, a escola continua a oferecer um ensino plural, considerando habilidades socioemotivas, atendendo em 3 turnos, Ensino Fundamental II – Anos Finais e Educação de Jovens e Adultos (EJA) e com o IDEB/2019 de 4,7. A escola busca seguir as orientações dos documentos normativos, tal como a BNCC e Currículo Referência de Minas Gerais, na busca de atingir um ensino/aprendizagem de sucesso. A escola possui atualmente 406 estudantes, sendo 315, no turno da manhã, 91, no turno da tarde e 42, no noturno (EJA).

É importante salientar que a EJA da E. M. Cacilda Caetano de Souza, objeto de estudo desta pesquisa, é presencial, ofertada em 2 anos, com 4 semestres letivos. O público-alvo da EJA Ensino Fundamental são estudantes a partir dos 15 anos de idade, oriundos de diversos bairros adjacentes, e, até mesmo da zona rural, visto que a escola fica próxima à Rodovia BR 040. Os estudantes da EJA são em grande parte trabalhadores, fator que provoca um número significativo de evasão.

Para conhecer o histórico da EJA, na cidade de Paracatu, realizei uma pesquisa no Arquivo Público Municipal, onde deparei-me com publicações no Jornal denominado: *Paracatu Agora,* edição de outubro de 1973, com ações ligadas à EJA, no caso o Mobral - Movimento Brasileiro de Alfabetização. O artigo ressalta as ações da Semana da Comunidade desenvolvidas nas escolas Paracatu, dentre elas, o Mobral na zona rural, uma vez, que conforme explicita a reportagem: “Alimentação e saúde é responsabilidade de todos.”

Percebe-se, a partir da reportagem, que, já naquela época, a modalidade EJA já tinha uma preocupação com atividades diferenciadas ligadas aos temas transversais, ao diálogo com outras instituições, a aulas dinâmicas e interdisciplinares. Fato que nos inspira a pensar, mais uma vez que a divulgação do evento foi feita pelo Mobral e também pelo seguinte trecho do artigo: "Para os alunos do MOBRAL, foi apresentada a peça João Tão só, pelo grupo de jovens incontritas. Nesta peça, havia mensagem sobre saúde, alimentação e importância do trabalho comunitário" (Jornal Paracatu Agora, 1973).

É importante informar que grande parte das/dos estudantes matriculadas/os na modalidade EJA passou pela escola durante a infância, contudo tiveram uma passagem breve e malsucedida, com sérios problemas de alfabetização e letramento, uma vez que trabalhavam na zona rural, onde não tinham escolas ou, se tinham, eram distantes.

Dentre os vários problemas, pode-se pontuar que as estudantes/os estudantes evadiram devido às condições socioeconômicas, uma vez que era necessário optar por trabalhar e ganhar o sustento ou estudar e nesta disputa árdua, o estudo sempre acabou perdendo. Outra parte, formada principalmente por mulheres, que hoje são maioria nas turmas da EJA, deixaram de estudar porque engravidaram, ou porque casaram ou arrumaram um companheiro ciumento.

Enfim, por estes e outros tantos lamentáveis motivos, elas também não tiveram opção, foram cuidar de suas famílias. Percebe-se que as alunas/os alunos, matriculadas/os na modalidade EJA, apresentam uma diferença grande de idade (entre 15 e 70 anos), gerando um "encontro de gerações" no ambiente escolar. Muitos deles, quando estavam na idade escolar, realmente não puderam estudar. Atualmente, são moradores da zona urbana, onde o mercado de trabalho exige uma formação escolar mínima, fato este que é um dos principais motivadores para a retomada aos estudos. A EJA está ficando mais jovem, visto que está aumentando o número de adolescentes e jovens entre 15 e 21 anos, oriundos de reiteradas repetências motivadas na maioria dos casos por: indisciplina, dificuldade de concentração, desinteresse pela escola, falta de acompanhamento familiar e desestrutura social e econômica. Tudo isso motiva os adolescentes a trabalharem para ajudar os pais ou para sobreviverem. Este encontro de gerações em sala de aula é um desafio constante para as/os professoras/professores da modalidade, dentre os principais estão a gestão de conflitos, a indisciplina, a permanência e a consolidação do processo de alfabetização e letramento.

2.2 Entre debates, relatos e construção de novos caminhos no contexto da EJA

Em setembro de 2017, nos dias 28, 29 e 30, a Superintendência Regional de Ensino de Paracatu em parceria com *Fórum Mineiro de Educação de Jovens e Adultos*, com as Superintendências Regionais de Patos de Minas e Unaí e com a Secretaria Municipal de Educação de Paracatu promoveram, no Auditório da EE Antônio Carlos em Paracatu, o *I Fórum EJA Noroeste de Minas Gerais.* O fórum teve o objetivo de aprofundar a compreensão acerca dos desafios que a Educação no Noroeste Mineiro possui para melhorar a oferta, o acesso, a permanência e o êxito da escolarização na EJA, aos sujeitos que a ela têm direito e ainda, visualizar as potencialidades de articulação e implementação de políticas públicas, conforme a realidade vivenciada na região.

Com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), realizada em 2014 e divulgada em 2015, que mostrou que 13 milhões de brasileiros com mais de 15 anos ainda não sabem ler ou escrever, é possível refletir sobre a situação dos mineiros. Em Minas, há 1,16 milhão de cidadãos e cidadãs não alfabetizados. Os números do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) representam uma taxa de 7,4% da população de Minas em 2012 - a pior do Sudeste -, levantada pela última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios PNAD. Neste contingente populacional, a cada dez pessoas, sete possuem renda inferior a um salário-mínimo.

A desigualdade tem sido a marca da diversidade em nosso país, o que marginaliza ainda mais as camadas populares da sociedade, levando a uma maior disparidade econômica e social da população. A EJA transita à margem da educação, ocupando um lugar de pouco valor no sistema educacional brasileiro. Nela, transitam sujeitos na condição de trabalhadores rurais, boias-frias, migrantes rurais, trabalhadores de baixa qualificação etc, cheios de diferenças e especificidades, trabalhadoras e trabalhadores que já possuem um conhecimento próprio e têm pressa em aprender. Assim, é importante conhecer e reconhecer as diferenças para se pensar em políticas públicas e abordagens pedagógicas que "caibam na vida desses sujeitos". É preciso agregar esforços com os poderes públicos e redes de cooperação na busca de ações que gerem a emancipação desses sujeitos.

Posto isso, foram 03 dias de discussão, palestras, construção de propostas coletivas, exposição dos trabalhos realizados nas escolas, apresentações das/dos estudantes, relatos de experiências exitosas, interação com a cidade, reflexão sobre a responsabilidade social e muito aprendizado. A semente foi lançada, o *I Fórum EJA* não finalizou, apenas começou a abrir portas para melhores recomeços. Há uma multidão carente, e pessoas que o Estado brasileiro

lhes deve um empenho maior e mais sério, esperando uma ação eficiente. Não é preciso inventar novos caminhos, a "sacudida" é para que apareçam novos jeitos de caminhar. Dentre os temas sugeridos para a próxima plenária da EJA, encontram-se relacionados aqui os mais relevantes: 1), tais como os expostos no quadro a seguir:

Quadro 5: Temas e exemplos discutidos do I Fórum EJA

Temas	Exemplos
Criação de momentos para reflexão e debate sobre como melhorar execução das políticas públicas na EJA	Análise dos livros didáticos na EJA Troca de experiências exitosas Organização de planejamento pedagógico exequível na EJA; estratégias, metodologias e oficinas;
Reinvindicação à Superintendência Regional de Ensino de Paracatu e à Secretaria Municipal de Educação e Tecnologia o tratamento das informações retiradas a partir do resultado das avaliações externas e diagnósticas, tais como	Análise e construção de gráficos pela equipe responsável Divulgação e organização das intervenções por parte das professoras e dos professores Análise, planejamento escolar com foco nas necessidades.
reflexões sobre a necessidade de um olhar sensível dos órgãos educacionais para a prática da EJA	Como trabalhar a alfabetização e letramento na EJA, sem infantilizar os jovens, adultos e idosos? Como despertar o gosto pela leitura e escrita? Como utilizar pedagogicamente filmes/documentários, nas salas de aula da EJA? Como adaptar o currículo, que já vem formatado em 4 bimestres para o 2º semestre da EJA? Como tornar a avaliação um instrumento pedagógico na EJA? Como otimizar o tempo escolar para a EJA? Como atender estudantes que trabalham e que não podem chegar no horário inicial? Como lidar com os transtornos psicológicos, comportamentais e de aprendizagem em sala de aula, sem ter psicólogo, que atende estudantes da escola?
Ratificaram a importância das Formações Continuadas, com sugestões práticas de dinâmicas e oficinas para serem desenvolvidas em sala de aula. E com os temas relacionados.	Estratégias de ensino-aprendizagem para o aluno especial na EJA Oficinas por disciplinas para as/os professoras/professores da EJA Anos Finais e Ensino Médio CESEC EJA prisional e socioeducativo; como diminuir a evasão na EJA; como avaliar externamente a EJA; Oficinas de alfabetização e letramento.

Fonte: A autora.

Pelo contexto, nota-se que EJA não é uma prioridade para uma boa parcela dos líderes políticos. As políticas públicas existem, mas quando se trata dessa modalidade, é necessária uma efetiva cobrança, para que cheguem ao noturno das escolas. Isto acontece, talvez, porque a EJA ainda está relacionada à ideia de projeto, de algo passageiro, como tantos que já foram organizados pelo governo para resolver uma grande distorção idade ano de escolaridade de

estudantes matriculados na rede de ensino em várias épocas, conforme alguns exemplos: “Projeto Prosseguir”, “Acertando o Passo”, “A caminho da Cidadania”, “PROJOVEM RURAL”, PROJOVEM “URBANO”, “TELESSALA”, dentre outros. Assim, pode-se ter uma percepção equivocada de que a EJA não melhora os níveis educacionais das escolas e, portanto, não é importante.

É fundamental que as lideranças percebam que não se trata de prejuízo, mas sim de um investimento social em cidadãs e cidadãos brasileiros. Conforme defenderia Nelson Mandela: “A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”. Dessa forma, O conhecimento amplia as oportunidades e a EJA não é um projeto, ela é uma modalidade, como as demais da Educação Básica, que necessita de investimentos, apoio pedagógico, administrativo, formação básica para as/os professoras/professores, verbas, análise de perfil para contratação das professoras e dos professores(que em grande parte dobram no noturno), para que tenha mais qualidade , seja atrativa, para que mais pessoas possuam escolaridade, conhecimento e, principalmente, para que ocorra a inclusão social.

Depois da desconexa e quase descontinuada manutenção da EJA, os avanços nesta complexa modalidade só existem graças à dedicação das/dos professoras/professores que, a partir das demandas que surgem no cotidiano escolar, planejam ações de intervenção pedagógica, buscam parcerias com diversos setores da sociedade e vão assim exercendo a prática pedagógica para muito além do conteúdo acadêmico. É primordial que os órgãos governamentais de Paracatu-MG tenham um olhar sensível para os atores sociais que não foram alfabetizados e letrados, da cidade de Paracatu (tanto da zona rural quanto da urbana).

É inadmissível não existir uma coordenação da EJA na Secretaria Municipal de Educação, para planejar as ações desta modalidade, iniciando com a organização de um Plano de Atendimento para organizar o atendimento das turmas de entrada e de continuidade e ofertar a EJA em outros endereços, uma vez que a cidade é grande, exigindo, assim, uso de veículos automotivos.

É fundamental a realização de campanhas de matrículas em parceria com as instituições, sociedade civil, empresas, comércios, sindicatos, dentre outros órgãos, para realizar a busca ativa das/dos estudantes. Precisa-se de ações pedagógicas pontuais tais como: avaliação diagnóstica no início e final do semestre, análise e partilha dos resultados para realizar as adaptações necessárias no currículo, agrupamentos temporários sempre que forem necessários, intervenções pedagógicas e desenvolvimento de projetos com temas transversais, dialogando assim, com a cidade e as questões do cotidiano.

A partir da instituição da rede de parcerias com instituições, empresas, comércios e ONGS, haverá viabilidade de desenvolvimento de projetos para qualificação, estágios com encaminhamentos para o mundo do trabalho, visitações guiadas aos espaços de cultura, memória, para reflexão crítica e sugestões de intervenções, uma vez que grande parte maioria das/dos estudantes da EJA nunca teve oportunidade de conhecer tais lugares. É no intuito de saldar uma dívida histórica, que a LDB/1996 tem que ser cumprida, conforme versa o artigo 37o § 1º:

> Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho. (Brasil: LDB, 1996).

Em resumo, com o objetivo de reconhecer elementos da identidade da EJA, em Paracatu, propôs-se o desafio de recrutar 66 ex-estudantes, desta modalidade, da E.M. Cacilda Caetano de Souza, durante o período de 2012 a 2022. A tarefa não foi fácil, pois para realizá-la foi preciso enfrentar vários empecilhos, tais como: morosidade do processo de aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética da Universidade, dificuldades de acesso aos documentos escolares e principalmente o agendamento para aplicação dos questionários, uma vez que muitas/muitos estudantes não moram mais em Paracatu, outras/outros mudaram de endereço ou telefone. Além dos fatores citados acima, é pertinente mencionar a questão da distância, haja vista que as/os alunas/alunos moram em variados bairros de Paracatu, que é uma cidade de 8.231,029 km², conforme estimativa do IBGE (2022). A questão da distância é, inclusive, entendida como uma das causas da evasão na EJA, uma vez que muitas/muitos estudantes não possuem veículos automotores, e os trajetos são grandes e perigosos a noite, o que chama à atenção para a necessidade da oferta de transporte escolar. Outro agravante foi o fato de grande parte das/dos estudantes serem trabalhadoras/trabalhadores, fazendo com que a aplicação dos questionários fosse realizada em horários e dias variados, conforme a disponibilidade dos mesmos.

Enfim, dificuldades a parte, a tarefa foi realizada de maneira presencial e permeada de momentos profícuos. Foi gratificante rever as alunas e os alunos e ser recebida com sorrisos largos, café quentinho, suco gelado e olhos brilhando de orgulho por estarem participando da pesquisa. Foi emocionante ouvir os relatos e perceber que cada um seguiu sua trajetória, muitos continuaram os estudos, outros foram para o mercado de trabalho ou constituíram família. O ponto em comum nesses momentos de geração de dados, foi o reconhecimento de que o retorno aos estudos, a convivência com as/os professoras/professores e colegas

representaram um divisor de águas em suas vidas. Dito isso, discorremos sobre alfabetização e letramento.

2.3 Considerações acerca da alfabetização e do letramento

A cidade de Paracatu possui construções sociais importantes. Ao considerar a trajetória da minha mãe, como uma estudante que, mesmo com uma trajetória singular, procurou a alfabetização institucionalizada e teve dificuldades, coloco em cena aspectos e considerações sociais do impacto do perfil e do desejo de homens e mulheres, em grande parte negras/os, que procuram estudar. E, nesse contexto, ser professora/ser professor de história na modalidade EJA num país preconceituoso, machista e que não valoriza as suas origens, é ter convicção de que como assevera Freire (2019, p. 127) "A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem". Não pode temer o debate. A análise da realidade não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa". Assim, não basta saber ler e escrever ou entender os conceitos históricos, é preciso participar de práticas sociais de uso destes conceitos, da leitura e da escrita. O processo de ensino, em todos os níveis, precisa contemplar as atividades realizadas pelos/pelas aprendizes dentro e fora da escola.

É preciso explicar que a história da alfabetização é repleta de equívocos, pois anteriormente acreditava-se que uma criança que conseguisse ler e escrever já poderia ser considerada alfabetizada. No entanto, percebe-se que, por meio desse processo de alfabetização, a criança era apenas ensinada a decodificar os códigos de escrita, sem verdadeiramente compreender o significado por trás das palavras, sem conseguir interpretar, ler, construir sentidos e discutir.

Ainda em relação à escrita, Cagliari (1998, p. 14) explica que:

> De acordo com os fatos comprovados historicamente, a escrita surgiu do sistema de contagem feito com marcas em cajados ou ossos, e usados provavelmente para contar o gado, numa época em que o homem já possuía rebanhos e domesticava os animais. Esses registros passaram a ser usados nas trocas e vendas, representando a quantidade de animais ou de produtos negociados. Para isso, além dos números, era preciso inventar os símbolos para os produtos e para os proprietários.

Cagliari (1998 p. 15) afirma também que: "Ao longo do processo de invenção da escrita também incluiu a invenção de regras de alfabetização, ou seja, as regras que permitem ao leitor decifrar o que está escrito e saber como o sistema de escrita funciona para usá-lo apropriadamente".

Com o passar do tempo, com tantos avanços tecnológicos, joga-se luz na necessidade de formar um sujeito que consiga atuar nas mais diferentes práticas sociais, ou seja, ser letrado. E a EJA não pode ficar de fora dessas mudanças. De acordo com Valle (2011, p. 15),

> No mundo contemporâneo, ocorreram mudanças rápidas e significativas em muitos campos, inclusive no pedagógico. Porém, há que se considerar que as mudanças pelas quais os campos científicos e tecnológicos passaram nos últimos anos são imensas e proporcionaram também, uma reestruturação da função da escola, ao retirarem dela a missão de ser a única transmissora de informação. (grifo da autora). As tecnologias como se sabe, disponibilizam as informações em tempo mais rápido e atual que a escola. Essa nova realidade exigiu, entre outros aspectos, um repensar sobre a formação e a atuação de professores (grifo da autora) que atendem à demanda infanto-juvenil, dado o desafio de educar crianças e jovens para a sociedade tecnológica em que vivem.

Com os prejuízos oriundos da Pandemia da Covid-19, tem-se um agravamento das práticas de linguagem, tais como leitura e escrita. Algumas professoras/professores, preocupados em seguir um plano didático ou metodologias impostas por algumas escolas, acabam oferecendo às/aos estudantes leituras de níveis muito superiores aos deles. Essa prática pode levá-las/levá-los à perplexidade diante do texto apresentado, uma vez que podem enfrentar dificuldades de compreensão devido a lacunas em seu conhecimento, à falta de letramento, seja em um ou vários aspectos.

Assim, ser letrado é mais do que dominar o código linguístico (isso é ser alfabetizado). Para Freire (1983), a alfabetização é um ato criador, no qual o analfabeto apreende criticamente a necessidade de aprender a ler e a escrever, preparando-se para ser o agente desta aprendizagem. Na mesma direção, tem-se as considerações de Soares (1998, p. 89) sobre o processo de alfabetização, quando ela destaca que a alfabetização:

> está relacionada à aprendizagem das habilidades básicas de leitura e escrita, à inserção no mundo da escrita por meio de uma tecnologia (ciência da escrita). Ela implica um processo de aquisição do domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever

Quanto ao letramento, ele é "o estado de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e de escrita" (Soares, 1998, p.44). Dessa forma, é preciso oportunizar as estudantes/os estudantes as mais variadas situações de letramento, considerando o que Soares (2003, p.1) defende: "Letrar é mais que alfabetizar; é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno.

Levando em conta o contexto da EJA, convocamos Valle (2011, p. 81) que assevera que "é preciso urgentemente que a escola tome consciência de que de nada adianta os estudantes saberem ler os textos escolares. É preciso que saibam usar a linguagem como instrumento para viver melhor e para terem acesso à cultura de um povo"

Hartmann e Santarosa (2011, p.9) ressaltam que:

> Se os alunos que chegam a outros níveis escolares e não são proficientes leitores e produtores de texto, há dois caminhos a percorrer. Um é manter uma posição autoritária e excludente, cobrando deles o que não estão aptos a desenvolver e, consequentemente, reprovando-os. O outro é cumprir o que entendemos ser o papel do professor em qualquer circunstância educativa e auxiliá-los na aquisição e no domínio dessa modalidade de linguagem. Em grossas linhas: se o aluno não sabe, cumpre ao professor ensinar!

Sendo assim, a função social da leitura e da escrita vai muito além da codificação e decodificação de símbolos. É um processo que abrange resultados amplos e significativos na vida social do aluno. Nesse contexto, o papel da professora/do professor é fundamental, pois ele deve buscar ferramentas que envolvam e motivem o educando, com o objetivo de formar cidadãos politizados e conscientes de seu papel na sociedade em que vivem (Freire, 2001).

Exposto isso, a utilização da História como instrumento pedagógico se trata de uma estratégia para solucionar o recorrente impasse educacional, vivenciado semestralmente pelas professoras e pelos professores da modalidade EJA, devido à sua complexidade, uma vez que existem variados níveis de processo de alfabetização e falta de letramento numa mesma turma, composta por estudantes que não consolidaram o processo de alfabetização (competência de ler e escrever).

Nas observações das rotinas e estímulos educacionais na cidade de Paracatu, percebe-se que alguns educandos da EJA sequer iniciaram o processo de alfabetização e outros não concluíram o processo de letramento, que é a função social da leitura e escrita, uma vez que não sabem fazer o uso de tal habilidade no seu dia a dia.

> Só recentemente passamos a enfrentar esta nova realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências da leitura e da escrita que a sociedade faz continuamente. (Soares, 1998, p. 20).

Um novo país, com novas necessidades, novas demandas em que as pessoas dialogam com inúmeros e complexos sistemas de informações exige da EJA um processo contínuo de qualificação e desenvolvimento de habilidades, que podem ter feições especificas desse tempo. Nessa esteira, é importante explicar que alfabetização e letramento não são sinônimos, ele se complementa, mas têm conceitos diferentes, como destaca Soares (1998, p.90):

> A alfabetização e o letramento são conceitos frequentemente confundidos ou sobrepostos, [daí] é importante distingui-los, ao mesmo tempo que é importante também aproximá-los: a distinção é necessária porque a introdução, no campo da educação, do conceito de letramento tem ameaçado perigosamente a especificidade do processo de alfabetização; por outro lado, a aproximação é necessária porque não

> só o processo de alfabetização, embora distinto e específico, altera-se e reconfigura-se no quadro do conceito de letramento, como também este é dependente daquele.

Os anos de experiência na educação possibilitam a percepção de pontos peculiares que tornam a modalidade EJA ainda mais complexa. O primeiro deles é a heterogeneidade, visto que a EJA é composta por estudantes mais jovens, frutos de reprovações e/ou evasões, que os trouxeram até a EJA. Alguns destes, muito imaturos, indisciplinados, mas que possuem facilidade em aprender. Almejam inclusive fazer curso superior ou concursos públicos.

Existem também as/os estudantes com mais idade, que nunca frequentaram regularmente uma escola e por isso não tiveram acesso ao processo de alfabetização e práticas de letramento no tempo correto e nem sequer desenvolveram uma coordenação motora fina, ainda menos o letramento. Todavia, jamais perderam a vontade de aprender. Existe ainda as/os estudantes que possuem muita dificuldade de aprendizagem, em muitos casos devido a problemas de saúde mental não diagnosticados durante a vida, carregando assim um histórico escolar perpassado de interrupções e reprovações.

Sendo assim, o trabalho pedagógico na EJA exige da professora/do professor um planejamento diferenciado, a partir do diagnóstico das fragilidades das/dos estudantes, visto que a EJA é um encontro de gerações, que se inicia aos 15 anos e não tem limite de idade, com estudantes convivendo numa mesma sala de aula.

No entanto, é preciso lembrar que além de todos os desafios enfrentados pela EJA, práticas de alfabetização e de letramento ficaram ainda mais comprometidas, pois em 17 de março de 2020, as aulas presenciais no estado de Minas Gerais foram suspensas mediante à necessidade do afastamento social para contenção da COVID-19. A Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais – SEE-MG, para não interromper o ano letivo institucionalizou o Regime Especial de Atividades Não Presenciais - REANP, por meio da Resolução SEE nº 4310/2020 e disponibilizou à comunidade escolar a Plataforma *Estude em Casa*, materiais pedagógicos para acesso das/dos estudantes e professoras/professores, que por meio dos Planos de Estudos Tutorados - PET 's -, deram continuidade aos estudos em meio às incertezas e aos questionamentos por parte de todos, tendo em vista as dificuldades de acesso à internet e de manusear os equipamentos digitais fomos assolados pelo medo e incertezas.

> Nesse momento essa proposta de ensino a distância na Educação Básica tem muito mais perguntas que respostas. Perguntas que nascem de questões que não são de simples resolução. Pesquisa realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), em 2018, aponta que 33% dos domicílios pesquisados não têm acesso a internet. (CETIC.BR, 2018). Fato que vem sendo reafirmado pela preocupação expressa por professores e professoras que declaram não ter acesso a internet com velocidade adequada ao planejamento e

> implementação de um ensino a distância; e por famílias que não têm condições, especialmente financeiras, para oferecer a seus filhos computador e internet em casa. Considerar a oferta de educação nessas condições pode acentuar ainda mais as desigualdades sociais. (Knopp, 2019, *apud* Monteiro, 2020, p. 244).

Após o período de 1 ano e 7 meses, em 03 de novembro de 2021, as aulas presenciais retornaram em Minas Gerais, com um sentimento de dúvidas e medos. De modo geral, tanto as/os professoras/professores quanto as estudantes/os estudantes voltaram do período remoto adoecidos e com um retrocesso pedagógico gigantesco, ainda mais se considerarmos que a falta de alfabetização e letramento é um dos grandes problemas sociais no Brasil. Não há investimento suficiente em educação e esta carrega marcas de um processo colonizador que sempre buscou deixar as minorias fora dos processos de formação. Exemplos desse contexto de desvalorização, de oferta de educação, podemos citar: a) o processo de catequização das/dos indígenas, em que não tinham muitas escolhas, inclusive em relação às próprias línguas, pois buscava-se impor a Língua Portuguesa; b) o processo de escravização e sua "abolição", em que as negras/os negros eram proibidos de frequentarem a escola.

Por fim, o processo de alfabetização e letramento é muito caro para mim, porque além do desejo de ajudar minhas/meus alunas/alunos, remete-me para as memórias da época que minha mãe voltou a estudar e que devido às demandas que tinha teve de desistir, fazendo com que eu me tornasse "sua professora", ainda que de modo informal, no processo de alfabetizá-las e prepará-la para práticas de letramento, tal como participar de movimentos sociais, conseguir ir ao banco, ao mercado, ou seja, atuar efetivamente na sociedade. Assim, com esse desejo também de contribuir para uma mudança no cenário da EJA, sigamos para a análise dos resultados.

CAPÍTULO III

POR UMA PEDAGOGIA DA AUTONOMIA NA EJA: OS DADOS GERADOS POR UM ESTUDO REALIZADO POR UMA PROFESSORA, MÃE, FILHA DE DONA NEUSA E PESQUISADORA INCANSÁVEL

Neste capítulo, aprofundamos a análise dos resultados. Na seção 3.1, tem-se os procedimentos metodológicos. Na seção 3.2, é feita a apresentação sobre estudantes participantes da pesquisa, a partir das repostas dadas ao questionário aplicado (tabulação dos dados e análise deles). Na seção 3.3, o foco recai em atividades práticas empreendidas pela professora pesquisadora.

3.1 Dos procedimentos metodológicos

Para entendermos melhor como se deu a pesquisa, é preciso apresentar alguns conceitos. Primeiramente, quanto ao método, é um estudo de caráter etnográfico, que se refere à:

> Análise descritiva das sociedades humanas, principalmente das primitivas e de pequena escala. Consiste no levantamento de todos os dados possíveis sobre as sociedades ágrafas ou rurais e na descrição delas, visando conhecer melhor o estilo de vida ou a cultura específica de determinados grupos (Marconi e Lakatos, 2010, p. 273).

E como instrumentos de geração de dados, utilizamos a técnica do grupo focal e o questionário. Dentro do grupo focal, que é "uma técnica de coleta de dados que, a partir da interação grupal, promove uma ampla problematização sobre um tema ou foco específico" (Backes et al, 2011, p. 438), recorremos às metodologias ativas que são:

> importantes recursos para a formação crítica e reflexiva dos estudantes por meio de processos de ensino e aprendizagem construtivistas que relevam o contexto contemporâneo da docência quando favorecem a autonomia e a curiosidade dos educandos, de modo a estimular "tomadas de decisões individuais e coletivas, advindos das atividades essenciais da prática social e em contextos do estudante" (Borges e Alencar, 2014, p.119-120).

Ainda sobre o grupo focal, é importante explicar que o escolhemos, haja vista que:

> No processo, os encontros grupais possibilitam aos participantes explorarem seus pontos de vista, a partir de reflexões sobre um determinado fenômeno social, em seu próprio vocabulário, gerando suas próprias perguntas e buscando respostas pertinentes à questão sob investigação. Desse modo, o grupo focal pode atingir um nível reflexivo que outras técnicas não conseguem alcançar, revelando dimensões de entendimento que, frequentemente, permanecem inexploradas pelas técnicas convencionais de coleta de dados (Backes et al, 2011, p. 438).

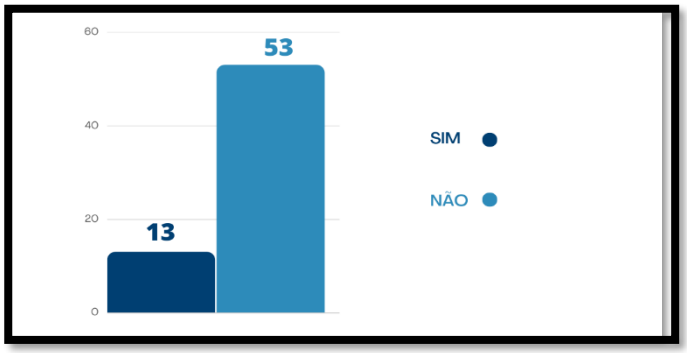
Adotou-se também o método de pesquisa mista, ou seja, o quantitativo e o qualitativo. A pesquisa com métodos mistos "combina os métodos de pesquisa qualitativos e quantitativos e tem por objetivo generalizar os resultados qualitativos, ou aprofundar a compreensão dos resultados quantitativos, ou corroborar os resultados (qualitativos ou quantitativos" (Galvão e Ricarte,2017, p.8). Enfim, acreditamos que essas escolhas colaboraram com o desenvolvimento da pesquisa, gerando dados para uma análise importante sobre a realidade da EJA.

3.2 Da tabulação e da análise dos resultados gerados pela pesquisa

A pesquisa quanti-qualitativa foi realizada com 66 ex-estudantes e estudantes da EJA, considerando o período de 2012 a 2022, para identificar quem são os atores da modalidade da EJA de Paracatu e entender suas trajetórias e vivências. Com o intuito de garantir o anonimato, as/os participantes foram nomeadas como P1, P2, P3, P4, P5 e assim sucessivamente.

Pergunta 1: Você é aluna/aluno da EJA da EM Cacilda Caetano de Souza?
Pergunta 2: Você não é aluna/aluno da EJA da EM Cacilda Caetano de Souza?

Gráfico 1: Ex-estudante e estudante da EJA

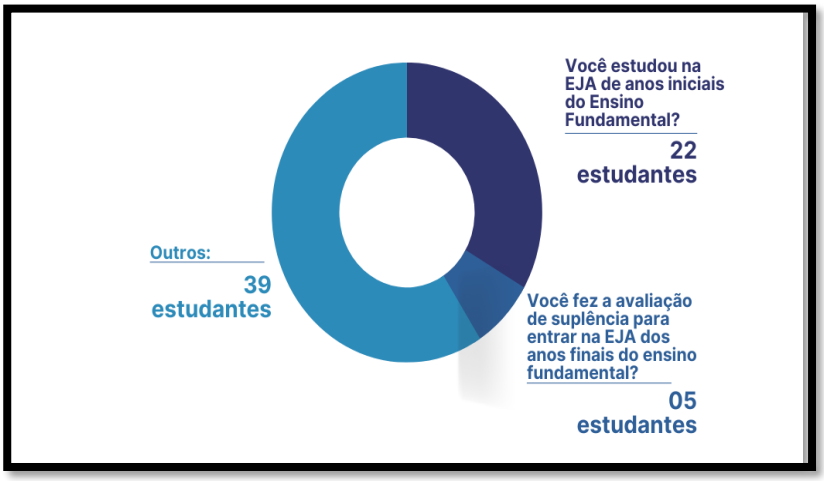


Fonte: elaborado pela autora, por meio dos dados gerados pela pesquisa (2022).

Analisando as respostas 01 e 02, percebe-se que das/dos 66 estudantes participantes da pesquisa, 53 responderam que não eram alunas/alunos da EJA Cacilda. Isso se dá devido ao recorte temporal da pesquisa (iniciou em 2012) e como a EJA Ensino Fundamental Anos Finais é dividida em 4 semestres, muitos já concluíram o tempo de estudo na escola. Algumas/Alguns ex-estudantes estão cursando a EJA de Ensino Médio em uma das escolas estaduais que ofertam a modalidade na cidade, outros já estão cursando o ensino superior ou já concluíram os estudos. 13 estudantes responderam que estão matriculados na EJA Cacilda, uma vez que se encontram matriculados na escola.

Pergunta 3: Como você ingressou na EJA da EM Cacilda Caetano de Souza?

Gráfico 2: Ingresso de estudantes na EJA Cacilda Caetano de Souza



Fonte: elaborado pela autora, por meio dos dados gerados pela pesquisa (2022).

Em resposta à questão referente à forma de ingresso na EJA Cacilda:

A) 39 estudantes responderam a opção outros, que está relacionado ao fato de terem evadido da escola, por vários motivos, em algum momento da vida;

B) 22 estudantes estudaram na EJA Ensino Fundamental Anos Iniciais;

C) 05 estudantes afirmaram ter realizado a Avaliação de Suplência, como forma de entrada na EJA Ensino Fundamental Anos Finais.

Pergunta 4: Caso você marcou a opção outro acima. Justifique:

Dos 39 participantes da pesquisa que marcaram a opção "outros" na questão 4:

Quadro 6: Justificativas das /dos estudantes sobre o ingresso na EJA Cacilda Caetano de Souza

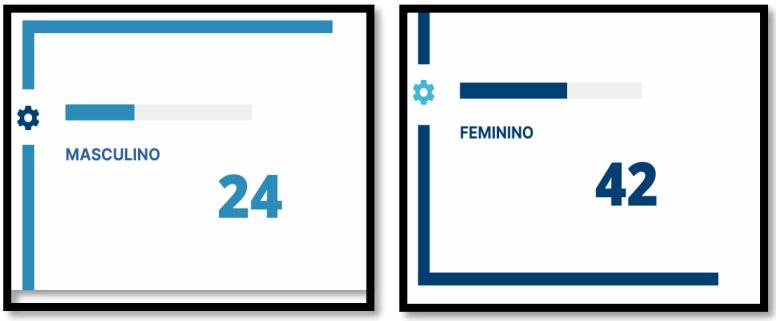
A) 22 deles citaram como um dos motivos recorrentes o fato de morarem na zona rural e lá só ter o primário ou contaram que às vezes existia escola, mas ela era longe e de difícil acesso
B) 04 alunas relataram que o motivo da interrupção dos estudos foi o fato de ter casado, de ter que cuidar da família.
C) 04 alunos afirmaram que não abandonavam a escola, mas reprovaram várias vezes, brigavam muito e se identificam como "preguiçosos" (sic).
D) 03 alunas relataram que pararam de estudar porque engravidaram e ficaram com vergonha;
E) 02 alunos disseram que abandonaram a escola devido ao bullying que sofriam na escola, devido às condições financeiras;
F) 01 aluna afirmou que não existia escola na região em que morava;
G) 01 aluna relatou que o seu companheiro não a deixava estudar. Relatou que ele considerava como "pouca vergonha".
H) 01 aluno justificou que abandonou a escola porque "tomou bomba", ou seja, foi reprovado.
I) 01 aluna afirmou que saiu da escola, porque não conseguia aprender.

Fonte: elaborado pela autora, por meio dos dados gerados pela pesquisa (2022).

Além dos apontamentos mais pessoais, mencionados acima, praticamente todas/todos foram unânimes em afirmar que não estudaram porque necessitavam trabalhar para ajudar a família, não tinham opção, alguns até iniciaram o antigo ginásio, mas tiveram que abandoná-lo. Nas considerações iniciais, acerca da trajetória histórica da EJA, o diálogo das/dos estudantes com o trabalho aparece de forma clara. A vivência em determinadas condições, a experiência acumulada ao longo dos anos, e mesmo o desejo de retornar aos estudos, fazem desses sujeitos alunas/os muito particulares, o que demandam ações e proposições educacionais, também muito específicas.

Pergunta 5: Você se identifica por qual gênero?

Gráfico 3: Você se identifica por qual gênero?



Fonte: elaborado pela autora, por meio dos dados gerados pela pesquisa (2022).

Participaram da pesquisa 42 mulheres e 24 homens, evidenciando que a EJA é composta em sua maioria por mulheres. Percebe-se, por meio destes dados, que as mulheres, no decorrer da vida, por várias questões, tiveram que abandonar os estudos, uma vez que muitas delas casaram, engravidaram e outras foram impedidas pelo marido/companheiro de dar continuidade aos estudos.

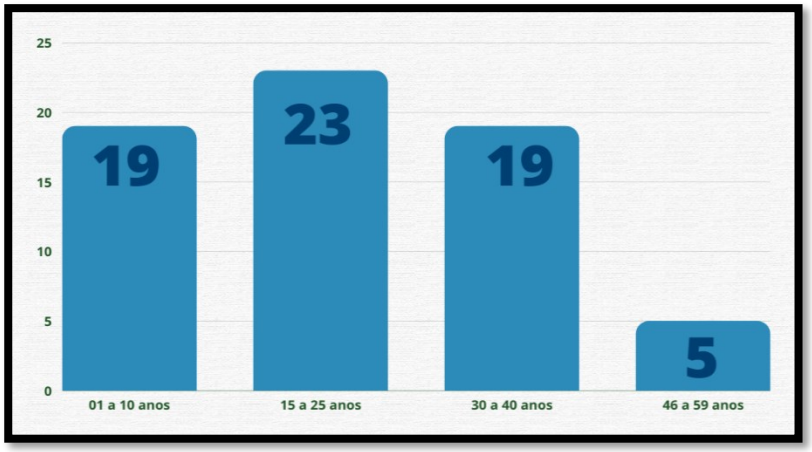
Assim, a grande presença de mulheres se destaca. Da mesma forma, exige que se problematize a questão. O que ocorreu para que o retorno aos estudos, fosse marcadamente feminino? O perfil sócio-histórico da participação de homens e mulheres auxilia-nos a compreender o cenário acima? Haveria algum impedimento específico para as mulheres continuarem os seus estudos na idade correta?

Como resposta, exemplifico com a trajetória da minha mãe, que não pôde estudar e teve que trabalhar, e somente mais tarde, conseguiu retomar os estudos. Tal história de vida parece-nos alinhar-se com os dados da pesquisa acima. Dessa forma, ter uma EJA composta majoritariamente por mulheres, instiga-nos a refletir sobre a importância deste movimento feminino de retomada aos estudos, demonstrando enfrentamento à opressão e ao machismo

posto em nosso país, visto que o Brasil é o país que mais mata mulheres pelo simples fato de serem mulheres.

Pergunta 6: Você ficou quantos anos sem estudar?

Gráfico 4: Tempo "fora da escola"

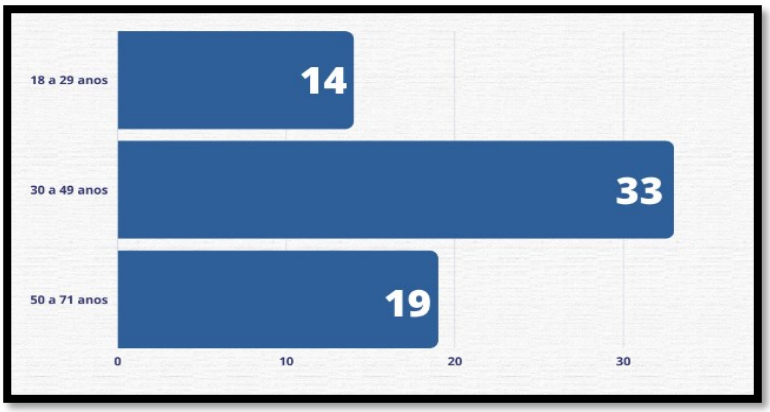


Fonte: elaborado pela autora, por meio dos dados gerados pela pesquisa (2022).

Ao analisar as respostas das/dos estudantes, percebe-se que a EJA está ficando mais jovem, uma vez que, 5 estudantes ficaram de 46 a 59 anos fora da escola. Este dado nos leva aos seguintes questionamentos: Onde estão os 4000 analfabetos previstos no Censo IBGE 2021? Será que eles sabem que existe a possibilidade de retorno aos estudos? O que o poder público está fazendo para divulgar e garantir o acesso aos estudos a essas pessoas?

Pergunta 7: Qual é a sua idade?

Gráfico 5: Idade das alunas/dos alunos da EJA



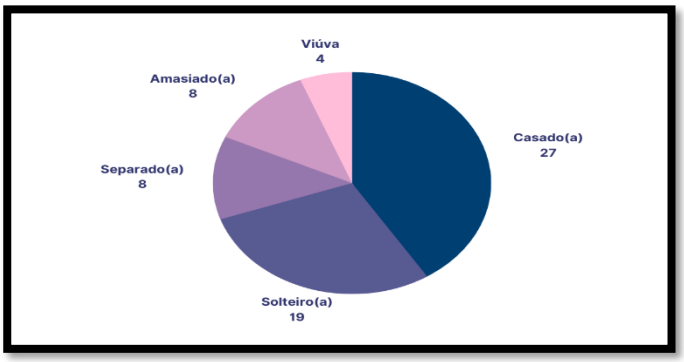
Fonte: elaborado pela autora, por meio dos dados gerados pela pesquisa (2022).

Ao realizar a leitura do gráfico 5, percebe-se que a metade dos participantes da pesquisa têm de 30 a 49 anos. 19 estudantes estão entre 50 e 71 anos e 14 possuem de 18 a 29

anos, dando indícios do fenômeno da juvenialização da EJA, ou seja, a EJA está "ficando mais jovem". Há que considerar ainda que a idade de 19 a 24 anos é a faixa etária esperada para que os jovens estejam no ensino superior, e como se observa, muitos, infelizmente, não acessam essa condição. Esta percepção nos instiga a questionar: Este fenômeno se dá pelo aumento das taxas de abandono e evasão? Ou pelo aumento da taxa de reprovação? Quais são os reais motivadores destas taxas? O que os governantes estão fazendo para reverter esta triste realidade?

Pergunta 8: Qual é o seu estado civil?

Gráfico 6:: Estado civil

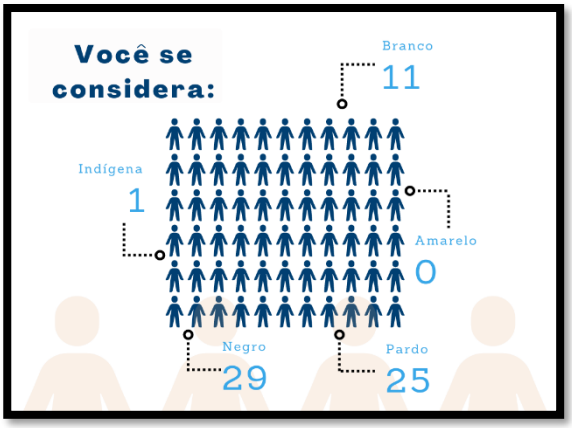


Fonte: elaborado pela autora, por meio dos dados gerados pela pesquisa (2022).

O gráfico abaixo demonstra que grande parte das/dos estudantes da EJA são casados, uma vez que a possibilidade de retorno à escola somente acontece para muitos depois que os filhos já estão criados e aí eles veem uma chance de retomar o tempo perdido e se sentem motivados, com vontade de aprender.

Pergunta 9: Você se considera: Negro, branco, pardo, amarelo, indígena?

Gráfico 7: Raça/Cor das/dos estudantes da EJA



Fonte: elaborado pela autora, por meio dos dados gerados pela pesquisa (2022).

Quando perguntados sobre a sua raça/cor, obtivemos a seguinte resposta:

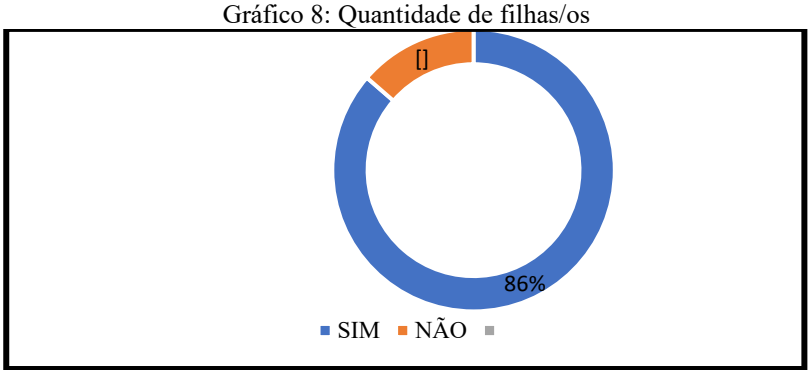
A) 29 participantes responderam que são negros;
B) 25 afirmaram serem pardos;
C) 11 declaram-se como brancos;
D) 1 participante afirmou que é indígena.

Percebe-se que a EJA é composta em sua maioria por negros, tendo em vista que ao somarmos os pardos e os negros obtêm-se 54 participantes no total.
Para analisar este dado, é preciso lembrar que a História brasileira carrega a mancha vergonhosa, de mais de 3 séculos de escravidão negra e exploratória, em que pessoas que viviam em liberdade no continente africano foram sequestradas e escravizadas neste país, tendo a sua história apagada. Em 1888, a escravidão acabou, mas as sequelas de uma abolição excludente podem ser percebidas nos dados que escancaram a desigualdade social, protagonizados por uma maioria negra. Os números relacionados ao analfabetismo, à falta de letramento e à A EJA refletem esta realidade. É imprescindível ações contínuas de reparação desta dívida, por parte do Estado, tais como as leis 10.639/2003, que incluiu no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" e a lei 11645/08, que amplia esta anterior e instituiu também a obrigatoriedade do ensino de história e cultura indígena.

Observamos que as leis em si não bastam. São estímulos sociais importantes. É urgente que os representantes eleitos pelo povo, implementem medidas antirracistas, em todos os eixos da sociedade, uma vez que racismo é crime e no caso do Brasil é um crime estrutural, muitas vezes velado, sutil e em outros casos escancarados, mas que em todas as versões oprime e mata. Em contrapartida o conhecimento tem o poder de libertar, visto que ao trabalharmos a cultura antirracista na escola, nos órgãos públicos e demais locais da sociedade, mais pessoas vão reconhecer-se como negros ou vão lutar contra o racismo, considerando que o conhecimento gera reconhecimento da nossa ancestralidade, gerando assim engajamento e militância na luta pela Igualdade Racial, tanto no Brasil, quanto em Paracatu, cidade que nasceu a partir da descoberta do ouro durante o séc. XVIII, mas que ainda carrega a discriminação racial encrostado em grande parte da população.

Pergunta 10: Você tem filhas/os?

Gráfico 8: Quantidade de filhas/os



Fonte: elaborado pela autora, por meio dos dados gerados pela pesquisa (2022).

Dos participantes da pesquisa, 57 (86%) possuem filhas/os e 9 (14%) não possuem.

11. Se a resposta anterior foi sim. Quantos filhos você tem?

Dos 57 participantes, obtivemos as seguintes repostas:

A) 37 possuem de 01 a 3 filhos;

B) 16 possuem de 4 a 6 filhos;

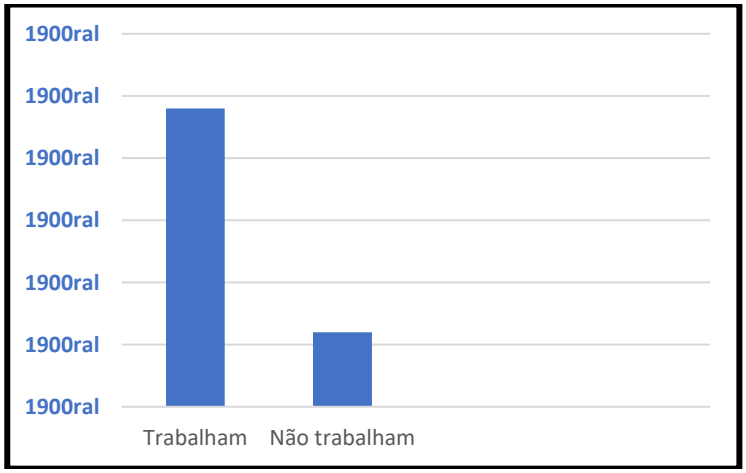
C) 04 dos participantes (a) têm de 08 a 14 filhos.

Percebe-se pela resposta que grande parte das/dos estudantes da EJA possuem menos filhas/os, o que retrata o contexto histórico atual, em que alimentar e educar um filho custa muito caro. A maioria das pessoas possuem uma jornada densa de trabalho, pouca remuneração e dispõe de pouco tempo com a família. O grande número de estudantes com filhas/os, a grande presença feminina e a menor presença de um grande número de filhas/os, permitem entender que as escolhas sociais passam pelo trabalho, como já mencionado, mas também pela relação afetiva e pelos filhos. Uma trajetória de vida, em que o envolvimento pessoal culmina na gravidez, pode ser pensado como alguns dos fatores que fazem conhecer esses/essas estudantes. Estas questões aliadas ao aumento da marginalidade, violência e dependências químicas fazem com que as pessoas hoje em dia optem por ter menos filhas/os, ou até mesmo não tê-las/los.

Pergunta 12: Você trabalha?

48 estudantes trabalham e 12 não trabalham.

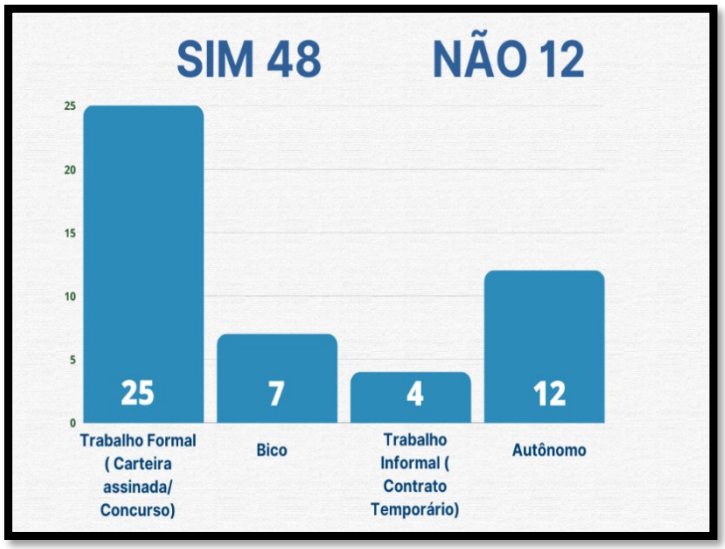
Gráfico 9: Atividades laborais



Fonte: elaborado pela autora, por meio dos dados gerados pela pesquisa (2022).

Pergunta 13: Se você marcou sim, na resposta anterior marque a opção sobre o seu trabalho.

Gráfico 10: Área de trabalho das alunas/dos alunos da EJA



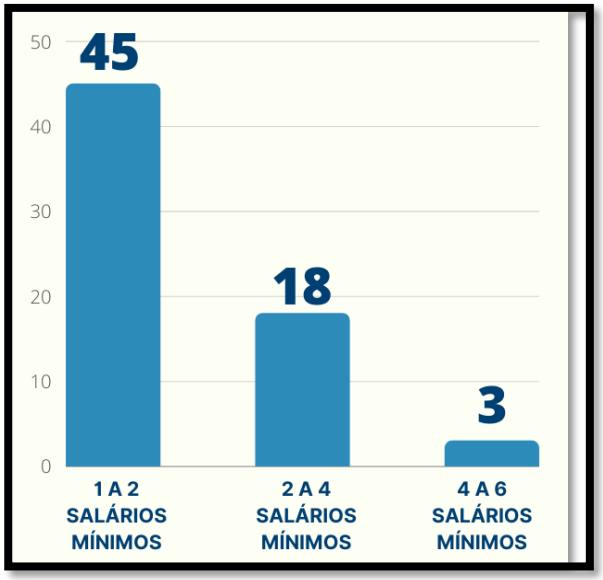
Fonte: elaborado pela autora, por meio dos dados gerados pela pesquisa (2022).

Dos 48 trabalhadores: 25 possuem trabalho formal, são assalariados, que é o tipo de trabalho onde o patrão e o funcionário cumprem as leis trabalhistas (CLT). Pode ser também a partir da realização de um concurso, seguindo assim leis específicas. 12 são autônomos, ou seja, não possuem vínculo empregatício com nenhuma empresa, trata-se de um profissional liberal. 7 dos participantes fazem "bicos" para viver (trabalho informal), ou seja, realizam trabalhos esporádicos quando aparecem, não possuem renda fixa e muito menos acesso a

direitos trabalhistas. 4 realizam trabalhos informais ou temporários, que são trabalhos contratados por tempo determinado, em que os direitos pertinentes ao período são pagos, conforme o gráfico que segue:

Pergunta 14: O salário-mínimo no Brasil atualmente é de R$1.212,00. Qual é a média salarial da sua família?

Gráfico 11: Média salarial



Fonte: elaborado pela autora, por meio dos dados gerados pela pesquisa (2022).

Sobre a média salarial, as respostas foram as seguintes:

45 participantes responderam que ganham de 1 a 2 salários-mínimos;

18 participantes responderam que ganham de 2 a 4 salários-mínimos;

3 participantes responderam que ganham de 4 a 6 salários-mínimos.

Do total de estudantes da EJA, 63 estão na faixa salarial de até 4 salários-mínimos. A esmagadora maioria está localizada na faixa de até dois salários. Esta é uma condição da maior parte da sociedade brasileira, infelizmente. O que permite entender, quando combinado com outros elementos mencionados, que o perfil social dessa população de estudantes é muito específico. As respostas remetem para a conclusão de que a EJA é composta por pessoas de baixo poder aquisitivo, conforme foi demonstrado no gráfico.

Pergunta 15: Qual é a sua profissão? Ou sua área de trabalho?

Quadro 7: Profissão das/dos participantes com trabalhos formais

Profissão das/dos participantes com trabalhos formais	**Quantidade de participantes**
Doméstica	5
Serviços Gerais	3
Cozinheira	2
Atendente	2
Encarregado de Estoque	2
Cabeleireira	2
Vendedora de Roupas	1
Artesã	1
Construção Civil	1
Auxiliar de Cozinha	1
Comerciante	1
Mecânico Industrial	1
Atendente de Farmácia	1
Caixa	1
Ajudante de Tratos Culturais da Cana de Açúcar	1

Fonte: elaborado pela autora, por meio dos dados gerados pela pesquisa (2022).

Das/dos participantes da pesquisa, 25 delas/es possuem trabalhos formais com as profissões relacionadas na tabela. Das/dos 41 participantes restantes, 12 possuem trabalhos autônomos e que não exigem especialização, tais como os de *delivery,* serviços gerais, construção civil, costureira, barbeiro, diaristas, manicure, dentre outros. Na lista, 7 estudantes disseram que vivem de "bico", pequenos serviços, usados para complementar a renda, por exemplo pequenos reparos, serviços de carga e descarga de caminhões e outros. Por fim, 4 estudantes possuem serviços temporários, com data para terminar, são eles: safristas, atendentes de lojas, babás e cozinheira. Num olhar mais atento, os dados acima permitem pensar que a precariedade empregatícia e a disposição de trabalhar parecem conviver muito próximos. Mais uma vez isso remete para as considerações de minha mãe, uma mulher que sempre encarou qualquer trabalho, sempre fez de tudo para prover os filhos. A história dos participantes da pesquisa, estudantes da EJA, coincide com a história dessa mulher que inspirou e inspira esta filha, mãe, pesquisadora e professora. Da mesma forma, reafirmo, que com os elementos dispostos, analisar o público dessa modalidade escolar, impõe à professora e ao professor uma dinâmica de ensino que considere a pessoa a sua frente.

Pergunta 16: Qual é a profissão que você gostaria de ter?

Ao responder esta questão, as ex-alunas/os e alunas/os da EJA deixaram claro que querem melhorar de vida e acreditam que o estudo é o melhor caminho. Querem terminar a EJA Ensino Médio e cursar um Curso Técnico ou Superior, conforme dados compilados dos questionários aplicados, percebemos que:

Quadro 8: Expectativas das/dos estudantes da EJA

08 querem ser engenheiros agrônomos
06 querem ser professoras
05 querem fazer enfermagem
04 querem ser policiais
03 querem ser advogados
03 querem ser esteticistas
01 ex aluno da EJA, que está terminando o Curso de Direito afirmou que quer ser Juiz e que já está se preparando para isto. O referido aluno, já foi aprovado no Concurso da Polícia Rodoviária Federal e possui um cursinho online, para pessoas que querem passar em concursos públicos
02 alunos responderam que não sabem que profissões gostariam de ter, retratando assim a realidade muitas/muitos estudantes que tem dificuldade em saber que área seguir profissionalmente
1 aluno respondeu que tanto faz, refletindo assim uma, aparente falta de maturidade, mas também, pode expressar uma forma pressionada de deixar o lugar em que ocupa, de forma rápida, por isso, qualquer coisa seria melhor que o cenário em que se encontra.

Fonte: elaborado pela autora, por meio dos dados gerados pela pesquisa (2022).

Observa-se que muitas outras profissões, que possibilitam principalmente melhores condições de vida, estão no radar das/dos participantes da pesquisa, tais como: caminhoneiro, barbeiro, economista, encarregada de setor da limpeza da prefeitura, monitora de creche, engenheira florestal, técnico em mecânica, assistente social, cozinheira profissional, engenheiro elétrico, cuidadora de idosos, auxiliar de necropsia e tanatopraxia e comerciante.

Pergunta 17: Por que você não concluiu os estudos na idade certa?

De 66 participantes, 30 estudantes afirmaram que não concluíram os estudos na idade correta, por falta de opção, uma vez que precisaram trabalhar, era questão de sobrevivência e não de escolha.

Quadro 9: Justificativas para não conclusão dos estudos

A) 10 estudantes do sexo feminino abandonaram os estudos por causa de namorado, marido e/ ou porque tiveram filhas/os, ou até mesmo porque era a filha mais velha e tinha a obrigação de cuidar dos irmãos mais novos, conforme relato da aluna S.T. "*Todos os meus irmãos e irmãs estudaram, mas minha mãe não deixava eu ir, porque tinha que ajudar cuidar deles e da casa. Hoje fico um pouco revoltada com isso, por isso voltei para escola, quero aprender também*" (sic).
B) 10 alunos não concluíram os estudos porque moravam na fazenda e lá não tinha escola ou só tinha escola com primário.
C) 6 alunos disseram que abandonaram a escola por desinteresse, preguiça, teimosia e falta de maturidade.
D) 5 alunos saíram porque tinham dificuldade em aprender a ler e escrever,
E) 2 alunos não concluíram os estudos porque foram reprovados, um deles relatou que foi reprovado na antiga 6ª série (hoje 7º ano), ficou revoltado, saiu da escola, casou e foi trabalhar. Na época, sua mãe era arrimo de família e por isso não conseguiu retornar para a escola.
F) 2 alunos sofreram bullying na escola e por isso abandonaram os estudos. Um deles chegou a afirmar que naquela época a escola não era um lugar bom; principalmente para quem não tinha condições.
G) 1 aluna teve problemas familiares e foi vítima de abuso sexual, na época o caso veio a público e ela afirma ter sofrido muito com a exposição do caso. Segundo a aluna, até hoje carrega traumas em decorrência do abuso sexual. Atualmente, ela trabalha e ainda não retornou aos estudos, devido à distância de sua casa até a escola.

Fonte: Dados gerados pela pesquisa (2022).

Pergunta 18: Por que você voltou a estudar? Quais foram as principais motivações para essa decisão?

Ao analisar as respostas das perguntas 18 e 20, verificou-se que as principais motivações para o retorno aos estudos pelas/pelos estudantes da EJA é a busca da inclusão social, da qualidade de vida e da libertação. Eles "sentiram na pele" que o conhecimento é essencial na conquista de melhores condições de vida. Compreendem agora que foram forçados a abandonar os estudos, mas sabem que continuarão à margem da sociedade numa luta constante por sobrevivência. Dentre muitos aspectos, a felicidade com o retorno à escola parece acontecer porque percebe-se um reacender, um gosto pelo estudo e pela aprendizagem, proporcionado por ambiente escolar acolhedor, pelo diálogo com algumas/alguns boas/bons professoras/ professores e a socialização entre os pares. Tudo isso, junto à esperança de um futuro melhor, parece compor uma espécie de receita para driblar o cansaço, os problemas e ir todas as noites para a escola. Como disse a aluna W: *"Eu sabia que mesmo sendo difícil, o estudo era a ponte." Os entrevistados deixam claro a importância do retorno à escola para melhorar a renda e agregar conhecimento* (sic).

Observa-se, a partir das respostas dadas pelas/pelos estudantes, que para além do retorno, o que faz com que as/os da EJA continuem na escola, mesmo com a labuta diária, é o apoio das/dos professores, como relatou uma ex aluna: "As professoras eram muito

carinhosas, tornando a escola um ambiente agradável. Estudar na EJA era uma espécie de terapia" (sic), ou como afirmou a outra estudante: "A escola foi a melhor coisa que aconteceu em minha vida" (sic).

A seguir, tem-se as principais motivações apontadas pelos participantes da pesquisa:

Quadro 10: Principais motivações para estar na EJA

A) Para conseguir um serviço melhor e mais leve.
B) não somos nada sem estudo. Tem que estudar.
C) sempre sonhei em estudar.
D) para tentar melhorar de vida.
E) para ter uma formação.
F) o trabalho exigiu que eu voltasse a estudar.
G) agora meus filhos já estão independentes.
H) em 2021 eu estava deprimida e minha filha fez minha matrícula.
I) percebi o quanto a falta de estudos me atrapalhava, quero fazer agronomia.
J) queria terminar os estudos, que interrompi no terceiro período da EJA.
K) para realizar meu sonho, o meu falecido marido não me deixava estudar, para ele mulheres que estudavam não prestavam.
L) minha namorada me deu muita força e foi assim que eu retornei aos estudos.
M) não sabia nem ensinar as tarefas de casa aos meus filhos no primário.
N) o sonho só adormece não morre, sempre quis cursar Direito e por isto estou na luta.
O) o estudo é necessário, sempre quis fazer teologia e esse é o caminho.
P) perdi vários empregos por falta de escolaridade.
Q) sem estudo não somos nada, sempre quis fazer um concurso,
R) cansei de ser pobre.
S) percebi que para melhorar de vida precisava estudar.
T) separei e estava entrando em depressão.
U) sempre quis ser independente.
SIC

Fonte: Dados gerados pela pesquisa (2022).

As múltiplas respostas acima caminham numa direção, parece haver uma combinação de sentidos que apontam para uma realização pessoal, uma construção de fazer-se a si mesmo, de autorrealização. Poucas considerações fazem menção a um sentido mais amplo de família ou mesmo de coletividade. O sentido liberal parece prevalecer entre as/os participantes. A legitimidade da natureza das respostas não é um impedimento para considerar os desdobramentos do ensino e dos seus impactos individual e coletivamente.

Pergunta 19: Você esteve ou está contente com o seu retorno aos estudos?

As/Os participantes foram unânimes em responder que estão contentes com o retorno aos estudos, como é possível perceber no depoimento de P1:

Estou no 2° período dos anos finais, a EJA tem sido muito importante no meu desenvolvimento emocional, mental e profissional. Parei de estudar na adolescência por não ver a importância do estudo, hoje eu percebo o quanto é necessário na vida. A EJA tem me feito muito bem, tenho aprendido várias coisas, inclusive ir atrás dos meus sonhos (P1, 2022, sic).

Pergunta 20: Justifique a sua resposta anterior, com no mínimo dois motivos.

A justificativa foi realizada junto com a questão 18.

Pergunta 21: Você se considera alfabetizado e letrado? Ou seja, sabe ler, escrever e interpretar os enunciados?

50 estudantes responderam que se consideram alfabetizados e letrados, 15 estudantes responderam que se acham mais ou menos alfabetizados e letrados e uma estudante afirmou que não está alfabetizada. Há que considerar que ser alfabetizado em nosso país representa muito mais do que se ter o domínio do código linguístico (alfabetizado), é preciso conseguir atuar em diferentes práticas sociais de leitura e da escrita (letrado). Assim dizer que é alfabetizado e letrado é estar dentro de uma das fatias privilegiadas socialmente, já que não lhe foi negado o direito ao acesso ao ensino das letras. Privilégio este maior ainda para aqueles que tiveram oportunidade de acesso e de permanência na educação básica.

Na cidade de Paracatu, para homens e mulheres que não puderam ter acesso a essa conquista na idade correta, adquirir essa capacidade pode representar muito, como observamos nas respostas que seguem.

Pergunta 22: Justifique a resposta dada na questão anterior

Ao serem perguntados se eram alfabetizados e letrados, responderam que sim e justificaram com argumentos, tais como: "comunico-me com facilidade", "sei ler e escrever e "interpretar", "consigo perceber os erros ortográficos e estou fazendo o curso de Direito". A seguir, tem-se as respostas das/dos participantes:

Quadro 11: Respostas das/dos estudantes sobre *se considerar* alfabetizado e letrado

- *Sou inteligente e gosto de aprender* (P1).
- *Já fiz concursos, passei e quase fui chamado* (P2).
- *Antes não gostava de escrever e hoje em dia leio muito; - clareou muita coisa na minha mente"* (P3).
-*Aprendi a gostar do jornal* (P4).
- *Escrevo, leio bem, e interpreto, no meu trabalho tenho facilidade em me comunicar* (P5).
- *Conclui a EJA Ensino Médio e me comunico bem* (P6).
- *Trabalho na rodoviária e lá uso os meus conhecimentos o tempo todo e tenho facilidade* (P7).
- *Leio com facilidade, escrevo bem e tenho a letra bonita (*P8).
- *Por ter voltado a estudar hoje interajo bem com as pessoas como trabalho em farmácia leio o tempo todo e sei informar as pessoas com segurança* (P9).
- *No meu trabalho tenho que preencher vários formulários* (P10).
- *Tenho facilidade em aprender e tudo que eu faço, faço bem* (P11).
- *Estou fazendo o curso de direito e uso a leitura, interpretação e escrita o tempo todo* (P12).
- *Eu leio com facilidade, escrevo bem. Acho que tive um bom aproveitamento* (P13).

- Tenho uma função importante em minha comunidade, na qual um analfabeto não conseguiria ocupá-lo (P14).
- No dia a dia consigo realizar todas as funções ligadas à minha rotina e ao comércio (P15).
- Eu leio com facilidade não fico de recuperação e tiro total (P16).
- Já tive muita dificuldade, mas hoje em dia utilizo os conhecimentos no meu trabalho, inclusive fiz o ENCCEJA e passei e agora pretendo continuar estudando (P17).
- Eu concluí o ensino médio EJA e estou fazendo 2 cursos técnicos (P18).
- Eu continuo estudando e no meu dia a dia uso bem a leitura escrita e interpretação (P19).
- No meu dia a dia uso esses conhecimentos (P20).
- Só tenho que agradecer os professores e tiveram boa vontade em me ajudar (P21).
- Não dependo de ninguém para nada e participo ativamente em projetos sociais como o projeto Despertar do Alto da Colina, com crianças e moradores em situação de rua (P22).
- Tenho Autonomia (P23).
- Eu sei escrever a partir da audição não preciso copiar, sem regras ortográficas (P24).
- Faço compras, vou ao banco, viajo (P25).
- Sei escrever bem e tenha uma boa leitura (P26).

Fonte: Dados gerados pela pesquisa (2022).

Apenas 01 das participantes afirmou não ser alfabetizado e letrado, uma vez que segundo ela, ainda não consegue ler. Ainda, de modo geral, 15 participantes disseram que são mais ou menos alfabetizados e mais ou menos letrados, porque:

Quadro 12 - Justificativas dadas pelas/pelos estudantes sobre ser mais ou menos alfabetizados/letrados

	"Tenho dificuldade em interpretação de texto" (P27).
	"Leio, mas tenho dificuldade em escrever" (P28).
	"Sei ler, mas não consigo interpretar"(P29).
	"Tenho dificuldade com ortografia, fonemas e a escrita de modo geral"(P30).
	"Acho difícil interpretar, tenho dificuldade" (P31).
	"Eu leio mas tenho dificuldade em interpretar" (P32).
	"Eu leio com facilidade, escrevo bem. Acho que tive um bom aproveitamento" (P33).
	"Tenho dificuldade em escrever na gramática correta" (P34).
	"Tenho dificuldade com escrita" (P35).
	"Tenho dificuldade em interpretar "(P36).
	"Tenho dificuldade em ler e um pouco de problema de vista" (P37).
	"Tenho dificuldade com palavras com RR, SS e sou preguiçoso para ler e tenho dificuldade na matemática em de visão" (P38).
	"Eu tenho dificuldade com leitura e escrita mesmo assim consigo resolver as minhas coisas (P.39).
	"Não consigo ler ainda"(P40).
	"Não me sinto analfabeto, porque eu consigo assinar consigo ler os enunciados mas sinto que preciso aprender mais "(P41).

Fonte: Dados gerados pela pesquisa (2022).

Há que se considerar o que significa ter ao menos alguma condição de acesso à leitura e à escrita, na cidade de Paracatu, para mulheres e homens, em sua maioria negras/negros, que não puderam alcançar o nível do letramento, na idade correta. Como mencionado acima, ser alfabetizado e ser letrado representa muito, como expressam as observações acima. Partimos para a discussão sobre os sonhos das/dos estudantes.

Pergunta 23: Quais são os seus SONHOS?

Quanto à pergunta sobre os sonhos, as/os participantes deixaram claro que possuem várias perspectivas de vida. A maioria tem sonhos relacionados à aquisição de moradia própria e bens materiais, tais como: construir ou comprar uma casa própria; os que já possuem moradia querem reformá-la, outros querem comprar apartamentos e fazendas. Ter uma casa melhor e um carro dos sonhos. Muitas alunas/Muitos alunos retornam à escola para conseguir tirar a carteira de habilitação, que é um processo difícil, que exige leitura, escrita e interpretação.

Ainda relacionado a essa pergunta, para elas/eles, o projeto de vida está ligado ao bem-estar da família como: ajudar os parentes, mudar de cidade para ajudar criar os netos, encaminhar os filhos na vida, como relatou a P21. "Quero ver meus netos crescerem e ver meus filhos formados". Outras/Outros estudantes relataram que querem dar uma vida melhor aos pais. E uma das ex-estudantes, que tem um filho especial, disse que gostaria que ele começasse a falar; outro participante ressaltou que a sua motivação é a felicidade dos filhos, poder dar uma aposentadoria boa para a mãe. Além desses sonhos, aparece ainda a questão de aprender a ler e escrever bem, de serem letrados. Percebe-se que a busca da realização pessoal está entre os sonhos das/dos estudantes da EJA, que almejam muitas conquistas, tais como aprender a ler para fazer a leitura durante a missa; conhecer uma pessoa especial; continuar solteira; dar continuidade aos estudos e ser feliz; viajar e conhecer vários lugares dentro e fora do país; conhecer a cidade de Ilhéus; e pescar sempre que quiser.

As/Os participantes sonham com um dado tipo de inclusão social a partir do conhecimento, constatação que está presente nas metas das/dos estudantes da EJA, conforme relato a seguir: "um homem sem sonho é o mesmo que interromper a vida". Elas/Eles querem terminar o ensino médio, fazer curso técnicos e muitos querem fazer um curso superior. Entre os cursos mais citados estão: Segurança do Trabalho, Agronomia, Mecatrônica, Fisioterapia. Elas/Eles creem que, a partir do estudo, serão bem-sucedidos na vida e poderão se sustentar, querem crescer no conhecimento e continuar estudando. Outras/Outros estudantes querem fazer Curso Superior como: Pedagogia de Teologia, para ser pastora ou pastor. Eles demonstram também a vontade de realizar concursos públicos. Abaixo, relaciono alguns apontamentos feitos pelas/pelos participantes, onde afirmam que o estudo é a ponte para conseguir conquistar o que almejam:

Quadro 13: Sonhos das/dos estudantes

- *Desejo terminar a Faculdade de Agronomia, ter um bom trabalho, crescer dentro da empresa, terminar os estudos* (P1)
- *Quero aumentar minhas vendas de bolo* (P2)
- *Quero trabalhar enquanto tiver forças* (P3)
- *Quero ser cuidadora de idosos* (P4)
- *Vou ser uma professora* (P5)
- *Vou fazer um Curso Técnico* (P6)
- *Quero ter uma loja com ponto comercial próprio* (P7)
- *Quero ter uma barbearia* (P8)
- *Quero terminar o curso de enfermagem e ingressar na área da saúde* (P9)
- *Preciso terminar meus estudos para conseguir um trabalho melhor* (P10)
- *Tenho que trabalhar e ter minha própria casa e construir minha família* (P11)
- *Quero ser rica* (P12)
- *Tenho que terminar os estudos para arrumar outro emprego e mudar de vida* (P12)
- *Quero ser um policial militar* (P13)
- *Para poder trabalhar no que eu gosto* (P14)
- *Pretendo cursar Assistência Social, e melhorar da coluna* (P15)
- *Quero formar, trabalhar, ser independente, casar, formar meus filhos e ser feliz* (P16)
- *Terminar os estudos e abrir uma casa de materiais de construção* (P17)

Fonte: Dados gerados pela pesquisa (2022).

Algumas/Alguns estudantes apontam a importância do retorno aos estudos para mudar de classe social e ter uma vida melhor. Outras/Outros afirmam que terminar os estudos é pré-requisito para construir uma família, conseguir independência aos 60 anos, para ser caminhoneiro e viajar. Algumas/Alguns querem poder morar na praia ou em uma chácara; ser uma grande empresária no ramo da moda e ganhar 100 mil reais por mês; trabalhar com vendas e aprender outras coisas.

É importante explicar que assim como essas/esses estudantes, eu venho de uma realidade que, apesar de todos os obstáculos, não nos era negado o direito de sonhar. Minha mãe entendeu que tinha esse direito e eu senti, também, não como uma obrigação, mas com um desejo, um sonho, um direito de alfabetizá-la e de colocá-la em práticas de letramento. Não posso dizer que a educação dá conta de tudo, mas posso afirmar que é um grande caminho, ou como afirma Paulo Freire:

> Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um que fazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos (Freire, 1991, p. 126)

Dessa forma, as/os estudantes da EJA acreditam que o retorno aos estudos pode ser um caminho para a realização dos seus sonhos. Observa-se que dentre os vários motivos para o retorno aos estudos é que no fundo, eles querem é ser respeitados como gente e viver com dignidade.

Pergunta 24: Você acha que o retorno aos estudos pode te ajudar na conquista desses sonhos? Justifique.

Quando perguntado se o retorno aos estudos ajuda na conquista dos sonhos, todas/todos as/os participantes responderam que sim, justificando que o retorno aos estudos é crucial para a realização dos projetos de vida, conforme as principais justificativas compiladas: as/os estudantes afirmaram que o estudo é tudo hoje em dia, que o retorno aos estudos possibilita a realização dos sonhos. Um dos estudantes disse que voltou para a escola e já está fazendo o Curso Técnico, uma estudante ressaltou que agora é uma nova pessoa, que o conhecimento ampliou as suas possibilidades e a sua visão do mundo. Elas/Eles ressaltam que estudar faz com que tenham um entendimento melhor sobre tudo. É notável o quanto o retorno aos estudos proporciona independência e autoestima, em ações do dia a dia, como conseguir fazer uma lista de compras, saber qual é o ônibus correto para chegar ao seu destino. Um outro ponto levantado é o quanto a comunicação melhora.

Ao analisar as respostas, observa-se o quanto o retorno aos estudos motiva-os a querer crescer, conseguir um emprego melhor e mudar de classe social e econômica. Uma das alunas ponderou que o fato de ter voltado a estudar motivou até os seus filhos, é como se a sua história de dificuldades e busca de superação funcionasse como uma mola propulsora, motivando-os a não querer passar pela mesma situação, agarrando assim a todas as chances de aprender. O retorno à escola amplia a visão de mundo, conforme ressalta um dos alunos: “através do conhecimento, as oportunidades e as melhorias acontecem”. Várias/Vários participantes afirmaram que acreditam que o estudo é a porta de entrada para o sucesso e que na falta dele, fica impossível mudar de classe social honestamente neste país: “Vejo pessoas da minha idade fazendo faculdade com empregos bons, porque estudou” (sic), disse um dos alunos. “Se não tivesse voltado a estudar, não estaria na empresa que estou hoje” (sic), ressaltou outro. Uma das alunas respondeu o seguinte: “só estudando vou conseguir ser uma professora” (sic).

Os relatos deixam claro que as/os estudantes da EJA perceberam que o conhecimento desperta a curiosidade e a vontade de crescer academicamente. Vários/Várias responderam algo como o P18: “sem estudo não conseguimos nada, sem o ensino médio, não poderíamos fazer um curso técnico e/ou mesmo um Curso Superior” (sic).

Um dos ex-aluno da EJA, que hoje é gerente do posto de gasolina, onde inicialmente foi contratado como frentista, quando um participante ressaltou: “ter estudado foi muito importante na minha vida, inclusive recomendo que as outras pessoas corram atrás dos seus

sonhos, foi através da EJA que consegui realizar um curso superior e conquistar meu sonho, de ser reconhecido profissionalmente" (sic).

Pergunta 25: Você acha que as aulas de História na EJA, contribuíram em algo para sua vida? Justifique sua resposta

Em resposta à pergunta sobre a contribuição ou não das aulas de História na EJA, na vida das/dos estudantes, grande parte das/dos alunas/alunos presentes responderam que sim, que tem importância. Alguns justificaram que as aulas de História os ajudaram a entender melhor os acontecimentos da vida, a ser mais crítico e a ver o mundo de outra forma. Outros relataram que acham as aulas interessantes e motivadoras, que aprendiam muito. Houve apontamentos também sobre a importância de aprender sobre os antepassados, principalmente os povos originários e os africanos, que foram escravizados no Brasil. Um dos alunos disse: "Estudar História é como viver em outra época" (sic). Muitas/Muitos alunas/alunos relataram que com a disciplina de História, aprenderam muito sobre a história de Paracatu, o aluno P3 relatou: "muitos de nós não conhecíamos a nossa história local e nas aulas isso foi possível". P18 frisou que: "as palestras sobre Educação Patrimonial me fizeram apaixonar pela cidade" (sic). Percebe-se que o fato de trabalhar a História local faz com que o conteúdo faça sentido, conforme afirmou o aluno P8: "Estudando História adquirimos conhecimento sobre o nosso país" (sic).

Vale ressaltar que o trabalho com a disciplina de História inspira-se na educação freiriana, onde "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo". (FREIRE, 1987, p. 79).

Pergunta 26: Que aprendizado a pandemia COVID 19 deixou para você?

Em resposta sobre que aprendizado a pandemia nos deixou, a totalidade das/dos participantes disseram que aprenderam muito com a pandemia e dentre as principais justificativas destacam-se os cuidados com a higiene, oportunidade de conviver e valorizar a família e a importância da socialização com as pessoas. Um dos alunos relatou que: "a pandemia escancarou o quanto é horrível ficar só" (sic).

Várias/os alunas/alunos afirmaram que a situação pandêmica os ensinou a ser mais humanos, ter mais cuidado e ser mais responsável. Ratificaram que a pandemia mostrou que

o homem não é dono da verdade, que ninguém é melhor que ninguém, haja vista que 700.000 mil vidas foram ceifadas e que houve aumento dos casos de depressão, ansiedade, síndrome do pânico e muitos efeitos colaterais da doença. Foi um triste e forçado aprendizado, mas que serviu para aproximar mais as famílias.

Ressaltam também que aprenderam a dar valor à vida e a ter mais higiene, perceberam o quanto a prevenção foi importante na manutenção da vida. O P1 disse: "O que achei mais difícil foi lidar com o isolamento e rejeição das pessoas, ver as pessoas correndo de mim me dava tristeza" (sic). O P27 lembrou que a pandemia foi "um sofrimento que já aconteceu no passado, que inclusive estudamos em História, trazendo a possibilidade de desenvolver novos conhecimentos, tivemos que nos readaptar" (sic). "Fiquei acamado, aprendi a ficar em casa", relatou um dos ex-estudantes da EJA. Já o ex-aluno P17 declarou que a pandemia lhe proporcionou novas oportunidades de trabalho como o *delivery*, que veio para ficar. Outras/os alunas/alunos disseram que tiveram que aprender a lidar com as dificuldades financeiras provocadas pelo desemprego. Enfatizaram também que aprenderam, com a dor, a dar mais valor à vida, uma vez que viram parentes e amigos com uma expectativa longa de vida morrendo pelas questões sistêmicas ocasionadas pelo Sars-Cov-2, tal como questões respiratórias, parada cardíaca e falência dos rins. Ratificaram que essa doença deixou sequelas físicas e emocionais em todos, mas ao mesmo tempo nos ensinou a sermos mais solidários e resilientes.

Ainda a respeito do que a pandemia da COVID-19 trouxe e nos ensinou, a aluna P12 relatou que: "o povo brasileiro é muito porco, e que com a pandemia as pessoas tiveram que aprender a ter mais higiene" (sic). Em relação às famílias, a pandemia mostrou cenários diferenciados, pois alguns a pandemia criou uma oportunidade de união, uma vez que relataram ter ficado mais unidos, melhorando assim o relacionamento interpessoal. Já para outros, o lar se tornou um inferno, haja vista o aumento das denúncias de violência doméstica.

Enfim, a " pandemia chegou na calada e fez uma devastação" e em meio a uma terrível catástrofe, aprendemos a nos cuidar melhor, ter mais empatia com o próximo, reconhecer a importância de investimentos na ciência e também que prevenir é sempre melhor que remediar, uma vez que "a vida é um sopro", conforme depoimentos de alguns participantes: "perdi uns 4 parentes e aprendi que precisamos mudar os nossos hábitos"(sic); "Aprendi a tomar cuidado porque peguei e foi muito difícil recuperar, mas ao mesmo tempo aprendi a respeitar e amar mais o próximo"(sic).

Alguns participantes ressaltaram o quanto foi ruim não poder ter contato com as pessoas, um deles disse: "eu sofri muito com a perda do meu irmão, o fato de não poder ter

velório triplicou o sofrimento" (sic). Outras/Outros alunas/alunos salientaram: "aprendi que a vida é passageira e que precisamos nos cuidar, uma vez que qualquer doença pode matar, se não tivermos os devidos cuidados e boa saúde" (sic); "Perdi meu ganha pão durante a pandemia, eu trabalhava com festas de rodeio e com o isolamento tive que parar, foi difícil" (sic).

Com relação aos processos educacionais da EJA, e propriamente sobre as aulas remotas, muitas/os participantes deixaram claro que não gostavam das aulas remotas, porque não conseguiam acompanhar. Já uma aluna afirmou que foi importante continuar estudando durante a pandemia.

3.3. Dos momentos de interação na EJA e das práticas de letramento e da análise dos dados

Conforme já discutido, a pandemia da COVID-19 deixou sequelas sociais e educacionais terríveis, pois houve um retrocesso no processo de aprendizagem, dentre eles no processo de alfabetização e de letramento. Houve também retrocesso no processo comportamental que, no contexto da EJA, foram percebidos de imediato. Desde o início das aulas, uma das turmas da EJA demonstrou sérios problemas disciplinares. E numa tentativa de compreender o porquê de tanto desinteresse e agressividade, em um momento de debate e interação durante a aula de História, surgiu o tema suicídio, que motivou as/os estudantes a compartilharem situações em que relatam que tentaram tirar a própria vida. Diante desses relatos, chegou-se à triste constatação de que numa turma com 15 estudantes, apenas dois deles nunca haviam tentado algo contra a vida. Esta informação nos deixou alarmados e soou como um despertar para compreender que o mau comportamento era um pedido de socorro, já que como tantos outros brasileiros, as/os estudantes vivenciaram um período pandêmico que deixou problemas e traumas, muitas vezes insuperáveis.

Na certeza de que a escola não poderia ser omissa, o assunto foi tema da reunião de Conselho de Classe, onde foram sugeridas ações pontuais para minimizar tais problemas e ao mesmo tempo melhorar o relacionamento em sala de aula, para que assim a aprendizagem acontecesse.

Assim, para trabalhar a questão da autoestima e o respeito à mulher e, principalmente, a Valorização da Vida, a estratégia foi aproveitar as comemorações ao Dia Internacional da Mulher. Com isso, aconteceram dois eventos na EJA: no dia 05/03 (Sábado Letivo), tivemos

uma Roda de Conversa com a Orientadora Social Cilhe Meire Oliveira, que com muito carisma conversou sobre a importância do amor-próprio e sobre a valorização da vida.

De forma indireta, trabalhou-se que a vida é um presente e que por pior que possa parecer um problema ou situação, tudo passa. Outro tema explorado foi o machismo enraizado em nossa sociedade. No dia 09/03, fomos agraciados com a presença da Professora e militante das questões afro-raciais, Lara Luísa, que com muito axé, compartilhou suas experiências e pontuou que já foi vítima de violência doméstica, ressaltando o quanto o conhecimento a libertou desta situação, abrindo as portas para novas experiências de combate a todas as formas de preconceito.

Figura 2: Roda de Conversa com a Orientadora Social
Cilze Meire Oliveira, no dia 05/03/2022

Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022).

Figura 3: Bate papo Empoderamento Feminino com a Profa. Mestra e Militante Lara Luísa

Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022).

A partir destas atividades e de uma nova postura por parte de toda equipe, em relação às particularidades que estavam por trás de comportamentos agressivos, impropérios e desinteresse, foi possível perceber uma pequena melhora. Demos continuidade às ações, uma vez que o tráfico e uso de drogas é um problema sério dentro do ambiente escolar. Assim, no dia 20/06/2022, o Delegado da Delegacia da Mulher de Paracatu, Dr. Humberto Juno, e o Investigador de Polícia, o Sr. Alfredo

Pereira Neto, de forma interativa conduziram uma roda de conversa com as alunas e alunos da EJA, sobre o tema *Uso de Drogas e Violência Doméstica*. O evento foi produtivo e educativo, no qual foi explicado quais são as consequências do uso das drogas lícitas e ilícitas. Essa ação contou com a participação das estagiárias do Curso de Pedagogia da FINOM[9], que nos auxiliaram bastante, tanto nas ações quanto no uso de dispositivos educacionais. Tudo isso contribuiu para uma reflexão sobre a importância da prática pedagógica e de um trabalho coletivo no processo de ensino e aprendizagem, sem renunciar ao afeto, tão importante no contexto da EJA. Faz-se necessário, então, convocar Paulo Freire, em sua pedagogia da autonomia, quando ele defende que:

> A competência técnico científica e o rigor de que o professor não deve abrir mão no desenvolvimento do seu trabalho, não são incompatíveis com a amorosidade necessária às relações educativas. Essa postura ajuda a construir o ambiente favorável à produção do conhecimento onde o medo do professor e o mito que se cria em torno da sua pessoa vão sendo desvalados. É preciso aprender a ser coerente (Freire, 1999, loc.7).

Pontuamos, assim, que os diversos investimentos educacionais podem e mudarão a realidade social paracatuense. Fizemos os registros dessas ações porque elas representaram momentos profícuos de interação entre estudantes, professoras, professores, direção, palestrantes convidados, estagiários, dentre outros.

Figura 4: Roda de conversa com estudantes da EJA, sobre o uso de Drogas e Violência Doméstica.

Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022).

[9] Faculdade do Noroeste de Minas – FINOM. Instituição que atua no município de Paracatu desde o ano de 1987.

Figura 5: Divulgação do *WhatsApp* da Frida, em Paracatu

Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022).

De posse aos resultados do 1º Bimestre e das avaliações diagnósticas, realizamos a comemoração do Dia do Estudante, com foco na intervenção pedagógica, em que a estratégia foi comemorar dia 11 de agosto, com uma gincana multidisciplinar e diversas atividades como: bingo do Conhecimento, jogos, brincadeiras, em que o critério era a abordagem dos conteúdos trabalhados em todas as disciplinas. Sobre o evento, que foi descontraído e educativo, seguem alguns registros:

Figura 6: Comemoração do Dia do Estudante como ação de intervenção

Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022).

Dentre os vários e importantes momentos que marcam a dinâmica educacional na EJA, as festas juninas são uma constante, e, em alguns casos, uma prioridade, por ser uma forma de valorizar, de maneira bem divertida, a cultura local, a partir das comidas típicas, festejos, crenças, manifestações culturais e dizeres próprios de Paracatu. Entendemos que a experiência cotidiana é um importante suporte de diálogo e de construção de possibilidades de ensino. Os

registros a seguir confirmam a resposta da indagação: *na EJA teve festança? Teve sim, senhor.* O Arraiá aconteceu no dia 30 de junho de 2022, com quadrilha, concurso de forró, premiação para o casal mais animado, batalha de rimas e muita comida típica saborosa.

Figura 7: Arraiá da EJA

Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022).

Figura 8: Arraiá da EJA

Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022).

Para desenvolver e justificar a escolha didática e a natureza do estímulo educacional para aquisição do letramento, pontua-se que a valorização de aspectos sociais, de trajetórias

históricas reais, e/ou simbólicas, para compor as atividades registradas abaixo, foram desenvolvidas aulas oficinas inspiradas em Isabel Barca, professora pesquisadora em Educação Histórica tanto em Portugal como aqui no Brasil, e na utilização práticas respaldadas na metodologia ativa[10], partindo da ideia de que os conteúdos previstos no Currículo Referência de Minas Gerais-CRMG, sejam abordados em diálogo com a história pessoal, conhecimentos prévios e experiência de vida dos educandos da EJA, em diálogo com a história com a cultura local.

Ainda no aspecto metodológico dessa atividade, justifica-se a iniciativa, uma vez que ao trabalhar os temas transversais em sala de aula, a partir das questões e dilemas sociais, o conteúdo passa a fazer sentido e a magia do conhecimento acontece. Para tanto, é primordial a utilização de espaços diversos, visitas aos locais de memória, aulas de educação patrimonial. As aulas oficinas foram desenvolvidas, com foco em trabalhar as habilidades básicas do letramento, que não foram consolidadas na época certa e ao mesmo tempo introduzir os conceitos fundamentais para o entendimento do conteúdo de História. Esta foi desenvolvida com todas as turmas, realizando assim um nivelamento, levando-se em conta a heterogeneidade das turmas da EJA e o retrocesso pedagógico provocado pelo período de pandemia.

Assim, tenta-se devolver às estudantes/aos estudantes, não apenas o incremento de informações soltas e desconexas, mas o exercício do direito à educação que em algum momento da vida lhes foram negados, mas uma educação que dialogue com os seus saberes, com sua história, com seus fundamentos de ser e estar no mundo.

Em outra atividade de escrita, desenvolvida em sala de aula do 1º período da EJA, em forma de diagnóstico e de apresentação, em que lhes foi pedido que levassem para a sala de aula os documentos pessoais (Certidão de Nascimento, Identidade, CPF, Carteira de Habilitação) e outros casos que tivessem. Ao observar os documentos, percebi que o da aluna X estava com a digital. Com cuidado, perguntei a ela se sabia escrever o nome. A aluna, com calma, respondeu: *"Professora eu só sei escrever meu nome olhando-o escrito, por isso retornei à escola, quero ter outra identidade, mas tenho medo de na hora ficar nervosa e não conseguir escrever o meu nome*". Neste momento, cheguei mais perto, e num gesto de afeto, disse-lhe: "*com esforço, rapidinho você estará com a segunda via da sua identidade em mãos*". Ela sorriu e continuou realizando a atividade, que era transcrever os dados da identidade para uma folha xerocada com o modelo de uma identidade. Terminei a aula

[10] Sobre metodologias ativas, ver seção dos pressupostos metodológicos.

ressaltando a importância dos documentos pessoais, uma vez que são fontes históricas escritas de extrema importância, pois é o que nos certifica, que nos torna cidadãos.

Perceber a dificuldade da aluna, o sofrimento que isto lhe causava e poder intervir para ajudá-la foi o ponto culminante da aula. Pedi a ela que treinasse o nome em casa e me mostrasse a cada aula. Em duas semanas, ela já estava com a segunda via da identidade em mãos. O conhecimento é libertador, exatamente como defende Paulo Freire: "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção." (Freire, 2003, p. 47).

Esta disparidade dificulta o desenvolvimento dos conteúdos das diversas áreas do conhecimento, propostos pela Base Nacional Comum Curricular do Ensino Fundamental, homologada pelo Ministério da Educação, em 20 de dezembro de 2017, fato inclusive, que é um dos motivos da evasão na EJA. Para solucionar este impasse educacional, pretende-se utilizar o conteúdo previsto nas aulas de História como recurso pedagógico, no intuito de auxiliar na consolidação do processo de letramento das/dos estudantes da EJA, a partir de ações pedagógicas, tais como: roda de conversa com uma dinâmica de apresentação oral e produção de um texto de apresentação em que o(a) estudante conte aos colegas um pouco de sua história, com relato de fatos marcantes, o que esperava da escola e quais são seus projetos de vida. Do ponto de vista da escolha profissional, destaca-se que esta atividade proporciona à professora/ao professor uma visão inicial da turma e ao mesmo tempo promove interação entre os colegas, que é primordial para que o aluno não desista. Atividades assim permitem observar os variados níveis de processo de alfabetização e letramento existentes numa mesma turma.

A partir das rodas de conversa de apresentação inicial, realiza-se avaliações diagnósticas com base nas habilidades previstas no Centro de Referência de Minas Gerais - CRMG, para cada período escolar. A análise dos resultados direciona o início do percurso pedagógico de cada turma, a partir dele que se percebe que muitas/muitos estudantes mal conseguem escrever o nome. A partir dos resultados, fica clara a necessidade de adaptação dos planejamentos, conforme as realidades da turma.

A EJA necessita que as professoras/os professores deem aulas instigantes e conectadas com as questões do dia a dia, onde tenham momentos que aproveitam a oralidade e bagagem de conhecimentos e vivências, que eles trazem consigo. Para tanto, é preciso ousar, educar além dos muros e utilizar espaços diversos, que dialoguem com os locais de memória da cidade, que muitos nem sequer conhecem.

Almeja-se, com as aulas-oficinas, ofertar estímulos educacionais vários, e que é possível ensinar os conteúdos da disciplina de História e ao mesmo tempo utilizá-las como ferramentas metodológicas de efetivação do processo de aprendizagem. A adulta/o adulto aprende com o que vê sentido, sendo possível ensinar o conteúdo de História proposto na Nova Base Nacional Comum Curricular – BNCC, a partir do diálogo com o contexto social e com a experiência de vida do educando. Dando assim vida e sentido à História, tornando o conteúdo de História um recurso pedagógico, para a consolidação do letramento das/dos estudantes da educação de jovens e adultos (EJA) Ensino Fundamental - Anos Finais.

Para tanto, é essencial que o professor conheça a história de vida das/dos alunas/alunos, que é a base para a construção de um diagnóstico inicial, com várias informações, tais como: nível de letramento, conhecimentos empíricos, história de vida, talentos, traumas, etc. Uma vez que vivemos em um país capitalista neoliberal, baseado em metas e resultados para geração de investimentos que definem os rumos da Educação brasileira, que evidencia umas das fragilidades educacionais do Brasil.

Buscou-se caminhos a partir do ensino investigação na Educação Histórica, por meio de aulas-oficinas, que possibilitam que a teoria se transformasse em conhecimento, a partir de uma interação prática no chão da escola. Nessa perspectiva, foi desenvolvida na EJA Cacilda - Polo Antônio Ribeiro, dois dias de "Aulas Oficinas", inspirado na pesquisa da historiadora Isabel Barca e, em especial, nas suas considerações acerca da Consciência Histórica, que não é uma exclusividade no pensamento de Rüsen. Nos vários diálogos bibliográficos, inspira-nos igualmente as observações de Gadamer [2003, p. 17], por exemplo, quando este afirma que esta consciência histórica está relacionada "a um tipo de privilégio do homem moderno, por meio do qual se adquire plena consciência da historicidade de todo presente e da relatividade de toda opinião". E em entrevista publicada na *Revista Nova Escola*, Barca explica o que é a aula-oficina:

> É um modo de trabalhar que organizei em 1999, resultado das aulas que ministrava na Universidade do Minho. A ideia é que, primeiramente, o professor selecione um conteúdo, pergunte aos alunos o que eles sabem a respeito e, então, selecione as fontes históricas pertinentes para a aula. Em seguida, ele deve orientar os estudantes a analisarem os materiais, fazer inferências e comparações. Todos se envolvem no processo e produzem conclusões históricas, que podem ser mais ou menos válidas e mais ou menos próximas às dos historiadores. No entanto, elas devem sempre ser valorizadas, avaliadas e recontextualizadas com a ajuda do educador. Assim, as crianças tomam consciência do que aprenderam, do que falta saber e do que mais gostariam de conhecer. A aula-oficina vai contra a corrente que não se preocupa com o que ensinar e prioriza em manter o grupo motivado (Barca, 2013, loc.1)[11]

[11] Entrevista concedida à revista «Nova Escola», 1 de março de 2013.

Nesta perspectiva, a aula-oficina propicia à professora/ao professor e às/aos estudantes momentos de compreensão do conhecimento histórico, uma vez que:

> O espaço pedagógico é um texto para ser constantemente "lido", interpretado, "escrito" e "reescrito". Neste sentido, quanto mais solidariedade exista entre o educador e educandos no "trato" deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola (Freire, 1996, loc. 1).

Em resumo, a aula-oficina proporciona uma aprendizagem ativa, pois por meio dela os alunos se sentem mais protagonistas na construção do conhecimento. Em vez de apenas ouvirem passivamente uma exposição teórica, como acontece na educação bancária, os aprendizes são convidados a colocar em prática conceitos e teorias, engajando-se no processo de aprendizagem e, por meio do letramento histórico, atuar mais ativamente na vida social.

3.3.1 Planejamentos da primeira aula-oficina de história: construção do conceito de história – Primeira parte

Como deve ser, toda a realização da oficina-aula ocorreu de forma organizada e planejada, afinal

> o planejamento escolar é apontado como alternativa de organização coletiva, em que diversos segmentos envolvendo (professores das diversas áreas, alunos, funcionários administrativos e comunidade) discutir e decidir coletivamente e publicamente os objetivos, metas, finalidades, valores, atitudes e solucionem os problemas comuns à escola, viabilizando assim a materialização de uma escola realmente democrática e objetiva. (Vasconcelos, 1995, loc. 13).

Na figura a seguir, tem-se os pressupostos fundamentais do ato de planejar.

Figura 9: Pressupostos fundamentais do ato de planejar para o professor

PLANEJAR PRESSUPÕE QUE O PROFESSOR:

a) Conheça as etapas da aprendizagem e o que é necessário para que cada etapa ocorra.
b) Seja capaz de estabelecer o que deve ser aprendido/desenvolvido em cada etapa da escolaridade.
c) Selecione estratégias para promover mais eficazmente a aprendizagem.

O EFEITO DO PLANEJAR É, ASSIM, A APRENDIZAGEM, O QUE IMPÕE AO PROFESSOR PREVÊ-LA QUANTO:

a) Ao tipo – associativa, mnemônica, reflexiva, metacognitiva.
b) Ao nível – informativo, conceitual, procedimental.
c) À natureza – instrumental, fundamental.

PLANEJAR, EM MUITAS SITUAÇÕES, TEM O SENTIDO DE PREVER, DE TENTAR ANTECIPAR E, NO QUE DIZ RESPEITO AO PLANEJAMENTO ESCOLAR, QUE SEJA PREVER E ANTECIPAR:

a) O processo a ser percorrido pelo aprendiz rumo à aprendizagem.
b) As ações a serem implementadas e os respectivos resultados esperados.
c) O desempenho a ser considerado satisfatório, isto é, a aprendizagem realizada.

Fonte: Azevedo (2010), elaborado por LANTEC-UFSC (2020).

Importa explicar que o planejamento ocorre em fases distintas: antes, durante e depois das ações. Isso se deve à impossibilidade de antecipar todas as condições de execução dos planos, especialmente no contexto das dinâmicas sociais, como exemplificado na área da educação (Lück, 2009). Dessa forma, o planejamento se revela como um processo contínuo e adaptativo.

No quadro a seguir, tem-se o Planejamento da aula-oficina

Quadro 14: Planejamento aula-oficina

Prefeitura Municipal de Paracatu - Minas Gerais Secretaria Municipal de Educação – E.M. Cacilda Caetano de Souza Planejamento aula-oficina de história / 2º semestre 2022		
Componente Curricular: **HISTÓRIA**	Turma/Estudantes: ESTUDANTES DA EJA QUE ACEITARAM PARTICIPAR DA PESQUISA E ASSINARAM O TCLE	Horário: 18h Data: 29/08/2022 (PRIMEIRA PARTE)
Professora: **WANDERLÂNDIA S.N. FERNANDES**	Espaço formativo: **Dependências da escola**	Duração: 02 aulas
Conteúdos relacionados	Introdução ao estudo de História. O trabalho do Historiador. O Tempo e a História. Formas de registro da história e da produção do conhecimento histórico.	
HABILIDADES: **(EF06HI01X)** Identificar diferentes formas de compreensão da noção de tempo e de periodização dos processos históricos (continuidades e rupturas), comparando os marcos referenciais dos períodos históricos. **(EF06HI02X)** Identificar a gênese da produção do saber histórico e analisar o significado das fontes que originaram determinadas formas de registro em sociedades e épocas distintas, assim como as especificidades e singularidades das transformações históricas nas respectivas comunidades.		
MATRIZ DE REFERÊNCIA Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) O desenvolvimento dessas habilidades no componente curricular de História favorece o desenvolvimento dos descritores da Matriz do SAEB de: **Língua Portuguesa:** D5 – Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso (propagandas, quadrinhos, foto etc.). D15 – D15 – Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que ele foi produzido e daquelas em que será recebido. **Matemática:** D36 – Resolver problema envolvendo informações apresentadas em tabelas e/ou gráficos. D37 –Associar informações apresentadas em listas e/ou tabelas simples aos gráficos que as representam e vice-versa.		
OBJETIVOS DA AULA: Apresentar o tema da pesquisa e a proposta da aula-oficina de História. Analisar a importância de estudar História e entender a relação com as demais áreas de conhecimentos. Compreender que somos agentes históricos e que nossa história é importante. Conhecer as formas de registro da história e de produção do conhecimento histórico. Relacionar a História com as outras áreas de conhecimento. Definir os saberes históricos e diferenciar as fontes históricas. Diagnosticar os níveis de conhecimento histórico das/dos estudantes. Identificar as lacunas no processo de alfabetização e letramento das/dos estudantes		
DESENVOLVIMENTO DA AULA **Preparação do Ambiente pedagógico:** Música de fundo – sala em semicírculo, balinhas nas mesas e a expressão linguística "bem-vindos", escrita no quadro. **Acolhimento:** história contada pela professora inspirada no texto: A Estrela Verde (ANEXO). Explicação interativa dos *slides* preparados pela professora (ANEXO).		
AÇÃO PROPOSITIVA (sequência das atividades que propiciem a participação individual e coletiva das/dos alunas/alunos) A aula iniciou com o seguinte questionamento: o que significa História para você? No decorrer da aula, houve motivação para que as/os estudantes interagissem. Em seguida, realizaram a atividade: construção do conceito de história (ANEXO). Ao final, os alunos avaliaram a aula.		
3. SISTEMATIZAÇÃO (momento de retomada dos conceitos) e REVISÃO DO CONTEÚDO A partir dos slides e da participação das/dos estudantes trabalhou-se toda a Introdução à História		
RECURSOS DIDÁTICOS: Data show, notebook, slides do PPT, vídeos curtos do Youtube		

AVALIAÇÃO 1º Ao término da atividade, a professora recolhe as atividades, realizou uma análise crítica da consciência histórica das/dos estudantes e também do nível de alfabetização e letramento. 2º Após análise, o assunto será retomado e serão propostas atividades de intervenção para nova análise, comparação e divulgação dos resultados.
REFERÊNCIAS: MINAS GERAIS: **Currículo Referência de Minas Gerais** – CRMG. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/documento_curricular_mg.pdf Acesso em: 03/04/2021. BRASIL: **Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB)**. Disponível em: < > Acesso em: 23/03/2022. QUADRADO, História ao. **Introdução à História**. *Youtube* 11/11/2007 Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=N9p6O-e-BEM>.

FONTE: Arquivo da pesquisadora (2022).

A partir do diálogo e da busca de sintonia com a especificidade do grupo de discentes, conforme descrito nos capítulos anteriores, tem-se o planejamento. A primeira aula-oficina foi pensada a partir da observação das turmas e da percepção dos variados níveis de processo de aprendizagem de modo geral e dos conteúdos de História. Levando em conta esta constatação, trabalhou-se, a partir de uma metodologia interativa e participativa, a introdução ao conteúdo de História e os conceitos essenciais para o desenvolvimento da disciplina em sala de aula. Para tal, a aula-oficina foi dividida em dois momentos, a saber: 1) no primeiro deles, o objetivo foi construir junto com as/os estudantes da EJA o conceito de História e proporcionar a eles uma noção geral dos principais conteúdos de História que são estudados na EJA de Ensino Fundamental Anos Finais, no intuito de realizar um nivelamento, tendo em vista, o retrocesso educacional provocado pelo período de pandemia. Dito isso, a professora/o professor, se torna um mediador das questões-problema, e as/os estudantes se tornam os agentes da sua própria formação (Barca,2004). Em outras palavras, percebemos a pedagogia da autonomia, de Paulo Freire, em funcionamento, quando o professor apoia a/o educanda/educando, abrindo espaço de escuta, de interação de desenvolvimento da criatividade, enfim, como uma prática pedagógica aberta para a troca de conhecimentos, não para o depósito de conhecimento, tal como ocorre na educação bancária:

> [...] uma de minhas tarefas centrais como educador progressista seja apoiar o educando para que ele mesmo vença suas dificuldades na compreensão ou na inteligência do objeto e para que sua curiosidade, compensada e gratificada pelo êxito da compreensão alcançada, seja mantida e, assim, estimulada a continuar a busca permanente que o processo de conhecer implica. Que me seja perdoada a reiteração, mas é preciso enfatizar, mais uma vez: ensinar não é transferir inteligência do objeto ao educando, mas instigá-lo no sentido de que, como sujeito cognoscente, se torne capaz de inteligir e comunicar o inteligido. É neste sentido que se impõe a mim escutar o educando em suas dúvidas, em seus receios, em sua incompetência provisória. E ao escutá-lo, aprendo a falar com ele (Freire, 1996, loc.61).

Nesta perspectiva, a oficina foi iniciada com acolhimento às/aos estudantes, em que elas/eles foram recebidos com música, balinha na mesa, sala em semicírculo e com a frase "Bem-Vindos" escrita com letras, todas em maiúsculo, no quadro. Entendemos que essa era uma forma de dizer "bem alto", o quanto eles eram esperados naqueles espaços. Este cuidado faz parte da pedagogia da presença da Escola da Escolha, com o propósito de criar um ambiente pedagógico aconchegante.

Em sequência, foi feita uma chamada criativa, em que cada estudante respondia com a palavra que demonstrava o que estava sentindo no momento. A prática foi divertida e a turma ficou mais receptiva. A oficina teve início com a contação da Fábula da Estrela Verde, no intuito de mostrar às/aos estudantes que a esperança é uma dádiva dos seres humanos e, por isso, por pior que seja a situação vivenciada, ela passará e há sempre a possibilidade de ultrapassar obstáculos e melhorá-la.

Para desenvolver a aula-oficina, trabalhou-se com as/os estudantes o conceito de História e para isso a professora iniciou perguntando. *O que é História*? E eles responderam dando respostas diversas, como por exemplo: "É o estudo de coisas antigas". "É estudar o passado" (sic). Apesar de as/estudantes não terem apresentado ideias bastante elaboradas, não estão erradas as respostas dadas à pergunta. Tomamos como comparação a conceituação apresentada por March Bloch (p.55-67): "a história tem por objeto o homem e por isso ela é a ciência que estuda os homens no tempo[...], é uma ciência dos homens no tempo". Assim, considerando que o presente se explica pelo passado, as respostas dadas pelas/pelos estudantes estão corretas.

Dando sequência, a professora apresentou uma sequência de *slides,* com o conceito de História conforme vários historiadores. Apresentou a linha do tempo da História tradicional, lembrando que esta não é a única maneira de dividir os fatos importantes da História e explicou a/aos alunas/alunos os fatos marcantes da Pré-História e de cada idade da História. Para concluir, as/os alunas/os foram instigadas/os a escreverem com as próprias palavras o que entenderam da aula-oficina.

Logo em seguida, elas/eles responderam uma atividade, no intuito de aprimorar os conhecimentos e, posteriormente, em sala de aula, fizeram a análise do documento histórico apresentado na oficina, utilizando o quadro síntese de análise de fonte histórica, tarefa que ficou bem mais fácil e prazerosa, por se tratar de um documento oficial de um homem que morou na Lagoa de Santo Antônio, zona rural de Paracatu.

Figura 10: Construção do conceito de História

Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022).

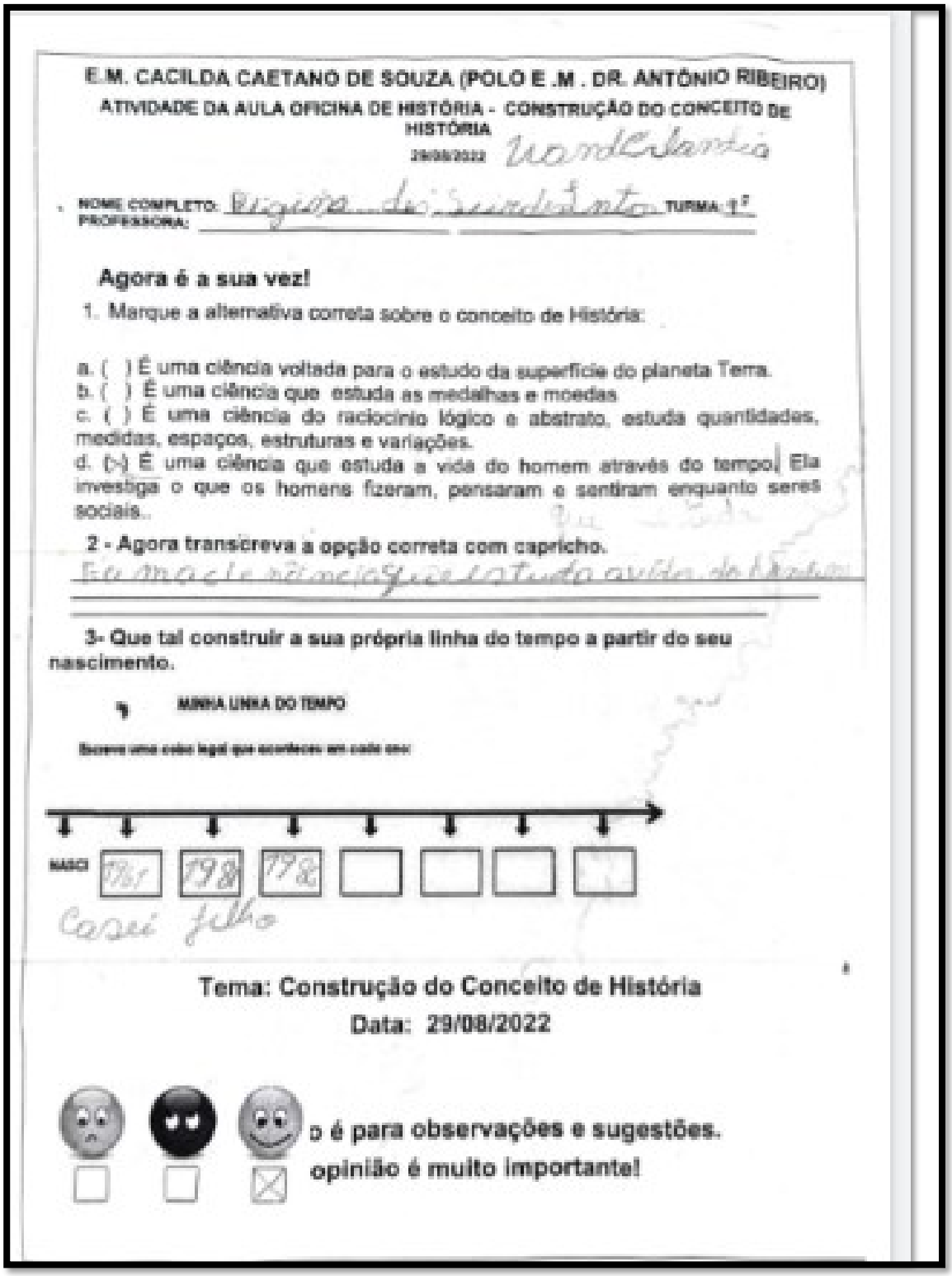
Figura 11: Passa ou Repassa sobre o conteúdo da aula-oficina

Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022).

Com o desenvolvimento das aulas-oficinas, pretendeu-se romper com o modelo tradicional em que a professora/o professor é a/o detentora/detentor do conhecimento e a/o estudante mero/a receptor/a. Assim, como afirma (Rüsen 2007), o saber histórico pode vir a ser percebido pelas alunas e pelos alunos como um ramo morto do conhecimento. Aparece assim como massa de informações a serem decoradas e repetidas, para satisfazer as/os professoras/professores, com o mero objetivo de tirar boas notas.

Exposto isso, a proposta aqui apresentada tem como objetivo contribuir para que o acesso aos conteúdos da disciplina de História corrobore o autoconhecimento das/dos estudantes da EJA e que ao estudar os conceitos e as situações do passado, elas/elas consigam compreender as questões do presente relacionadas ao tempo presente.

Figura 12: Atividade da aula-oficina de História- 29/08/2022



E.M. CACILDA CAETANO DE SOUZA (POLO E .M . DR. ANTÔNIO RIBEIRO)

ATIVIDADE DA AULA OFICINA DE HISTÓRIA - CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE HISTÓRIA

29/08/2022 Wanderlania

NOME COMPLETO: Brigida dos Santos TURMA: 1º

PROFESSORA:

Agora é a sua vez!

1. Marque a alternativa correta sobre o conceito de História:

a. ( ) É uma ciência voltada para o estudo da superfície do planeta Terra.
b. ( ) É uma ciência que estuda as medalhas e moedas
c. ( ) É uma ciência do raciocínio lógico e abstrato, estuda quantidades, medidas, espaços, estruturas e variações.
d. (X) É uma ciência que estuda a vida do homem através do tempo. Ela investiga o que os homens fizeram, pensaram e sentiram enquanto seres sociais..

2 - Agora transcreva a opção correta com capricho.

Eu acho a ciência que estuda a vida do homem

3- Que tal construir a sua própria linha do tempo a partir do seu nascimento.

MINHA LINHA DO TEMPO

Escreva uma coisa legal que aconteceu em cada ano

NASCI 1981 1988 1998

Casei filho

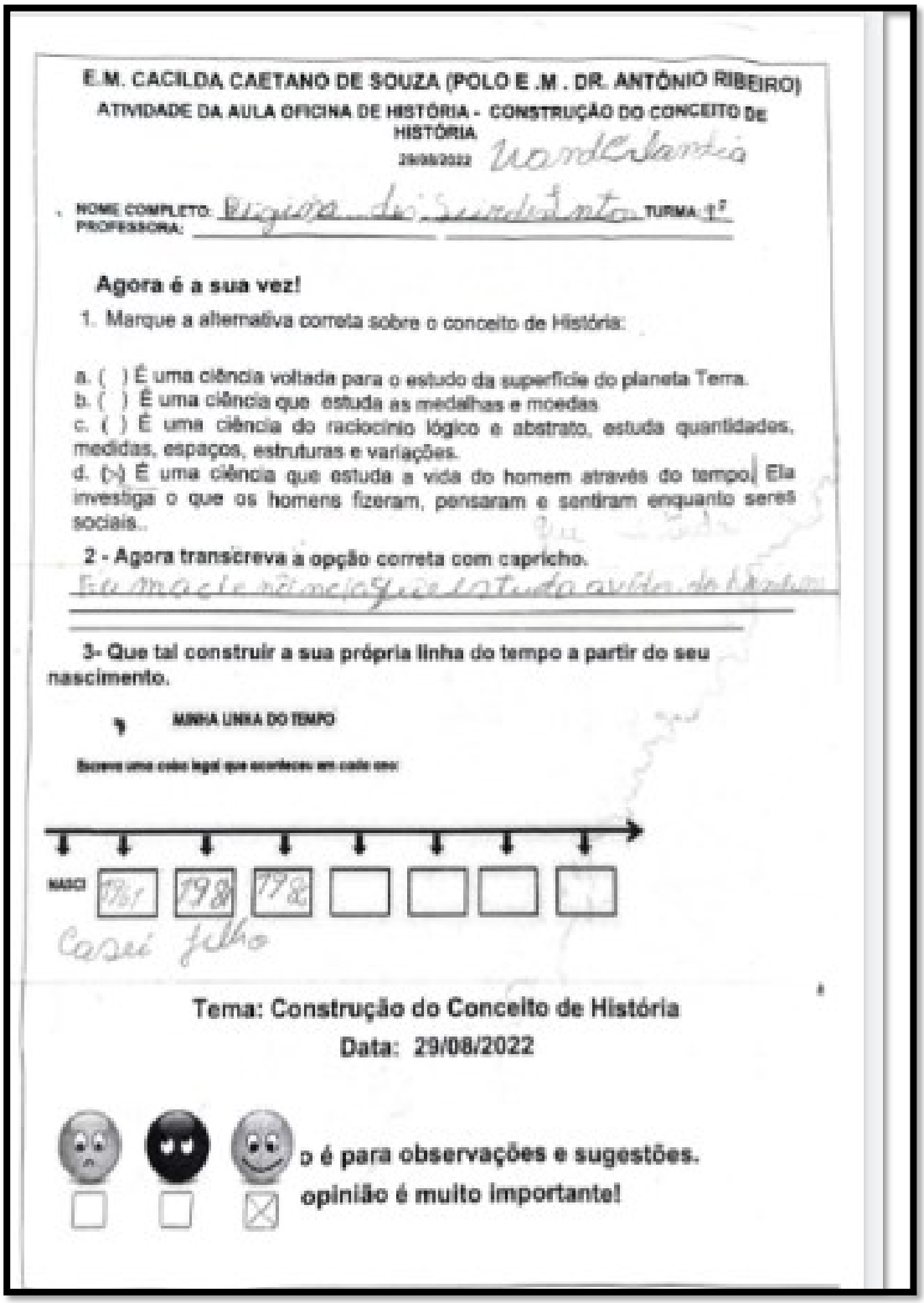
Tema: Construção do Conceito de História

Data: 29/08/2022

o é para observações e sugestões.
opinião é muito importante!

Fonte: Instrumento elaborado pela pesquisadora (2022).

Figura 13: Atividade da aula-oficina de História Adaptada - 29/08/2022



E.M. CACILDA CAETANO DE SOUZA (POLO E .M . DR. ANTÔNIO RIBEIRO)

ATIVIDADE DA AULA OFICINA DE HISTÓRIA - CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE HISTÓRIA

29/08/2022 Wordclassia

NOME COMPLETO: Brigida dos Sentimento TURMA: 1.º

PROFESSORA:

Agora é a sua vez!

1. Marque a alternativa correta sobre o conceito de História:

a. ( ) É uma ciência voltada para o estudo da superfície do planeta Terra.
b. ( ) É uma ciência que estuda as medalhas e moedas.
c. ( ) É uma ciência do raciocínio lógico e abstrato, estuda quantidades, medidas, espaços, estruturas e variações.
d. (X) É uma ciência que estuda a vida do homem através do tempo. Ela investiga o que os homens fizeram, pensaram e sentiram enquanto seres sociais..

2 - Agora transcreva a opção correta com capricho.

Eu marcei a ciência que estuda a vida do homem

3- Que tal construir a sua própria linha do tempo a partir do seu nascimento.

MINHA LINHA DO TEMPO

Escreva uma coisa legal que aconteceu em cada ano:

NASCI 1961 1988 1992

Casei filho

Tema: Construção do Conceito de História

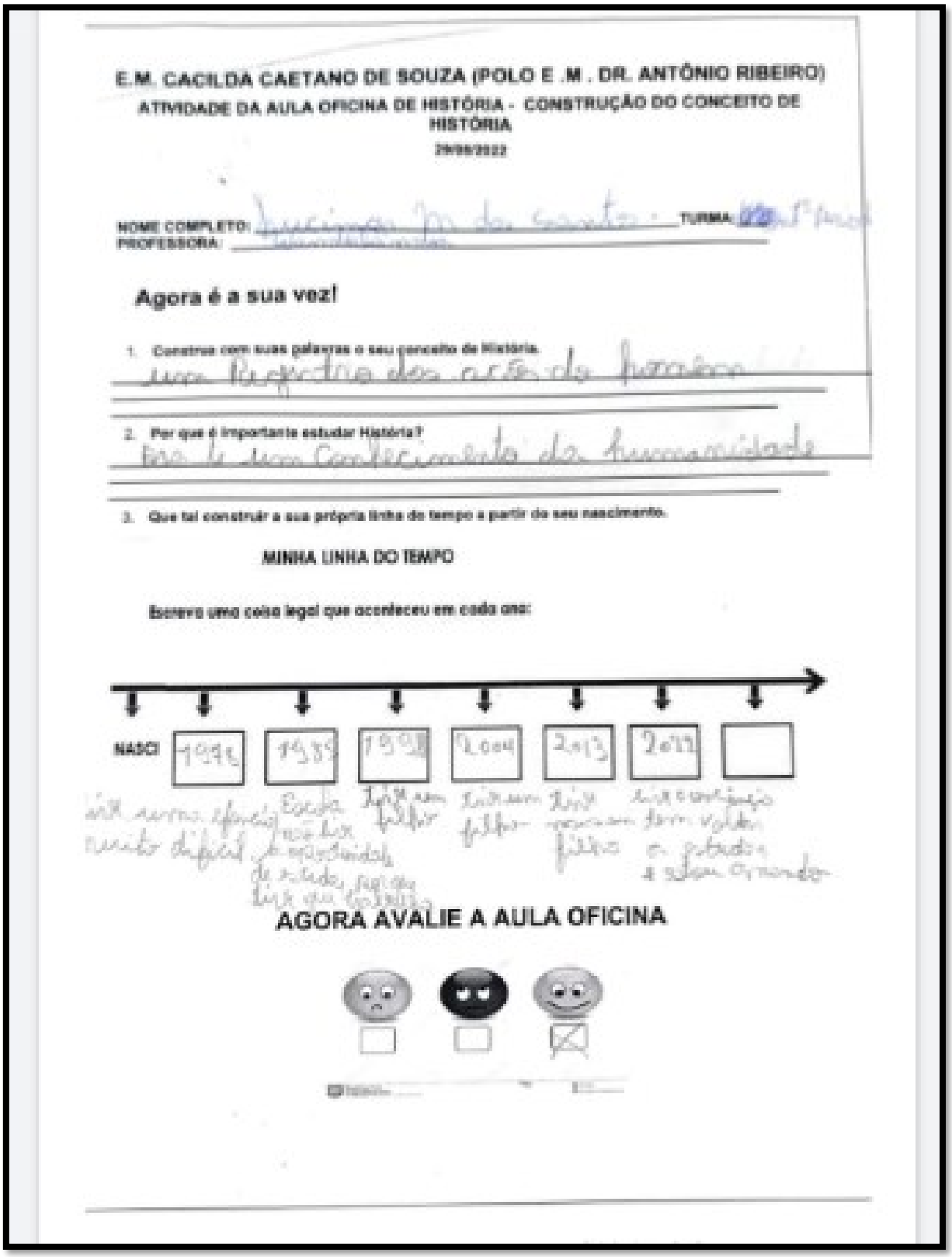
Data: 29/08/2022

o é para observações e sugestões.

opinião é muito importante!

Fonte: Instrumento elaborado pela pesquisadora (2022).

Figura 14: Atividade da aula-oficina de História - 29/08/2022



E.M. CACILDA CAETANO DE SOUZA (POLO E .M . DR. ANTÔNIO RIBEIRO)

ATIVIDADE DA AULA OFICINA DE HISTÓRIA - CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE HISTÓRIA

29/08/2022

NOME COMPLETO: TURMA:

PROFESSORA:

Agora é a sua vez!

1. Construa com suas palavras o seu conceito de História.

2. Por que é importante estudar História?

3. Que tal construir a sua própria linha do tempo a partir do seu nascimento.

MINHA LINHA DO TEMPO

Escreva uma coisa legal que aconteceu em cada ano:

NASCI

AGORA AVALIE A AULA OFICINA

Fonte: Instrumento elaborado pela pesquisadora (2022).

Durante a aula-oficina, as/os participantes fizeram atividades, a partir do entendimento da aula, conforme os registros anexos. Ao final, foi aplicada uma avaliação da aula-oficina e como numa mesma sala havia estudantes de vários níveis de aprendizagem, houve o cuidado de se utilizar dois tipos de atividades, uma mais descritiva e a outra um pouco menos. Assim, todos as/os participantes conseguiram executar a tarefa. Dessa forma, evidenciou-se que, de modo geral, as/os estudantes gostaram de participar da oficina, visto que a aula do dia 29/08/2022 contou com a participação de 21 estudantes e 19 delas/deles afirmaram que gostaram muito. Essa apreciação pode ser percebida nos registros a seguir:

Quadro 15: Apreciação da aula-oficina

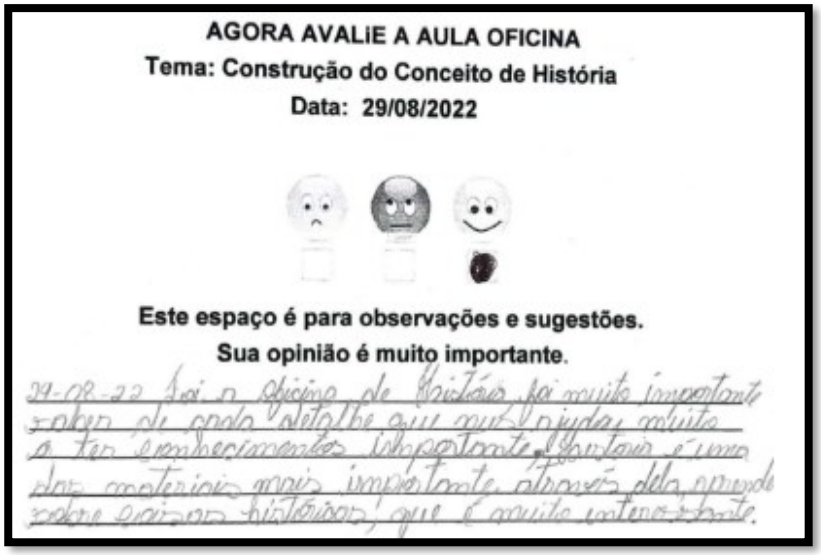
"*É muito importante estudar História para conhecer o passado*" (P17)
"*Achei muito bom aprender sobre a construção da nossa história humana*" (P19).
"*Eu gostei, foi bom e divertido*" (P23).
"*Gostei muito! Sempre é enriquecedor o conhecimento*" (P26).
"*Aprendi coisas novas*" (P28).
"*Achei muito interessante, matéria muito bem explicada*" (P32).
"*Aprendi como os objetos eram antigamente*" (P33)
"*Foi muito importante saber de cada detalhe, que nos ajuda muito a ter conhecimento importante*" (P34. (Sic). .

Fonte: Dados gerados pela pesquisa.

3.3.2 Avaliação da primeira oficina

De maneira geral, as/os estudantes avaliaram bem a aula-oficina. Um dos estudantes marcou a opção que gostou muito, mas não justificou. E apenas uma aluna marcou a opção que gostou mais ou menos, mas também não justificou. Um outro Aluno não preencheu a avaliação.

Figura 15: Avaliação da aula-oficina do dia 29/08/2022


AGORA AVALIE A AULA OFICINA
Tema: Construção do Conceito de História
Data: 29/08/2022

Este espaço é para observações e sugestões.
Sua opinião é muito importante.

29-08-22 foi a oficina de História foi muito importante saber de cada detalhe que nos ajuda muito a ter conhecimentos importante. História é uma das materias mais importante, através dela aprende sobre coisas históricas, que é muito interessante.

Fonte: Instrumento elaborado pela pesquisadora (2022).

A avaliação é uma forma de verificarmos o envolvimento das/dos estudantes e de elas/eles terem oportunidade de darem uma devolutiva de como algumas atividades importam para elas/eles. Assim, é preciso que a professora/o professor utilize instrumentos que revelem de fato a importância das ações desenvolvidas e do compromisso com elas. Desse modo, vale citar Paulo Freire (2007, p.22), quando ele defende que: "se o meu compromisso é realmente com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa". Assim, a avaliação é um instrumento do qual não se deve abrir mão, com o intuito de entender melhor sobre como está ocorrendo o processo de ensino e aprendizagem.

3.3.3 Planejamento da aula-oficina – construção do conceito de história – segunda parte

Conforme já afirmamos, o ato de planejar é de extrema importância para o êxito de ações empreendidas na sala de aula. No entanto, o que significa planejar no contexto escolar? É uma responsabilidade atribuída à professora e ao professor, visando alcançar o objetivo final de promover a aprendizagem. Dessa forma, buscamos alinhar os objetivos pedagógicos com as necessidades das/dos estudantes da EJA. No quadro a seguir, tem-se o plano de aula, que faz parte do planejamento geral das aulas-oficinas.

Quadro 16*:* Planejamento da aula -oficina – Segunda parte

Prefeitura Municipal de Paracatu - Minas Gerais Secretaria Municipal de Educação – E.M. Cacilda Caetano de Souza Planejamento aula-oficina de história / 2º semestre 2022 PLANEJAMENTO AULA-OFICINA DE HISTÓRIA / 2º SEMESTRE 2022		
Componente Curricular: HISTÓRIA	Turma/Estudantes: ESTUDANTES DA EJA QUE ACEITARAM PARTICIPAR DA PESQUISA E ASSINARAM O TCLE	Horário: 18h Data: 30/08/2022 (SEGUNDA PARTE)
Professora: WANDERLÂNDIA S.N. FERNANDES	Espaço formativo: Dependências da escola	Duração: 0 aulas
Conteúdos relacionados	O Tempo e a História. Formas de registro da história e da produção do conhecimento histórico. Fontes Oficiais do Arquivo Público de Paracatu	
HABILIDADES: (EF06HI01X) Identificar diferentes formas de compreensão da noção de tempo e de periodização dos processos históricos (continuidades e rupturas), comparando os marcos referenciais dos períodos históricos. (EF06HI02X) Identificar a gênese da produção do saber histórico e analisar o significado das fontes que originaram determinadas formas de registro em sociedades e épocas distintas, assim como as especificidades e singularidades das transformações históricas nas respectivas comunidades.		

MATRIZ DE REFERÊNCIA Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) O desenvolvimento dessas habilidades no componente curricular de História favorece o desenvolvimento dos descritores da Matriz do SAEB de: Língua Portuguesa: D5 – Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso (propagandas, quadrinhos, foto etc.). D15 – D15 – Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que ele foi produzido e daquelas em que será recebido. Matemática: D36 – Resolver problema envolvendo informações apresentadas em tabelas e/ou gráficos. D37 –Associar informações apresentadas em listas e/ou tabelas simples aos gráficos que as representam e vice-versa.
OBJETIVOS DA AULA: → Conhecer as formas de registro da história e de produção do conhecimento histórico. → Definir os saberes Históricos e diferenciar as fontes históricas. → Diagnosticar os níveis de conhecimento histórico das/dos estudantes. → Identificar as lacunas no processo de alfabetização e letramento das/dos estudantes.
DESENVOLVIMENTO DA AULA **Preparação do Ambiente pedagógico:** Organização de uma exposição de fontes históricas trazidas de casa pelas/pelos estudantes e professoras/professores. **Acolhimento:** Apresentação musical do aluno P10. Abertura feita pela professora Wanderlândia, que explicou a importância das fontes históricas, a partir das amostras da exposição. Palestra dos parceiros da Casa de Cultura e do Arquivo Público de Paracatu
AÇÃO PROPOSITIVA (sequência das atividades que propiciem a participação individual e coletiva das/dos alunas/alunos) A aula iniciou com as considerações feitas pelo diretor da Casa de Cultura de Paracatu, que explicou sobre os cursos que são ofertados pela instituição. Em seguida, o arquivista do Arquivo Público de Paracatu explicou às/os estudantes sobre o trabalho que é desenvolvido no Arquivo. Explicou sobre o importante acervo, a partir de slides e fotografias, de documentos oficiais da nossa cidade (ANEXO)
3. SISTEMATIZAÇÃO (momento de retomada dos conceitos) e REVISÃO DO CONTEÚDO Uso de slides, participação oral das/dos estudantes e, posteriormente, a leitura e interpretação de um texto sobre a história de Paracatu (ANEXO) e a análise de um registro oficial do Arquivo Público em sala de aula. (ANEXO).
RECURSOS DIDÁTICOS: Data show, notebook, slides do PPT, vídeos curtos do *Youtube*
AVALIAÇÃO A avaliação da aula-oficina foi realizada ao final. 1º A avaliação da aprendizagem foi feita pela professora, a partir das atividades realizadas em sala de aula, observando o conhecimento do conteúdo, a consciência histórica das/dos estudantes e também do nível de alfabetização e letramento. 2º Após análise foram propostas atividades de intervenção para nova análise, comparação e divulgação dos resultados.
REFERÊNCIAS: MINAS GERAIS: **Currículo Referência de Minas Gerais** – CRMG. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/documento_curricular_mg.pdf Acesso em: 03/04/2021. BRASIL: **Sistema de Avaliação da Educação Básica** (SAEB) Disponível em: < https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/saeb> Acesso em: 23/03/2022. QUADRADO, História do**.** **Introdução à História**. Youtube 11/11/2007 Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=N9p6O-e-BEM>.

Fonte: Instrumento elaborado pela pesquisadora (2022).

O segundo momento da Primeira aula-oficina aconteceu no dia 30/08/2022, com uma bela apresentação musical do aluno do 2º Período da EJA, P10, visto que, descobrir e motivar os talentos é uma das estratégias da EJA. O segundo dia teve o intuito de fazer com que o conteúdo de Fontes Históricas dialogasse com a história local e conhecimento que as/os estudantes trazem consigo.

Para tanto, como tarefa de casa da primeira parte da aula-oficina, foi solicitado as/os estudantes que eles levassem de casa objetos, utensílios e documentos que fossem importantes para sua história de vida. A partir do recebimento dos objetos de memória, uma exposição foi organizada de forma que, em consonância às demais atividades, todos os presentes podiam interagir e apreciá-la. Mais uma vez a história da minha mãe, D. Neusa, ressoou na minha prática pedagógica. Os objetos levados pelas/pelos estudantes constituíam memórias importantes para a construção da identidade de cada um. Assim, eu também percebo ali minha identidade de professora perpassada pelas memórias de uma filha que contribuiu para a alfabetização e letramento da sua mãe e que continuava vivenciando o oficio em prol de todas/todos aquelas/es que não tiveram oportunidade de estudar em algum momento da vida, como é o caso das estudantes da EJA.

No que se refere à sabedoria ancestral e às considerações tecidas pela memória, sedimentadas na experiência, tem-se as observações de Bianchi (2015, loc. 1):

> O melhor exemplo de "guardião da memória talvez seja um integrante do grupo familiar, que através de suas próprias recordações e ainda de objetos materiais (como fotos e documentos) cria narrativas sobre a trajetória familiar. Muitas vezes em meio a poder tornar-se o indivíduo que possui maior legitimidade para pronunciar os acontecimentos que envolvem seus descendentes.

Em outras palavras, posiciono-me como uma guardiã familiar em relação à história da minha mãe, pois acredito que ao materializá-la, nesta pesquisa, garanto, ao longo das gerações, a continuidade da memória e da identidade familiar, a identidade da mulher/mãe que sonhava aprender a escrever e da mulher/filha e professora que a ajudou a conquistar esse sonho.

Dessa forma, nestas ações envolvendo a memória, os trabalhos caminharam numa perspectiva "decolonial", de desconstrução da visão dominante, possibilitando aos participantes a aprendizagem a partir da valorização os costumes e saberes comunitários, abrindo-se assim, uma pluralidade de caminhos para o acesso ao conhecimento. Eram momentos perpassados pelo silêncio, quando se voltavam para suas memórias, e por uma espécie de grito, quando revelavam toda a potencialidade libertadora da prática pedagógica da EJA. Assim, a voz de Rodriguez (2019, s/p) também ressoa nesta pesquisa: "Nós devemos

escutar o silêncio, o que não está escrito, e prestar atenção nas dinâmicas internas das comunidades e como nós classificamos as suas experiências, se estivermos mesmo comprometidas com os trabalhos epistemológicos da decolonialidade”.

Um dos momentos de prestar atenção não somente no que está escrito foi a participação e contribuição por parte do senhor “José Francisco”, conhecido morador da comunidade e pai de ex-aluna da EJA. Em muitos aspectos, pode ser considerado um Griô, que na tradição africana são conhecedores do fundamento da própria comunidade e contadores de história muito sábios e respeitados.

Durante a aula-oficina, esse senhor letrado em contação, compartilha conosco a história de um pote de barro que está há gerações em sua família. A simbologia por trás de um objeto de memória afetiva, tão comum na história, ajudou a aproximar o conteúdo propedêutico das Fontes Históricas à história local.

Além dele, contamos também com a participação dos representantes da Fundação Casa de Cultura e Arquivo Público Municipal, que falaram sobre o potencial turístico da cidade, conversaram com as estudantes sobre o Centro Histórico Paracatu, tombado pelo instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN em 2012.

Figura 16: Representantes da Casa de Cultura de Paracatu

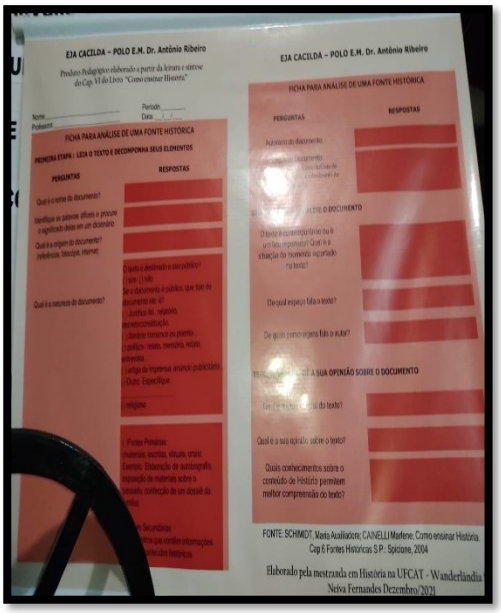
Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022).

Figura 17: Estudantes da EJA no segundo momento da primeira aula-oficina.

Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022).

O momento foi muito profícuo, de muita interação e aprendizagem, facilitando assim a continuidade da aula-oficina, com o trabalho do quadro síntese: *Análise de Documento histórico*, em sala de aula elaborado, a partir da leitura e síntese do Capítulo VI do livro *Como ensinar História*, de Maria Auxiliadora. Schmidt e Marlene Cainelli, que nos ajuda ao apontar que: "Nós, homens e mulheres é que fazemos a história, e é a partir desta (re) invenção da história que a Educação acontece e se firma como componente decisivo no diálogo entre história e cultura".

Figura 18: Ficha Análise Fonte Histórica



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022).

Durante a segunda parte da primeira aula-oficina, o arquivista Carlos Lima levou cópias de parte do acervo fotográfico de lugares de memória de Paracatu, para explicar a importância do trabalho do Arquivo Público, a partir do acervo com imagens e documentos

que mantém viva a memória da cidade. Na foto abaixo, ele mostra a Igreja Matriz de Santo Antônio, casa do fazendeiro Joel Oliveira (em frente à Matriz), Sobrado de Casa de Câmara e Cadeia (no canto esquerdo), Mercado Municipal (Museu) no centro, imóvel construído por ordem de Fortunato Jacinto Botelho (canto direito), Casa do Sr. Juca Botelho (abaixo) e o fotógrafo Olímpio Gonzaga (rodapé)

Figura 19: Paracatu Vista Parcial (1920)

Fonte: Arquivo Público de Paracatu.

A própria vivência dos diversos discentes da EJA e a valorização de suas experiências, numa combinação de propósitos educacionais pautados nos ensinamentos de Paulo Freire, permite pensar que a ação do arquivista somara com referências e compreensões importantes para o próprio aprendizado. O artigo *Casarios e quintais de Paracatu: Belezas fotográficas de um tempo*, de autoria do próprio arquivista, nos inspira a compreender melhor. Além disso, Lima (2022) explica a fotografia da seguinte forma:

> Dividem a cena com o majestoso templo católico do século XVIII muitas árvores, inclusive as cinco famosas palmeiras imperiais a sua esquerda, das quais hoje resta somente 1. Nas imediações, localizam-se suntuosos casarões, os quais revelam o poderio econômico de algumas famílias que habitaram, entre outros logradouros, no Largo da Matriz, na velha rua Direita (Rua Joaquim Silva Pereira), Rua do Córrego (Rio Grande do Sul) e Largo da Jaqueira naquelas longínquas datas.

Para Lima (2022), os aspectos examinados a partir da própria foto levam a crer que aquele momento teria sido clicado na década de 1920, haja vista que a qualidade da imagem não é das melhores. É possível pensar que os pais, os avós e mesmo alguns daqueles estudantes da EJA possam ter passado/conhecido, por meio de relatos, aquelas paisagens e suas transformações, o que pode ser um estímulo a mais, seja para compor o ambiente e disparar novos estímulos ou para permanecer no ambiente escolar e seguir com os estudos.

No ano de 2017, o referido arquivista fotografou o centro histórico de um dos pontos mais íngremes da cidade de Paracatu, onde é possível visualizar a mesma imagem imortalizada pelas lentes do fotógrafo Olímpio Gonzaga, conforme a foto:

Figura 20: Parte do Núcleo Histórico fotografado a partir do Bairro Alto do Córrego em Nov. de 2017.

Fonte: Carlos Lima. Arquivista do Arquivo Público de Paracatu.

Visualizar os lugares de memória de Paracatu motivou as/os estudantes, uma vez que como se trata de jovens e adultas/os, algumas/alguns reconheceram pessoas e lugares, ficando assim mais fácil compreender e diferenciar os tipos de fontes históricas. Paracatu é uma cidade conhecida pelo aconchego de uma boa prosa acompanhada de café preto com pão de queijo quentinho e se for no quintal então, "é um trem bão dimais sô" e se for na casa da mãe, como era em D. Neusa, é para ficar na memória, o cheiro, o gosto e a prosa desses momentos.

Muitas casas de Paracatu ainda possuem quintais, que são um atrativo turístico à parte. Trata-se de casas com varanda estreita e um grande quintal no fundo, como era em tempos de outrora, uma vez que os moradores cultivavam para frutas, verduras e legumes para a subsistência e, em alguns casos, para comercializar. Hoje, os quintais paracatuenses também são espaços culturais, com oficinas pedagógicas e culinárias, acompanhadas de causos e histórias do modo de fazer existente por trás das receitas, com direito a colocar a mão na massa e degustação das deliciosas quitandas. Ao visualizar as fotos de lugares históricos de Paracatu, as/os estudantes puderam refletir e conversar sobre a sua importância para cada um deles, uma vez que os bens são tombados ou não, de acordo com as questões políticas da época. Em vários momentos, vinham memórias, ao observar as fotos; acontecia ali práticas de letramento histórico, mas também remetia para práticas de letramento realizadas com minha mãe, a que muitos carinhosamente chamam de D. Neusa.

Dentre os vários conhecimentos históricos sobre a história da cidade, a aula-oficina proporcionou também a oportunidade de se questionar e dar um novo significado ao bem histórico, uma vez que para algumas pessoas certas memórias são extremamente dolorosas, pois como afirma Nora (1992 *apud* Aguiar, 2015, 86) "existem tantas memórias quanto grupos e que as memórias são múltiplas e coletivas, mas ao mesmo tempo específicas e individuais".

Por essa razão, que além das memórias coletivas, viam em minha mente as memórias da minha história de vida, da história da minha mãe, do seu processo de alfabetização e de letramento. A alfabetização e letramento é algo tão singular nesta pesquisa, porque saber ler, escrever e atuar nas práticas sociais é uma forma de liberdade, de sentir pertencimento a um lugar, a uma história, a uma comunidade.

Após o desenvolvimento da aula-oficina, houve continuidade de análise das fontes históricas trabalhadas a partir do preenchimento do quadro síntese abaixo

3.3.4 Avaliação do segundo dia da aula-oficina

A aula-oficina do dia 30/08/2022 contou com a participação de 21 estudantes, 16 responderam a avaliação. Em linhas gerais, as respostas permitem pensar que gostaram muito da oficina, conforme algumas justificativas:

Quadro 17: Avaliação

"*Foi muito interessante e proveitosa*" (P5).
"*Tive conhecimento que eu não tinha*" (P8).
"*Aprendemos sobre o funcionamento dos Cursos da Casa de Cultura e também sobre o trabalho do Arquivo Público de Paracatu*" (P15).
"*Foi riquíssimo*" (P21).
"*Foi muito importante e me incentivou a querer saber mais sobre as coisas antigas*" (P23).
"*Achei muito interessante, matéria muito bem explicada*" (P24).
"*Aprendi como os objetos eram antigamente*" (P26).
"*Gostei de aprender sobre a história de Paracatu* (P27).
" *Amei as oficinas*" (P29).
"*O conhecimento nos liberta e eu me senti muito privilegiada, por ter participado dessa experiência*" (P31).
"*Para mim foi tudo novidade, diferente do que estou acostumado. Gostei muito*. (P32).

Fonte: Dados gerados pela pesquisa.

Ainda sobre a avaliação, dois alunos marcaram que gostaram muito, mas não justificaram e quatro das/dos não participaram da avaliação. É preciso ressaltar que as avaliações também servem de parâmetro para analisar o quanto as respostas são heterogêneas, tanto na questão do nível de alfabetização/letramento, quanto no nível de consciência histórica.

Posteriormente foi trabalhada, em sala de aula, a atividade de análise do trecho de um documento histórico do arquivo público. A atividade foi realizada a partir da análise do quadro síntese. As/Os alunas/alunos gostaram muito, interagiram e ficaram curiosos sobre a família do senhor João Alves, uma vez que ele é morador de Paracatu. Acreditamos que a partir de um documento histórico da cidade, ficou mais fácil entender as características de uma fonte histórica.

O participante da aula-oficina, C. L, arquivista do Arquivo Público de Paracatu, publicou no Jornal local *O Lábaro,* na edição do mês de setembro, p. 05 um texto sobre a importância do evento, em que relatou:

> O evento de caráter pedagógico e educacional foi considerado uma grande oportunidade de provocar na comunidade uma reflexão quanto ao seu pertencimento em relação ao patrimônio material e imaterial de Paracatu, além de favorecer o compartilhamento do saber ainda muito enclausurado nos registros, peças e testemunhos de cunho histórico (Lima, 2022).

É importante citar que as aulas oficinas mobilizaram toda equipe escolar e todos ficaram muito felizes com a ação pedagógica que, para além do aprendizado, deu visibilidade às ações desenvolvidas na EJA.

Figura 21: Publicação da aula-oficina Documento e Memória, o Arquivo Público na Escola, p.5.

CULTURA — O LÁBARO - PARACATU - MG - SETEMBRO DE 2022 — 5

Lançamento oficial do Projeto Contar e Recontar Histórias para Encantar e Transformar Ideias

A cultura, sob todas as formas de arte, de ensino e de pensamento, através dos séculos, capacitou o homem a ser menos escravizado.

André Malraux

A Casa Kinross recebeu na tarde de sexta-feira (9), vários educadores, secretário de Educação Thiago de Deus, representantes da empresa Kinross, a coordenadora do projeto, Florentina Maria Mendes, Nara Guimarães do Parque Estadual e do IEF, a contadora de contórias Ruth Brochado e outros representantes da entidades. Esse grande encontro marcou o lançamento do Projeto "Contar e Recontar Histórias para Encantar e Transformar Ideias", que como patrocinadores a Kinross, por meio da Lei de Incentivo à Cultura do Ministério do Turismo, esta iniciativa irá trabalhar a educação ambiental de forma interdisciplinar, com base na Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável da ONU.

Cerca de 1500 estudantes do 4º ano de 17 escolas da rede pública do centro de Paracatu serão beneficiados pelo Projeto "Contar e Recontar Histórias para Encantar e Transformar Ideias".

E com este projeto promoverá oficinas eco-literárias, com atividades desenvolvidas através de atividades lúdicas variadas, apresentações teatrais, visitas ao Parque Estadual de Paracatu e também a participação no Concurso Cultural – Prêmio Integrar Verde.

Esse é um importante momento para todos os envolvidos, pois acultura é o conjunto de crenças, costumes e tradições de uma sociedade. É formada pela herança do povo, passada de geração para geração e modificada de acordo com o tempo histórico. Sua beleza está na diversidade, na riqueza de valores e na troca de experiências.

CONCURSO CULTURAL

Em paralelo às oficinas, as escolas irão desenvolver, em conjunto com os alunos participantes, ações práticas ambientalmente corretas para a melhoria de problemas encontrados na própria escola ou na comunidade em que estão inseridas.

Os três melhores projetos receberão o Prêmio Integrar Verde, promovido pela Kinross, com premiação de R$ 1.000,00 para o 1º lugar, R$ 600,00 para o 2º e R$1.200,00 para o 3º colocado. Uma banca de jurados será responsável por avaliar os projetos.

Texto lido no lançamento do projeto Contar e recontar histórias

Cumprimentos,

Era uma vez...

Assim, simplesmente assim, justamente assim, de forma a um só tempo singela e resistível, começaram a conhecer as histórias e contórias, desde os tempos imemoriais.

Histórias, contórias e fabulosas fábulas, presentes na vida do homem desde a Idade do Bronze, seis mil anos atrás.

Elas chegaram e chegam a todos nós, passam séculos e milênios, da mesma forma: transmitidas, de geração a geração, nos verdes anos da infância, quando ainda não estamos abalados pelas angústias coletivas, embaraçadas pelo cotidiano.

Quem, do mais abastado executivo ao mais humilde trabalhador, em algum momento da vida, não se sentiu cativado e incentivado por uma singela historinha infantil? Quem nunca se sentiu tocado ao ouvir histórias como as de "Chapeuzinho Vermelho", "A bela adormecida", "Agata Bonalhuira", "Branca de Neve e os Sete Anões", "João e Maria"?

Os fantásticos irmãos Grimm, Hans Christian Andersen e o nosso Monteiro Lobato, alguns dos muitos artífices da arte de contar histórias, talvez tenham alcançado os píncaros da glória literária justamente por esse dos envolvemaram, e registraram para a posteridade, aquilo que o homem traz dentro de si, sempre e para o sempre...

A nossa ideia é aproveitar a força inesgotável das historinhas que vencem os séculos e, por meio delas, promover a educação ambiental a partir do teatro e da contação de histórias, com uma caminhada e bem pensada visita ao Parque Estadual de Paracatu. Trabalho que tem cinco escopos; que não é novo, mas sempre atual, cita que o homem, seus sonhos, seus anseios e necessidades são eternos.

O Projeto "Contar e Recontar Histórias para Encantar e Transformar Ideias", patrocinado pela Kinross, por meio da Lei do Incentivo à Cultura, do Ministério do Turismo (Pronac 19-6072), contemplará 17 escolas das redes públicas municipal e estadual. A ideia central é promover a educação ambiental, a partir do teatro e da contação de histórias - histórias de ontem, de hoje e do sempre -, e visita ao Parque Estadual de Paracatu.

Serão momentos de reflexão e ações sustentáveis, sensibilizando crianças de hoje, líderes e atores do mundo de amanhã, sobre a importância da biodiversidade, da Agenda Global 2030, dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e outros temas afins.

Com a graça de Deus, haveremos de escrever um novo futuro...

Obrigada!

Documento e memória, o Arquivo Público na Escola

Por: Carlos Lima (*Arquivista)

À convite do EJA Cecília Camano, que tem como projeto crucial o fortalecimento da educação de jovens e adultos, a palestra intitulada "documento e memória, o Arquivo Público na escola" foi proferida para alunos daquela classe nesta terça-feira (20), na Escola Municipal Antônio Ribeiro.

A palestra fez parte da programação da Aula Oficina de História, organizada pela professora e mestranda Wanderlândia Silva, que não mediu esforços para inserir seus alunos no majestoso universo histórico do qual Paracatu faz parte, inclusive com a participação de membros da comunidade, como o Sr. José Francisco, um grió (difusor da tradição), que deu seu importante depoimento sobre um poto centênico que resistiu ao tempo e fez parte da vida de diversas gerações de sua família.

A oficina em si é uma relevante ação voltada para educação patrimonial de jovens e adultos, que sem sempre dispõem do tempo e recursos para acessar os bens culturais e turísticos que a cidade possui, barreira esta que pode ser remediada quando elementos deste rico contexto são apresentados a este público, como ocorreu na iniciativa em destaque.

Documento e memória, o Arquivo Público na escola", levou experiência cultural e conhecimento histórico para os dedicados estudantes através de uma breve explanação sobre o papel da instituição enquanto guardiã do precioso acervo documental sobre a região Noroeste de Minas Gerais, além de trabalhar detalhes instigantes e curiosos que permeiam as fontes de pesquisa, a exemplo dos manuscritos e fotos.

Na ocasião, foram apresentadas fotografias de época, além de uma reprodução de um raro manuscrito de 1786 parte do dossiê do testamento do Sr. João Alves Guerreiro, morador do Arraial da Lagoa de Santo Antônio no município de Paracatu, em que a despesas relacionadas ao seu funeral foram pagas com ouro.

O evento de caráter pedagógico e educacional foi considerado uma grande oportunidade de provocar na comunidade uma reflexão quanto ao seu pertencimento em relação ao patrimônio material e imaterial de Paracatu, além de favorecer o compartilhamento do saber ainda muito enclausurado nos registros, peças e testemunhos de cunho histórico.

(*) Carlos Lima é graduado em Arquivologia pela Universidade Federal de Santa (UFSc). É Pós-Graduado em Oracle Java e Gerência de Projeto e é consultor e restaurador de documentos. Elaborou este artigo a partir de suas pesquisas nos fundos documentais do Arquivo Público de Paracatu – MG. com publicações no site https://paracatumemoria.wordpress.com/

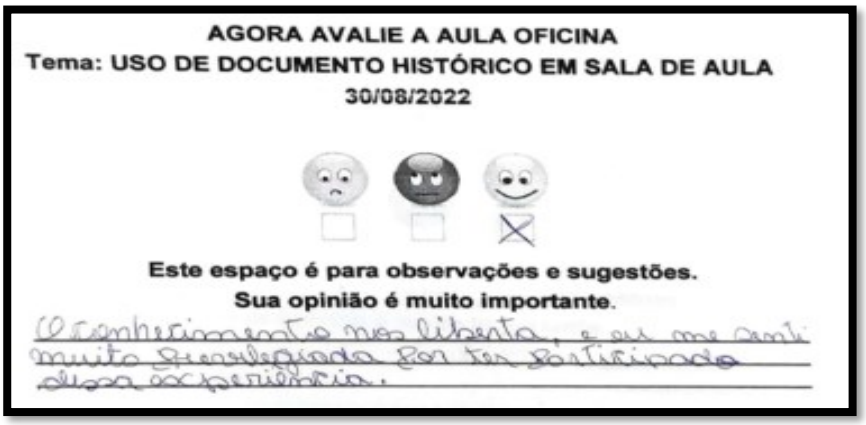
REFERÊNCIAS

LIMA, Carlos E. G. O ouro, moeda corrente da aurora. Disponível em: https://paracatumemoria.wordpress.com/...o-ouro-moeda.../. Acesso em: 01 Set. 2022.

TRIBUNAL ECLESIÁSTICO. Testamento do Sr João Alves Guerreiro. Cx. 25. 1786. 29 fls.

Fonte: Jornal *O Lábaro* (2022).

Figura 22: Avaliação da aula-oficina do dia 30/08/2022


AGORA AVALIE A AULA OFICINA
Tema: USO DE DOCUMENTO HISTÓRICO EM SALA DE AULA
30/08/2022

Este espaço é para observações e sugestões.
Sua opinião é muito importante.

O conhecimento nos liberta, e eu me senti muito sensibilizada por ter participado dessa experiência.

Fonte: Instrumento elaborado pela pesquisadora (2022).

Como os avanços na EJA, não na questão do ensino aprendizagem, mas pensando nos processos de institucionalização, só acontecem a partir de muita luta, em diálogo com as ações nacionais da EJA, acompanhamos o XVII ENEJA- Encontro Nacional da Educação de Jovens e Adultos, que aconteceu em Florianópolis - Santa Catarina, no período de 04 a 07 de agosto de 2022 com reflexões sobre a: Educação, trabalho e capitalismo: impactos, lutas e resistência na EJA, uma vez que, conforme o texto da Carta enviada aos educandos da EJA:

> Ainda há, no Brasil do século XXI, 11 milhões de pessoas acima de 15 anos de idade que não foram alfabetizadas e, em torno de 70 milhões de jovens, adultas e idosas que não concluíram a Educação Básica. Essa realidade não é resultado da falta de esforço ou interesse da população pela educação. São 12 milhões de pessoas desempregadas, 40 milhões no trabalho informal, outras em várias formas de trabalho escravo; 33 milhões de pessoas passam fome. Tudo isso, é resultado de um sistema capitalista que destrói a natureza, destrói o trabalho e destrói a classe trabalhadora, especialmente, pessoas pobres, negras, mulheres, LGBTQIA+, indígenas, quilombolas, ribeirinhas, povos das águas e florestas, itinerantes, do campo, excluídas nos diferentes espaços das cidades, pessoas com deficiência e privadas de liberdade (ENEJA, 2022).

É pertinente ratificar que o Brasil vivenciou durante o "desgoverno Bolsonaro" um projeto de destruição da Educação. Segundo o professor e especialista em Política e Gestão Educacional, José Marcelino de Rezende Pinto, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) da USP:

> [...]negar ao jovem brasileiro a possibilidade de concluir o ensino fundamental e o ensino médio através da educação de jovens e adultos, guardadas as proporções, é como se o País estivesse abrindo mão do seu futuro". E afirma que, dado o momento atual de crise, a saída para o Brasil é "investir pesadamente em educação", assim como fizeram países que viveram situações semelhantes (Pinto, 2021, In Jornal USP, loc.1).

O descaso com a educação reitera a falta de comprometimento com as maiorias menorizadas no Brasil, fato que atinge em massa as/os estudantes da EJA. A exemplo disso, durante o auge da

pandemia, em função da COVID-9, no ano de 2021, a Secretaria Municipal de Educação de Paracatu encerrou várias turmas de EJA, que funcionavam em 03 bairros periféricos da cidade, com a justificativa de que como as aulas eram remotas, poderiam funcionar na escola polo, diminuindo, assim, gastos com pagamento das/dos professoras/ professores. Nós, professoras e professores, cientes do quanto os laços de afetividade e de pertencimento são importantes para garantir a permanência da/do estudante na escola, questionamos e argumentamos, mas não fomos ouvidos. As anunciadas evasões aconteceram, uma vez que o uso das tecnologias era algo novo para muitas/muitos estudantes da EJA.

É necessário pontuar que o descaso institucional e a pouca valorização mencionada acima possuem efeitos e impactos nos grupos de jovens, adultos específicos da sociedade brasileira. A pesquisa anterior mostra o perfil das/dos alunas/alunos e alunas que são o maior público dessa modalidade de ensino. Ocorre, com essas considerações, que se percebe, mais uma vez, a destinação de ações e/ou desassistências da cidadania sobre o mesmo grupo social brasileiro.

Havia uma promessa de que, com o retorno presencial, os outros endereços voltariam a funcionar, mas até então nada aconteceu. Continuamos firmes na luta pela reabertura dos outros endereços da EJA, uma vez que existe demanda comprovada de estudantes que precisam da continuidade, das/dos alunas/alunos que abandonaram a escola em 2021 e que não retornaram por causa da distância, além daquelas/daqueles que nunca frequentaram a escola.

Aproveitando o aniversário de Paulo Freire e a necessidade de enfrentamento das desigualdades no nosso país, que atingem a classe trabalhadora, O *Fórum de EJA* do Brasil convidou diferentes atores sociais, tais como trabalhadoras da educação; instituições, entidades, movimentos populares e sindicais, de todos os estados. No dia da Manifestação Nacional da EJA, 19 e 20 de setembro de 2022, a E.M. Cacilda Caetano de Souza fez parte dele, por meio da leitura e do debate sobre carta a/os estudantes, em sala de aula e com a publicação nas redes sociais das seguintes hashtags: #JuntosPelaEJA; #EJAéDireito.

Figura 23: Mobilização Nacional pela EJA

Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022).

Na certeza da importância da temática, acabamos por explorá-la em sala de aula**.** Com o objetivo de trabalhar o social e o político, durante as aulas de História na EJA, relacionando o conteúdo previsto no currículo com as questões sensíveis às/aos alunas/alunos em questão. Isso possui relação, por exemplo, com a Revolução Industrial, pois esta retrata o surgimento da classe operária, o que remete também para as atuais lutas de classe, desigualdade social, surgimento dos sindicatos e fóruns.

Assim, para desenvolver a ação ilustrada na foto acima, houve uma retomada do conteúdo inerente à Revolução Industrial, para mencionar o surgimento da classe operária e dos sindicatos. A partir daí, o objeto de ensino foi introduzido, perguntando às/aos alunas/alunos se eles sabiam a definição de Fórum e, então, fomos tecendo o assunto, ao realizarmos a leitura coletiva e comentada da Carta às/aos estudantes da EJA. Eles prontamente se identificaram e deram sugestões de como iriamos participar da manifestação em prol da EJA. No desenrolar, confeccionaram cartazes, criaram grito de guerra, compartilharam as *hashtags:* #JuntosPelaEJA; #EJAéDireito, nas redes sociais e comprometeram-se a convidar amigas/os e parentes que não concluíram os estudos para retornarem à escola, porque nunca é tarde para recomeçar.

Essa interação por meio da leitura e do debate faz entrar em cena práticas de letramento, pois engajados como a luta pela EJA, acabam percebendo a importância da leitura e da escrita para construção de argumentos, para construção de cartazes com textos injuntivos, solicitando a valorização da EJA. Em outras palavras, entendem o uso social da leitura e da escrita. Desse modo, trabalhar as questões da atualidade numa perspectiva do letramento, faz com que a escola cumpra o seu papel social junto às/aos estudantes da EJA, que não estudaram no momento certo por várias questões, como relata uma aluna do 1º Período EJA:

"Não tive oportunidade de estudar quando criança porque passávamos muita dificuldade, morávamos na roça, na carvoeira e não tinha escola era só mato. Depois fui trabalhar na casa de uma família. Casei voltei para roça, tive meu filho e fui trabalhar para ele poder estudar. Agora eu estou realizando meu sonho de estar na sala de aula, porque sempre quis ler a Bíblia, ler um salmo e cantar na igreja, sentia com vergonha por não saber ler e escrever, isso me deixava muito triste, agora se Deus quiser vou aprender" (Dados gerados pela pesquisa, 2022).

Sendo assim, essas práticas de letramento, em que estudantes da EJA são envolvidos em atividades de leitura e escrita de temas da história, contribuem para que elas/eles entendam a sociedade, entendam que a linguagem perpassa pela sociedade, que precisamos formar sujeitos críticos diante dos diferentes problemas sociais, dentre eles, a falta de valorização da EJA. Assim, o Dia da Mobilização Nacional pela EJA, organizado pelo Movimento dos Fóruns de EJA no Brasil, teve por objetivo reivindicar o direito à educação para os brasileiros que não concluíram a educação básica. Ao entenderem o Movimento e a importância dele, os estudantes se sentiram como atores sociais que não só podem lutar pelos direitos, mas que devem lutar.

Figura 24: Mobilização Nacional pela EJA

Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022).

Na fotografia, assim como em vários sites de escolas, universidades, os estudantes da EJA da E.M, Cacilda, utilizaram a hashtag #JuntosPelaEJA, destacando a importância de que a EJA seja reconhecida como um direito. Utilizando a escrita, a leitura, o conhecimento histórico, esses atores sociais se sentiram parte de um movimento que buscou garantir oportunidades inclusivas a todos, independentemente da idade ou do momento de suas vidas em que decidiram retornar seus estudos. Mais uma vez, os sonhos de D. Neusa reverberam nesta dissertação, para mostrar que o sonho de estudar é possível, o sonho de ser letrado, de participar ativamente de movimentos sociais é possível.

3.3.5 A Segunda aula-oficina: as relações raciais na sociedade e a educação patrimonial a partir da história de Paracatu

A segunda aula-oficina foi destinada para um trabalho sobre as relações raciais na sociedade e a educação patrimonial a partir da história de Paracatu. Fizemos o plano de aula, como em outras aulas-oficinas, sempre procurando adequar à realidade da EJA.

Quadro 18: Segunda aula-oficina

<table>
<tr><td colspan="3">Prefeitura Municipal de Paracatu - Minas Gerais
Secretaria Municipal de Educação – E.M. Cacilda Caetano de Souza

Planejamento aula-oficina de história/ 2º semestre 2022

As Relações Raciais na Sociedade e a Educação Patrimonial a partir da história de Paracatu</td></tr>
<tr><td>Componente Curricular:
HISTÓRIA</td><td>Turma/Estudantes:
Estudantes da EJA que aceitaram participar da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecimento</td><td>Horário: 18h
Data:
04/10/2022</td></tr>
<tr><td>Professora: Wanderlândia S. N. Fernandes</td><td>Espaço formativo: Dependências da escola</td><td>Duração: 02 aulas</td></tr>
<tr><td>Conteúdos relacionados:</td><td colspan="2">As sociedades africana e americana, sua diversidade religiosa, cultural, econômica e sua escravização.
As dinâmicas sociais, culturais e econômicas na região das Minas.
Patrimônio histórico em Minas Gerais. Diversidade populacional e vida urbana nas regiões das Minas.</td></tr>
<tr><td colspan="3">Habilidades:

(EF07HI03X) Identificar aspectos e processos específicos das sociedades africanas e americanas antes da chegada dos europeus, com destaque para as formas de organização social, cultural, política, econômica, religiosa e o desenvolvimento de saberes e técnicas.
(EF07HI14X) Descrever as dinâmicas comerciais das sociedades americanas e africanas e analisar suas interações com outras sociedades do Ocidente e do Oriente, reconhecendo o papel da América e da África no comércio do Atlântico, relatando as interações desse comércio com outras sociedades.
(EF07HI15) Discutir o conceito de escravidão moderna e suas distinções em relação ao escravismo antigo e à servidão medieval.
(EF07HI16X) Analisar os mecanismos e as dinâmicas de comércio de escravizados em suas diferentes fases, identificando os agentes responsáveis pelo tráfico e as regiões e zonas africanas de procedência dos escravizados, dando enfoque na existência de um sistema escravista na África antes da chegada dos europeus.</td></tr>
<tr><td colspan="3">MATRIZ DE REFERÊNCIA - Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB)
O desenvolvimento dessas habilidades no componente curricular de História favorece o desenvolvimento dos descritores da Matriz do SAEB de:
Língua Portuguesa:
D5 – Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso (propagandas, quadrinhos, foto etc.).
D15 – D15 – Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que ele foi produzido e daquelas em que será recebido.
Matemática:
D36 – Resolver problema envolvendo informações apresentadas em tabelas e/ou gráficos.
D37 –Associar informações apresentadas em listas e/ou tabelas simples aos gráficos que as representam e vice-versa.</td></tr>
<tr><td colspan="3">Objetivos da aula:
Conhecer as sociedades africanas e americanas, sua diversidade religiosa, cultural, econômica e sua escravização.
Aprender sobre tráfico negreiro: e o processo de dominação X resistência.
Diferenciar as características do escravismo antigo e servidão medieval.
Identificar as dinâmicas sociais, culturais e econômicas na região das Minas.
Estudar o Patrimônio histórico em Minas Gerais. Diversidade populacional e vida urbana nas regiões das Minas a partir da história de Paracatu.</td></tr>
</table>

Desenvolvimento da aula-oficina **Preparação do Ambiente pedagógico:** Organização do espaço para as oficinas de trança e pão de queijo **Acolhimento:** Abertura feita pela professora Wanderlândia, que explicou sobre a importância da lei 10.639/2003 **Encerramento:** Contação da história da boneca Abaiomy e a entrega dela às mulheres presentes, como amuleto diante das adversidades da vida.
AÇÃO PROPOSITIVA (sequência das atividades que propiciem a participação individual e coletiva das/dos alunas/alunos) A aula iniciou com a fala da representante do COMPIR (Conselho da Igualdade Racial de Paracatu), que explicou sobre o trabalho desenvolvido pelo Conselho em Paracatu. Em seguida a representante da Secretaria de Cultura e Turismo, falou sobre a importância do turismo para a cidade. Em seguida as oficinas foram desenvolvidas.
3. SISTEMATIZAÇÃO (momento de retomada dos conceitos) e REVISÃO DO CONTEÚDO A partir dos slides e da participação oral das/dos estudantes e posteriormente com a leitura e interpretação de um texto sobre a história do continente africano, a história da boneca abaiomy (ANEXO) e a partir de outros textos sobre contribuições africanas e enfrentamento ao racismo, trabalhados em sala de aula.
RECURSOS DIDÁTICOS: Data show, notebook, slides do PPT, vídeos curtos do Youtube
AVALIAÇÃO 1º A avaliação da aula-oficina foi realizada ao final, onde todos os participantes afirmaram que as oficinas proporcionaram muito conhecimento, além de momentos de muita interação e diversão**.** 2º. A avaliação da aprendizagem foi feita pela professora, a partir das atividades realizadas em sala de aula, observando o conhecimento do conteúdo, a consciência histórica das/dos estudantes e também do nível de alfabetização e letramento. 3º Após análise foram propostas atividades de intervenção para nova análise, comparação e divulgação dos resultados.
BIBLIOGRAFIA MINAS GERAIS **Currículo Referência de Minas Gerais – CRMG.** Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/documento_curricular_mg.pdf Acesso em: 03/04/2021. BRASIL **Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB)** Disponível em: < https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/saeb>. Acesso em: 23/03/2022. QUADRADO, História ao. **Introdução à História**. **Youtube** 11/11/2007 Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=N9p6O-e-BEM>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Mais uma vez, considerando a análise de experiências do grupo de discentes, optamos pela proposta de estímulo educacional que considerasse/dialogasse com a própria natureza humana e social do ser. A sociedade brasileira possui uma relação histórica muito particular com as mulheres negras e os homens negros. A desigualdade, a >. Acesso, a pouca/nenhuma acessibilidade aos aparelhos públicos fazem do dia a dia desses atores sociais uma construção muito particular. E, nesse sentido, a Segunda Aula-Oficina foi pensada dialogando com aspectos importantes dessa questão. A atividade aconteceu no dia 04/10/2022 e teve como foco aspectos da História de Paracatu. A iniciativa se deu em comemoração aos 224 anos que a cidade completou no dia 20 de outubro. Trabalhou-se também o conhecimento e valorização da Cultura africana e afro brasileira, respaldadas pela legislação 11.645/08. Salienta-se que, ao trabalhar tais temas transversais com intencionalidade pedagógica, fomenta-se a cultura

antirracista na escola, trabalha-se os conteúdos de História e, ao mesmo tempo, auxilia na escrita, na leitura e na interpretação.

O objetivo central da aula foi que, a partir dela, fossem realizadas intervenções pedagógicas. O planejamento geral, convertido em planos de aulas, foi elaborado a partir das fragilidades detectadas nos resultados das avaliações diagnósticas, da reunião do conselho de classe e também da análise de atividades executadas na primeira Aula-Oficina, com foco em aprimorar a consolidação do processo de alfabetização e letramento na EJA. Combinando esforços educacionais diversos, a aula-oficina contou com a participação dos membros da equipe da Secretaria Municipal de Cultura e de pessoas da comunidade, como a professora Milena e a tracista Valéria, ambas propiciaram uma contextualização histórica e muita interação com os/as estudantes no desenvolvimento das oficinas, tanto do preparo do pão de queijo de receita paracatuense, como na contação da história e da demonstração prática do feitio de alguns tipos de tranças.

Figura 25: Oficina de tranças

Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Essa última atividade, além de dialogar com aspectos inerentes às/aos estudantes, tais como a autoestima, pois as educandas da EJA ficaram lindas e empoderadas, ao conhecerem e compreenderem sobre a origem e a importância da trança Nagô para os povos africanos, escravizados no Brasil. Trata-se de uma prática de letramento que fez com que as estudantes sentissem que o que aprenderam na teoria poderiam vivenciar na prática, ou seja, a aprendizagem significou, teve um sentido para elas. Foi uma experiência permeada de boniteza, foi autêntica para elas, o que nos lembra o que Paulo Freire defende: “Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em

que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade" (Freire, 1996, p.14).

Todas as temáticas foram posteriormente trabalhadas de forma interdisciplinar, nas salas de aula. Para fecharmos a aula-oficina, num momento de muita representatividade, entregamos às mulheres presentes uma boneca Abayomi, símbolo de resistência e acalento diante das adversidades da vida. A Abayomi nos lembra que sempre podemos fazer algo para diminuir a dor do outro. Foi um momento que também lembrei da história de luta da minha mãe, D. Neusa, e o seu desejo de voltar a estudar, pois ela percebeu que o letramento é libertador. Assim, poder fazer uso da escrita socialmente é de imensurável valor social. E essa oficina com mulheres, estudantes, muitas delas mães, representou a importância do conhecimento e da valorização da nossa ancestralidade como garantia de um futuro melhor e mais igualitário. Assim, trabalhar com a EJA proporciona muitos momentos assim:

Figura 26: Parceiros da S.M. de Cultura e Turismo de Paracatu

Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 27: Oficina de Pão de Queijo Paracatuense

Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 28: Oficina de Pão de Queijo Paracatuense

Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 29: Palestra sobre Educação Patrimonial

Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 30: Oficina: Boneca Abayomi

Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Nota-se que, incluindo a oficina das tranças, todas as outras permitiram um trabalho efetivo, considerando as Leis 130.639/03 e 11.645/08. Assim, no âmbito do papel social dos professores, é fundamental reconhecermos nossa responsabilidade em relação à diversidade. Ao lidarmos com estudantes de diferentes origens étnicas, como brancas/brancos, negras/negros, indígenas, deficientes, entre outros, devemos considerar que nosso país é predominantemente composto por indivíduos negros e que tanto eles quanto os indígenas foram vítimas da escravidão ao longo da história. O racismo, por sua vez, é um dos sentimentos mais nocivos e arraigados em nossa sociedade, permeando questões econômicas, o aparato estatal e as subjetividades relacionadas ao processo histórico de escravização. Reconhecemos que há uma resistência em abordar esse tema no contexto escolar, muitas vezes justificada por um equivocado argumento de que ele se restringe ao campo de conhecimento específico da disciplina de História. No entanto, segundo Müller (2008, p. 21 e 27), é essencial superar essa perspectiva limitada.

> A resistência em "ver" situações preconceituosas e discriminatórias quase que faz parte do ethos do professor brasileiro, assim como da percepção da maioria da nossa população. O racismo, que produz as desigualdades em todas as situações de vida, nutre-se do silêncio, da acomodação. Recuperar a contribuição histórica da população negra para a construção da sociedade brasileira, discutir nossa herança africana, não só contribuirão para reforçar a autoestima e a identidade de nossos alunos, como irá prepará-los para enfrentar as inevitáveis dificuldades no mercado de trabalho.

Dessa forma, é intolerável que em um contexto de desenvolvimento social e cultural, ainda se tenha tantas práticas discriminatórias com as minorias, tais como negras/negros, pobres, analfabetas/analfabetos, pessoas com deficiência, dentre outros.

Rüsen, professor, historiador e filósofo alemão, cujas reflexões sobre a historiografia e o ensino de história são conhecidas do público brasileiro, pelo fato de ter crescido num período pós-guerra, vê como positivo o processo de modernização sobre o desenvolvimento social e cultural. Para ele, o historiador não deve eximir os resultados de sua pesquisa da pretensão controlável de validade [Rüsen, 2015, p. 27]. Esta ideia resulta da compreensão de que razão e racionalidade são histórica e culturalmente situadas, ponto de partida da sua teoria [Wiklund, 2008, p. 25]. Rüsen defende que a História se aprende a partir da mobilização dos saberes diversos que as/os estudantes trazem consigo e da constituição de sentido do que está sendo ensinado, para tanto se faz necessário um link com o tempo presente, que auxilia o estudante a perceber sua consciência histórica. Para isso, é primordial a mediação da professora/do professor nesse processo, fazendo com que, a partir da didática da história, aconteça a mobilização do conhecimento perpassada por três operações básicas de Rüsen, que são: *experiência*, que é a memória adquirida a partir das vivências do sujeito; a

interpretação, que é o sentido dado a partir da realidade presente e a *orientação,* que é quando o estudante transforma o que aprendeu em engajamento e prática sócia, sendo capaz assim de posicionar-se enquanto sujeito histórico.

3.3.6 Avaliação da segunda aula-oficina

A Segunda aula-oficina teve uma avaliação muito positiva. Num diálogo rápido, a maioria dos participantes gostaram e relataram que houve muito aprendizado. A equipe pedagógica e administrativa ressaltou o quanto aprenderam com essas ações empreendidas em forma de grupo focal. Ressaltaram ainda o quanto a temática é importante e o quanto ela precisa ser discutida. Os temas foram cuidadosamente pensados após constatação, a partir da análise dos dados do questionário, de que a EJA é composta em sua maioria por mulheres, que assim como a minha mãe, tiveram poucas oportunidades na vida, mas nem por isso se acomodaram, pelo contrário, perceberam, na busca pelo conhecimento, uma chance de prosperar e conquistar o seu espaço e independência financeira.

Uma estudante, em depoimento, relatou:

"*Gostei de tudo, principalmente da oficina de tranças, amei saber da origem das tranças. Foi muito bom ouvir as histórias de superação das mulheres que vieram ministrar a oficina, uma vez que elas nos contaram sobre o quanto já sofreram preconceito e como transformaram a dor em luta, a oficina levantou a minha autoestima, percebi que eu também posso alcançar meus objetivos, vencer minha timidez e não deixar ninguém me humilhar*" (Aluna participante da pesquisa - Depoimento a autora em 2022, sic).

Como já mencionamos, esse depoimento deixa claro o quanto é necessário cumprir a Lei nº 11.645, que alterou a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, estabelecendo assim as diretrizes e bases da educação nacional, com a inclusão da obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena" , promovendo assim a releitura da história do mundo africano, sua cultura e os reflexos sobre a vida dos afro-brasileiros em geral, rompendo com o modelo vigente na sociedade brasileira, garantindo cidadania e a igualdade racial.

Ao inserirmos a temática do enfrentamento ao racismo, no ambiente escolar, principalmente na EJA, que é composta na sua maioria, por mulheres, negras pobres, do campo, indígenas, ciganas, precisamos refletir que para além do racismo, as mulheres são vítimas da violência doméstica e do feminicídio. Conseguimos materializar a lei, porque o racismo seja ele velado ou não é crime e mata. Com ações antirracistas damos um passo rumo a correção da dívida histórica com o terceiro maior continente do mundo, com 54 países e que ainda aparece nos livros didáticos quando o tema é escravidão, desvalorizando a noção de diversidade de nosso povo e minimizando a importância dos afrodescendentes. Cientes disto,

foram desenvolvidas a segunda aula-oficina, que foi pautada na educação antirracista, numa visão ampla e não apenas eurocêntrica, que valoriza as riquezas e contribuições de África na formação do povo brasileiro. O processo de reconhecimento da negritude, do ser quilombola, só se dá quando conhecemos e nos orgulhamos da nossa rica ancestralidade. O relato de vida das palestrantes e a história de resistência por trás das tranças oportunizaram às participantes este aprendizado, pois a partir daquele momento já não se tratava de apenas um penteado, mas também de um símbolo de força do povo africano, o qual elas perceberam e passaram a fazer parte, mostrando engajamento e empoderamento.

No decorrer do mês de outubro, foram realizadas várias intervenções pedagógicas a partir da História de Paracatu e da Cultura Africana e Afro-brasileira. Tais como: A Hora da leitura de: contos africanos, matérias publicadas no jornal local, trechos de livros de autores paracatuenses e outros gêneros textuais/discursivos. Num outro momento, todas/os as/os professoras/professores realizaram um ditado com palavras de origem africana, em que depois que o aluno escrevia, o professor ditava o significado.

Dentre as ações, houve uma roda de conversa sobre os vários tipos de preconceitos existentes e estratégias de enfrentamento ao racismo. Realizou-se também o Jogo "Onde você guarda o seu preconceito", com a intencionalidade pedagógica de incentivar as/os estudantes a refletirem sobre o racismo sutil presentes nas mais variadas atitudes do dia a dia. Para iniciar, as/os estudantes foram orientadas/os a dar um passo à frente diante da leitura de um preconceito que já haviam sofrido ou um passo atrás diante de uma atitude preconceituosa que já praticou com alguém.

Ao final, foi realizada uma roda de conversa, na qual todas/todos puderam participar dizendo o que sentiram durante o jogo e como será suas atitudes a partir de agora. A plenária foi muito emocionante, várias/vários alunas/alunos relataram que passam por situações assim todos os dias e que, a partir de agora, possuem conhecimento para ter uma postura diferente. Outros relataram que não sabiam que eram tão preconceituosos e que agora iriam tentar mudar as atitudes. Algumas alunas afirmaram que agora tinham um letramento racial[12],

[12] O termo letramento racial foi explicado em sala. No site da Academia Brasileira de Letras (ABL), há uma explicação muito clara sobre o termo. "Você já ouviu falar em **letramento racial**? Sabe o que é e como se faz? Esse conceito remete à racialização das relações, ou seja, o estabelecimento arbitrário de direitos e lugares hierarquicamente diferentes para brancos e não brancos, que legitima uma pretensa supremacia do branco. Portanto, o racismo pode (e precisa) ser desconstruído, combatido, o que implica necessariamente lutar para que todos sejam efetivamente reconhecidos como cidadãos e que tenham de fato seus direitos garantidos. Como nos diz a psicóloga e pesquisadora Lia Vainer Schuman, o **letramento racial** está relacionado principalmente com a necessidade de desconstruir formas de pensar e agir que foram naturalizadas. Se não admitirmos que nossa sociedade é organizada a partir de uma perspectiva eurocêntrica e orientada pela lógica do privilégio do branco, trabalharemos com uma falsa e insustentável ideia de igualdade, porque o racismo é estrutural e institucional(

influenciadas, principalmente pela oficina de tranças, em que sentiram um certo pertencimento e conheceram a cultura afro-brasileira de mais perto.

> As mulheres negras têm muito mais a oferecer além da pauta racismo. O antirracismo é urgente e deve ser discutido, mas a carga já é pesada para quem sofre diariamente o preconceito na pele. A consulta sobre a questão é incessante mesmo para quem não deseja tocar no assunto ou não tem **letramento racial**. A amiga negra vira o 'afrogoogle' ou a 'wikipreta'. Para Luana Génot, diretora executiva do ID_BR e colunista da Revista 'Ela', há uma percepção errada na sociedade de que só as mulheres negras têm raça, já que o efeito do racismo afeta a todos, em diferentes escalas. – Acho que mais mulheres brancas deveriam ser chamadas para falar sobre seus privilégios, sobre elas terem a centralidade das fontes, serem sempre representantes de um todo. Temos que convidar pessoas brancas para esse debate. A raça é associada às mulheres negras, enquanto todos nós temos raça: branco também é raça. A luta é para que mulheres negras possam ter narrativas além da questão racial, porque somos múltiplas em nossas identidades (ABL, 2021, loc.1.).

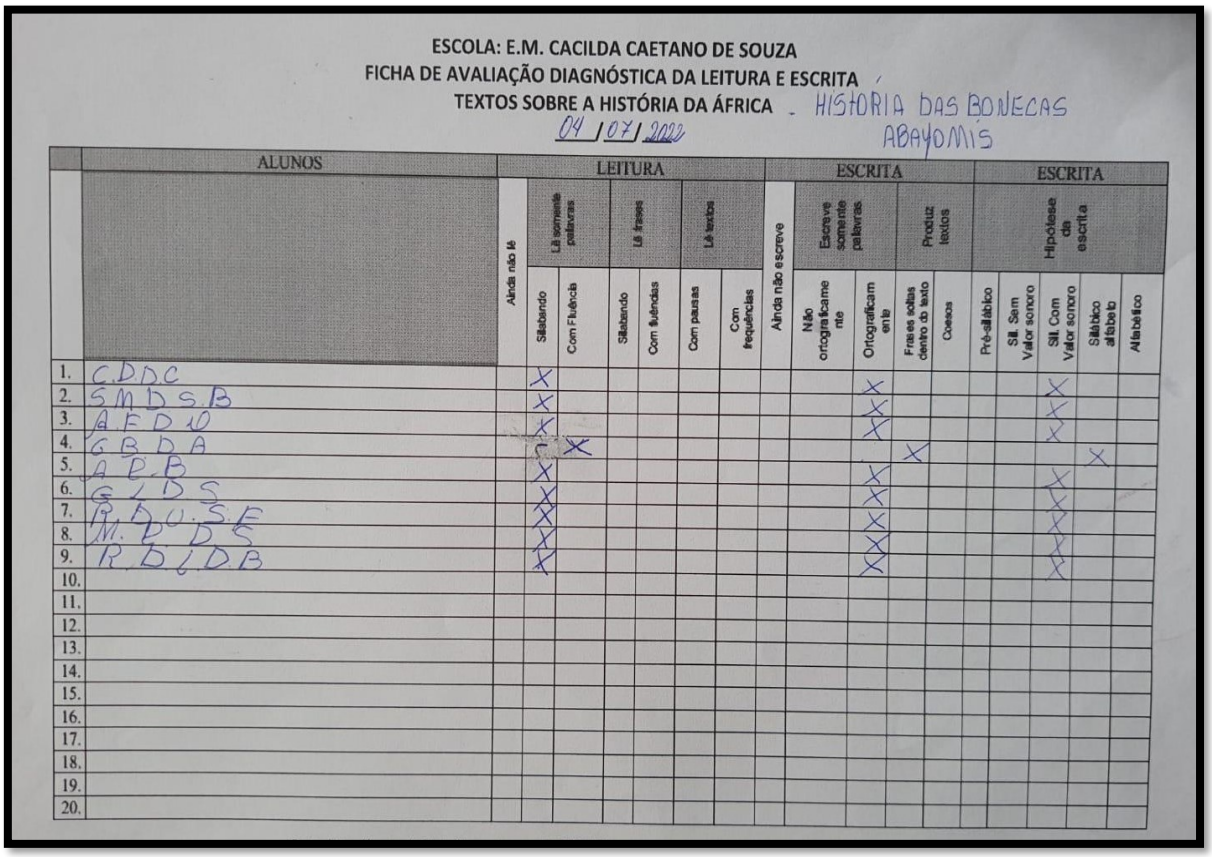
Dito isso, foram proporcionados muitos momentos de leitura, sobre o contexto da escravização e as consequências dele na sociedade, que é o que sustenta o racismo estrutural. Mas, para além das leituras, era preciso que as/estudantes não ficassem alheios à realidade, que entendessem a realidade, que entendessem a importância da criminalização do racismo, especialmente com a implantação da lei de injúria racial implementada agora no governo de esquerda e que permite punições mais severas, já que o crime de racismo está voltado para o coletivo e a injúria para o individual. Compreender isso tudo é ter uma leitura de mundo, é ser letrado historicamente para entender que há uma dívida histórica com o povo negro e com os indígenas. Sobre a leitura de mundo, Paulo Freire nos ensina que ela "precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançado por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto" (Freire, 1986, p.113) .

Nessa seara, foram organizados momentos de leitura individual com as/os estudantes, em que foi possível verificar o nível de leitura de cada um dos participantes, uma vez que na sala de aula, as/os alunas/alunos que têm dificuldade não têm coragem de ler, fato que dificulta ainda mais esta habilidade. No fim de cada leitura, a professora os motivava a ler mais e mais, para que se tornassem leitores de fato letrados, tanto nos aspectos da linguagem, que não se aparta da realidade, quanto nos conhecimentos históricos para que entendessem os diferentes problemas sociais vividos na sociedade brasileira e no mundo.

Almeida, Neide A. de. Letramento racial: um desafio para todos nós: Portal Geledés, 28 de out. 2017. Disponível em: https://www.geledes.org.br/letramento-racial-um-desafio-para-todos-nos-p.... Acesso em: 8 nov. 2021.

Os textos trabalhados na oficina foram os mesmos que seriam trabalhados em sala de aula, reforçando assim a possibilidade de compreensão do conteúdo. Durante a aula, foram realizadas leituras compartilhadas, onde algumas/alguns alunas/alunos que nunca liam, já estavam se sentindo à vontade para ler também, o que já foi um grande avanço. A seguir, apresentamos a ficha de avaliação da escrita e da leitura.

Figura 31: Ficha de Avaliação da escrita e leitura



ESCOLA: E.M. CACILDA CAETANO DE SOUZA
FICHA DE AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA DA LEITURA E ESCRITA
TEXTOS SOBRE A HISTÓRIA DA ÁFRICA - HISTORIA DAS BONECAS ABAYOMIS
04/07/2022

	ALUNOS	LEITURA						ESCRITA					ESCRITA				
		Ainda não lê	Lê somente palavras		Lê frases		Lê textos	Ainda não escreve	Escreve somente palavras		Produz textos		Hipótese da escrita				
			Silabando	Com Fluência	Silabando	Com fluências	Com pausas	Com frequências		Não ortograficamente	Ortograficamente	Frases soltas dentro do texto	Coesos	Pré-silábico	Sil. Sem Valor sonoro	Sil. Com Valor sonoro	Silábico alfabeto	Alfabético
1.	C.D.D.C		X								X					X		
2.	S.M.D.S.B		X								X					X		
3.	A.F.D.O		X								X					X		
4.	G.B.D.A		G	X								X					X	
5.	A.P.B		X								X					X		
6.	G.L.D.S		X								X					X		
7.	R.D.U.S.E		X								X					X		
8.	M.D.D.S		X								X					X		
9.	R.D.L.D.B		X								X					X		
10.																		
11.																		
12.																		
13.																		
14.																		
15.																		
16.																		
17.																		
18.																		
19.																		
20.																		

Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022).

O pertencimento e o engajamento das/dos alunas/alunos da EJA, com as atividades escolares, ficaram nítidas ao conseguirmos levar para a avenida 20 estudantes para compor o bloco “Nunca é tarde para recomeçar”, em comemoração aos 224 anos de Paracatu. Eles ficaram honrados e radiantes, conforme mostram as imagens abaixo.

Figura 32: Participação da EJA no desfile do Aniversário de Paracatu

Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022).

Os/As estudantes desfilaram sorrindo, porque gostam da escola e também porque muitos nunca participaram de eventos assim, quando eram mais novos. A EJA proporciona às/aos estudantes a possibilidade não apenas de escolaridade, mas também de inclusão social, lazer e acesso à cultura. Uma aluna, que esbanjou felicidade, sorriso e muita simpatia confirma em seu relato a afirmação acima, quando disse: "*eu amo a EJA, amo minha escola, gosto muito. Aproveitei desse desfile, com 60 anos de idade, o que não pude aproveitar no tempo de criança, estou muito feliz!"* (sic).

Percebia ali a pedagogia da autonomia funcionando, ressoava ali também o sorriso da minha mãe quando aprendeu as primeiras letras, quando se sentiu parte da sociedade, por aprender a ler e a escrever. Não há, sob meu ponto de vista, como haver uma neutralidade na pesquisa, sendo que essas emoções fazem parte das nossas práticas pedagógicas. Ademais, várias pesquisas nas áreas das ciências sociais e da linguística, por exemplo, têm apontado que não tentar se posicionar como neutro em uma pesquisa que envolve seres humanos, já se configura por si só como uma posição ideológica. Consoante aos estudos de Fairclough (2003), conhecido analista do discurso, o engajamento pessoal do pesquisador não o obriga a uma parcialidade negativa, contando que deixe claro sua perspectiva de análise e não simule respostas de imparcialidade científica. Resende e Ramalho (2014, p. 140) reforçam que: "admitimos que a suposição de neutralidade em ciência não é senão um posicionamento ideológico e, assim sendo, não nos pretendemos ser neutros – sabemos que não podemos sê-lo e, mais que isso, não queremos sê-lo".

Dessa forma, respinga nessa dissertação vários traços de emoções vivenciadas durante minha vida pessoal, ao alfabetizar e letrar a minha mãe, D. Neusa, e durante a minha trajetória profissional na EJA, especialmente na realização do grupo focal e de outras ações para esta pesquisa. É importante explicar que a pesquisadora mesmo sabendo que, em alguns momentos, eram preciso se afastar, em outros, trouxe para mais perto possível a figura da filha, da mãe, da professora, da colega, da amiga, da aluna de mestrado, a fim de imprimir marcas das vivências da EJA. Faz-se necessário então, mais uma vez, convocar Paulo Freire, que nos ensina que:

> A atividade docente de que a discente não se separa é uma experiência alegre por natureza. E falso também tomar como inconciliáveis seriedade docente e alegria, como se a alegria fosse inimiga da rigoridade. Pelo contrário, quanto mais metodicamente rigoroso me torno na minha busca e na minha docência, tanto mais alegre me sinto e esperançoso também. A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. O desrespeito à educação, aos educandos, aos educadores e às educadoras corrói ou deteriora em nós, de um lado, a sensibilidade ou a abertura ao bem querer da própria prática educativa de outro, a alegria necessária ao que-fazer docente. É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido. É esta força misteriosa, às vezes chamada vocação, que explica a quase devoção com que a grande maioria do magistério nele permanece, apesar da imoralidade dos salários. E não apenas permanece, mas cumpre, como pode, seu dever. Amorosamente, acrescento. Mas é preciso, sublinho, que, permanecendo e amorosamente cumprindo o seu dever, não deixe de lutar politicamente, por seus direitos e pelo respeito à dignidade de sua tarefa, assim como pelo zelo devido ao espaço pedagógico em que atua com seus alunos (Freire, 1996, loc.73).

Exposto isso, como a EJA é composta por educandos jovens, adultas/os e idosas/os, com pouco acesso aos serviços públicos, tentamos trabalhar de forma interdisciplinar todas as Campanhas Nacionais em prol da saúde. Como era o mês de outubro, convidamos uma enfermeira para falar sobre a prevenção do Câncer de mama e de próstata. O momento foi enriquecedor, com muita interação e um emocionante testemunho de uma jovem que, aos 25 anos, está com câncer com metástase, por falta de tratamento no momento certo. Ela decidiu viver a vida e compartilhar a sua história, para que outras pessoas não passem pelo mesmo problema.

Figura 33: Ação Outubro Rosa

Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022).

Nessa perspectiva, o diálogo com os temas transversais faz com que o aprendizado aconteça de uma forma simples e inspiradora, motivando assim o autocuidado e a prevenção, que é o remédio mais eficaz contra o câncer.

Por fim, como **resultados obtidos com as aulas-oficinas,** podemos afirmar que elas proporcionaram às/aos estudantes da EJA não só o entendimento do conteúdo de História do ponto de vista escolar, mas também vários tipos de letramento, tal como o histórico e o racial.

Cumpre salientar que a História pode ser aprendida dos mais diversos modos e com os mais diversos conteúdos – "a relação com a ciência da história se dá ao se ponderar as diversas formas e diferentes conteúdo do aprendizado histórico"(Russen, 2007, p.92). Percebeu-se, a partir desses momentos, um exercício da Didática da História, visto que houve um maior engajamento por parte das/dos estudantes, além de despertar um sentimento de pertencimento por parte das/dos estudantes, que passaram a demonstrar mais comprometimento com as aulas e demais atividades escolares.

REFLEXÃO SOBRE A PESQUISA E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou provocar uma reflexão sobre a utilização de determinadas estratégias educacionais, estímulos formativos para um grupo de mulheres e homens e seus papéis na sociedade brasileira. Procurou-se também compreender a maneira como o Estado Brasileiro, paulatinamente, manifestou-se sobre a necessidade (ou não) de instrumentalizar com o letramento determinados sujeitos históricos. Ainda que de maneira rápida, foi possível acompanhar a dicotomia pensada e disponibilizada no processo de formação de mulheres e homens que deixaram de frequentar as salas de aula, no período compatível com a idade biológica. Intentamos que o estudo possa trazer benefícios e contribuições para as/os estudantes, professoras e professores da EJA, para os órgãos educacionais responsáveis pela modalidade EJA e principalmente para a comunidade, tendo em vista a execução e divulgação dos benefícios aqui relacionados: **1º)** conhecer a identidade, trajetórias e vivências dos educandos da modalidade Educação de Jovens e Adultos da E.M. Cacilda Caetano de Souza, de 2012 a 2022 para minimizar as lacunas no processo de letramento, tendo em vista a defasagem idade/período de escolaridade; **2º)** proporcionar benefícios imediatos e diretos para os educandos da EJA, visto que, a partir da análise dos dados gerados pela pesquisa, da execução da oficina de intervenção, da tabulação e divulgação dos resultados, todas/todos as/os professoras/professores poderão ampliar o objetivo das aulas, abrangendo assim, as habilidades de alfabetização e letramento, que ainda não foram consolidadas, tornando-os assim indivíduos autônomos e com mais possibilidade de inserção social, que poderão executar ações simples tais como: realizar uma leitura na hora da missa, conseguir a carteira de habilitação e outros; **3º)** Melhorar a qualidade da oferta desta modalidade de ensino, onde a comunidade está inserida; **4º)** analisar e propor melhorias para a oferta do conteúdo de História na EJA; **5º)** efetuar um estudo, a partir do resultado da análise dados coletados no questionário, com as equipes pedagógicas da Superintendência Regional de Ensino de Paracatu e da Secretaria Municipal de Educação de Paracatu, para a elaboração de um Plano de Ação exequível no processo de consolidação do processo de Letramento das/dos estudantes da EJA, a partir do desenvolvimento do conteúdo de História em sala de aula; **6º)** fomentar a realização 3ª Plenária do Fórum da EJA do Noroeste Mineiro em Paracatu, com a participação das/dos ex-estudantes e estudantes da EJA envolvidos na pesquisa, representantes das/dos estudantes da EJA das escolas municipais e estaduais de Paracatu , representantes das professoras/professores, órgãos educacionais ligados à Educação Básica e Educação Superior e demais representantes da sociedade civil, para apresentação dos resultados da pesquisa, para

juntos continuarmos dialogando sobre esta complexa modalidade; **7º)** propor e organizar um encontro com troca de experiências exitosas na EJA, para que eu possa compartilhar os registros e análises das aulas oficinas desenvolvidas durante a pesquisa, para inspirar outras/outros professoras/professores de História a perceber que o conteúdo ministrado em sala de aula, também é uma importante ferramenta pedagógica, uma vez que além de poder mensurar nível de conhecimento histórico, do educando em relação aos temas estudados, ele auxilia também na percepção dos variados níveis de alfabetização e letramento existentes em sala de aula.

É preciso explicar que, para a existência da EJA almejada, exige-se um constante movimento de militância política para que as leis se materializem no chão da escola, tendo em vista que para Freire (1985), o processo de alfabetização caracteriza-se no interior de um projeto político que deve garantir o direito a cada educando de afirmar sua própria voz. Para tanto, é imprescindível a atuação de professoras e professores utópicos, pesquisadores, e mediadores do processo ensino aprendizagem. E, a partir de um planejamento pautado no respeito e valorização da história de vida e dos conhecimentos prévios das/dos estudantes, será possível articular o conteúdo ensinado com as situações vivenciadas no contexto social e político em que as/os educandos/as estão inseridos/os, dando assim vida ao objeto de ensino explorado, que se transforma em conhecimento, engajamento e transformação da realidade, conforme relato oral em sala de aula da estudante da EJA, transcrito abaixo:

> *"Professora você lembra-se da história africana da boneca Abayomi, que nos contou durante a oficina? Aquela que no final, você nos deu de presente uma boneca? No dia você pediu para que contássemos a mesma história para alguém especial e em seguida presenteássemos a pessoa com a bonequinha, que seria uma espécie de amuleto, para a pessoa saber que por pior que fosse o problema, ele passaria. Na hora pensei na minha filha, mas, como ela anda muito rebelde, só fica no quarto mexendo com celular, não tive coragem de contar a história para ela. Só que as coisas pioraram e ela precisou iniciar um tratamento psicológico. Conversando com o psicólogo, ele me falou que eu precisava me aproximar mais dela, aí eu disse, que isto era um problema para mim, contei sobre a tarefa que a senhora deu e que eu não consegui realizar. Aí ele me pediu para contar a história para ele, contei direitinho e ele adorou, disse que eu deveria começar a me aproximar dela contando esta história. Nesse momento fiquei nervosa, mas falei para mim mesma que iria tentar. Chegando em casa fui ao quarto dela e em tom de brincadeira disse que ia contar uma historinha. No início foi difícil, mas consegui continuar. No final nós duas choramos muito, eu dei a bonequinha de pano para ela e disse que aquela boneca significava um acalento de mãe e que estarei pronta para ajudá-la em todos os momentos da vida. Eu quero agradecer e te dizer, que o ensinamento de sala de aula ajudou na minha vida. Percebi que eu também estava doente e hoje em dia a minha relação com a minha filha, que amo tanto está bem melhor!"* (Aluna do 2º Período EJA, sic).

Apresentado tudo isso, esta pesquisa buscou responder as seguintes questões: a) Como a escola pode trabalhar a rejeição sentida pelos educandos gerada pela exclusão social?; b) Como recuperar a autoestima, o gosto pelos estudos e o interesse pela disciplina de História?; c) Como a escola pode atender esta complexa modalidade dentro de suas especificidades e vivências próprias?; d) Que contribuições/proposições cabe ao professor de História neste contexto?; e) Como motivar o aluno da EJA a aceitar o uso de novas metodologias de ensino?; f) Como gestar/mediar e mesmo dissipar em sala de aula o sério conflito de gerações, tendo em vista que numa mesma sala de aula temos estudantes de 15 a 70 anos e como aproveitar pedagogicamente a experiência dos mais velhos e a vivacidade e curiosidade dos mais jovens? Por fim, g) Como minimizar o analfabetismo funcional?

Acreditamos que práticas pedagógicas nas quais as alunas/os alunos da EJA se percebam como protagonistas contribuem para: a) minimizar situações de rejeição e de exclusão social, como ocorreu quando as/os estudantes se sentiram parte dos movimentos sociais, ao participarem tanto de atividades do dia de mobilização pela EJA, quanto do dia do aniversário de Paracatu; b) recuperar a autoestima, o gosto pelos estudos e o interesse pela disciplina de História, como ocorreu na aula-oficina de tranças; c) atender as vivências próprias, como ocorreu com a estudante que viu na escola um espaço para não sofrer tanto com o câncer e aproveitar o que a vida ainda tinha a oferecer; d) oportunizar práticas de letramento, por meio de conteúdos de história, discutindo temas transversais, como foi feito com a aula-oficina sobre as relações étnico-raciais e com as oficina de leitura; e) trazer palestrantes, convidados, discutindo temas do interesses das/dos estudantes, para fazer com que este aceite o uso de novas tecnologias, tal como ocorreu com a palestra sobre os cuidados com a saúde; f) usar experiência dos mais velhos, tal como aconteceu com o uso da história da minha mãe, D. Neusa, e a vivacidade dos mais jovens, como o depoimento da aluna com câncer, em ações do Outubro Rosa; g) contribuir para o combate ao analfabetismo funcional, tal como ocorreu com o movimento que busca chamar para a escola atores sociais que não concluíram os estudos, a exemplo de práticas de letramento por meio de gêneros textuais/discursivos, que fizeram, ao elaborar cartazes sobre a importância da EJA.

Dessa forma, as ações empreendidas, do ponto de vista pedagógico, contribuíram para demonstrar, conforme Rüsen (2007, p.104) defende, "[...] que a consciência histórica é a constituição de sentido sobre a experiência do tempo, no modo de uma memória que vai além dos limites de sua própria vida prática". Sendo assim, o conhecimento materializou-se em engajamento, luta e posicionamento, ou seja, as/os estudantes compreenderam a sua identidade histórica, inclusive nas situações cotidianas. Quanto ao processo de consolidação

da alfabetização e de letramento, ao analisar as fichas de acompanhamento dos momentos de leitura individual e das atividades escritas, a partir dos textos voltados para a História da África, observou-se que houve evolução.

É importante esclarecer que as atividades de leitura e escrita foram feitas com estudantes que se encontravam no nível silábico de alfabetização, conheciam as letras, as relacionavam aos fonemas mais fortes e liam apenas palavras. Com relação à escrita, detectou-se que os participantes eram copistas, no nível ortográfico de escrita, conheciam o valor sonoro, mas demonstraram muita dificuldade em formar sílabas.

Notou-se um avanço muito significativo no que tange à alfabetização e ao letramento, pois as/estudantes começaram a ler palavras e posteriormente pequenas frases, o que já foi motivo de muita comemoração. Os resultados também foram observados durante a execução das atividades de fixação e avaliativas de todas as disciplinas. Contudo, é importante salientar que a aprendizagem é um processo, visto que ainda existe uma enorme defasagem entre o conhecimento e o período escolar que estão cursando. Todavia, com as aulas-oficinas, toda equipe escolar compreendeu que os conteúdos de qualquer área de conhecimento podem e devem ser utilizados como ferramenta pedagógica no processo de aprendizagem.

Entretanto, há muitas mudanças necessárias na EJA. Muitas escolas estão sendo fechadas no noturno, em várias cidades do Brasil, o que revela a negligência do Estado com esta modalidade de ensino. Uma nova política, agora no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, surge como uma tentativa de minimizar os problemas enfrentados na EJA, assim como afirmou Zara Figueiredo para o Jornal O Globo (2023, loc.1): "A educação de jovens e adultos (EJA) voltará a ter uma política nacional após a modalidade ter sido praticamente abandonada no governo Bolsonaro".

Segundo a Secretária do Ministério da Educação,

> O modelo já ganhou forma dentro da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (Secai), do Ministério da Educação. Ao GLOBO, a responsável pela área revelou que prevê o pagamento de bolsas de estudos para os alunos e interlocução com o ensino técnico para que os estudantes possam continuar sua formação atrelada a uma profissão. O nome provisório é "Alfabetiza Brasil EJA (Jornal O Globo, 2023, loc.1).

Isso reforça a necessidade de empreender políticas públicas que de fato traga uma transformação para a EJA.

Ainda em relação à pesquisa, ela propôs benefícios imediatos e diretos para as/os estudantes da EJA, visto que, a partir da análise dos dados gerados, por meio das atividades aplicadas no grupo focal (execução de oficina de intervenção), pelos questionários aplicados

(tabulação e divulgação dos resultados), todas/todos as professoras/professores poderão somar tudo que foi aplicado às suas aulas, abrangendo as habilidades necessárias para que o educando da EJA tenha o seu processo de alfabetização e letramento consolidados, tornando-os assim indivíduos autônomos e com mais possibilidade de inserção social. Acreditamos que qualquer ação que possa contribuir na formação de sujeitos letrados merece ser compartilhada. Assim, executar ações simples como a realização de uma leitura na hora da missa, ler o cântico, que a educanda canta no coral da igreja, e conseguir tirar a carteira de habilitação, que é o sonho de muitos estudantes da EJA, pode despertar o interesse das estudantes/estudantes na escola.

Defende-se também que a educação seja de fato transformadora, perpassando por pedagogias de autonomia, de mudança, de liberdade e de esperança. Desse modo, é primordial explorar a experiência das/dos mais velhas/os, como ocorreu ao fazer os pães de queijo, interagindo com as/os mais jovens, como também, aproveitar o acesso às tecnologias que a juventude tem, para ensinar as/os mais velhas/os/; exemplo disso ocorreu quando queriam postar nas redes a *hashtag* do Movimento pela EJA e faziam isso com muita facilidade, em que as/os mais experientes ajudavam aquelas/aqueles que tinham dúvidas, ou que sequer sabiam o que era uma *hashtag*. Em outras palavras, é preciso permitir que as/os estudantes tragam outras vivências para sala de aula e que essas sejam respeitadas e utilizadas no fazer pedagógico. Para tanto, urge que se crie políticas públicas com ações efetivas e que envolvam todos os setores da sociedade no fomento do acesso e permanência do estudante na escola, posto que a educação de jovens e adultos transcende os muros escolares. São as vivências que corroboram o protagonismo das/dos alunas/alunas, pois quando o conhecimento histórico faz sentido para eles, sentem-se motivados a atuar de maneira positiva em suas comunidades. Ou seja, quando a prática pedagógica relaciona de maneira efetiva a teoria e a prática, a partir do aproveitamento da experiência que as/os alunas/alunos da EJA trazem da sua vivência, é transformador.

Dessa forma, não existe um modelo, algo a se seguir rigorosamente, como um manual, para o sucesso educacional, mas sim novas formas de fazer com que a aprendizagem aconteça no espaço escolar, por isso, como professoras e professores do chão da escola, precisamos atuar de forma que as/os estudantes da EJA não percam a esperança e retornem para os estudos, pois qualquer idade, se estamos vivos, é tempo, é hora. Como defenderia Paulo Freire:

> A desesperança nos imobiliza e nos faz sucumbir no fatalismo onde não é possível juntar as forças indispensáveis ao embate recriador do mundo. Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo social e histórico. […] não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído política, estética e eticamente por nós mulheres e homens." (Freire, 1996, loc. 7).

Por fim, assim como iniciei esta pesquisa em sintonia com vivências pessoais e profissionais, tomando como ponto de partida a história da minha mãe, eu a encerro também pautando-se na conduta desta potente mulher, que combinou valores sociais, trabalho, honestidade, leitura de mundo, e que desejava estudar, mas teve dificuldade em ter o seu sonho atendido por uma sociedade que dispensa uma condição de subalternidade, de vivos e mesmo de ausência de cidadania para determinados grupos brasileiros. Como muitas/muitos das/dos minhas/meus alunas/alunos, minha mãe não desistiu, pois o diálogo com a motivação e a consequente valorização do dia de trabalho, da vontade que dialoga com os sonhos dos corpos cansados de estudantes da EJA, são um estímulo. E, para cada dia de trabalho na EJA, apesar das condições institucionais, quero continuar contribuindo para a construção de um país melhor e com mais oportunidades.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leila Bianchi. Reflexões sobre Estados Nacionais e a criação das agências de preservação dos patrimônios culturais. **Revista Conhecimento e Diversidade**, Niterói, nº13, Jan/jun. 2015, pp 79/89.

ALDAIZA, Sposati, Maria do Carmo Falcão, Sónia Maria Fleury Teixeira. **Os direitos dos (desassistidos) sociais**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ARROYO Miguel G. **Passageiros da Noite**. Petrópolis RJ: Vozes, 2017.

BARCA, Isabel. **Educação histórica**: uma nova área de investigação. Revista da Faculdade de Letras História. Porto, III Série, col.2, 2001, pp. 013-021.Disponível em: https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2305.pdf.Acesso em: 20/04/2021.

BARCELOS, Valdo. **Formação de professores para educação de jovens e adultos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BRASIL**: Constituição Federal do Brasil** - CF, art. 205, 1988.

BRASIL: **Currículo sem fronteiras**, 2016. Disponível em: http://www.curriculosemfronteiras.org. Acesso em 10 de julho de 2023.

BRASIL**: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 03 de maio de 2022.

BRASIL. **Fóruns de EJA do Brasil**. Disponível em<http://forumeja.org.br/mg/node/4>. Acesso em: 12/06/2022.

BRASIL. **Fóruns EJA do Brasil**, 2022. Contribuições dos Fóruns de EJA do Brasil à CONFINTEA VII Disponível em: <http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/CONFINTEAVII.pdf> Acesso em: 27/10/2022.

BRASIL: **IBGE**. Disponível:<https://www.ibge.gov.br/cidades-e estados/mg/paracatu.html>. Acesso: 06 de junho de 2022.

BRASIL **Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB).** Disponível em: < https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exameseducacionais/saeb> Acesso em: 23/03/2022.

BRASIL: **EJA Fórum**. Carta aos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos: Às pessoas trabalhadoras do Brasil, que ainda não concluíram a Educação Básica. Florianópolis-SC, 07 de agosto de 2022.

BRASIL: **Lei Nº 10.639 - de 9 de janeiro de 2003**. Institui altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 10/05/2021.

BRASIL: **Lei Nº 11.645 de 10 de março de 2008.** Institui e altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 10/05/2021.

BRASIL: **Portaria n° 343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2020a. Disponível em: http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376 Acesso em 13 de abr. 2020.

BRASIL: **Resolução CNE/CEB nº 1 Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos,** 2022. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf. Acesso em: 01/02/2022.

BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo. UNESP, 1992.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o Vá-Be-Bi-Bó-Bud:** Pensamento e Ação no Magistério. Ed. São Paulo: Scipione, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Cidadania cultural: o direito à cultura**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

CRISPINO, Álvaro; CRISPINO, Raquel. **Políticas Educacionais de Redução de Violência,** biruta, 2002.

CONECTA BRASIL. **Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável** Disponível em: < https://conectabrasil.org/#/blogs/details/ods-1-significado-pacto-global>. Acesso em 16/04/2023.

DI PIERRO, Maria Clara; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera Masagão. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. **Cadernos CEDES**, n.21, v.55, p. 58-77, 2001.

FRANCO, Lara Luísa Silva Gomes. **Educação quilombola, resistência e empoderamento**: estudo na comunidade quilombola de São Domingos em Paracatu-MG. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Educação, 133f, 2018.

FILHO, Manoel Egstrom Lourenço . **A pedagogia de Rui Barbosa** (Org .). Ed . rev . ampl . – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação:** Ensaios. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA. **Revista Nova Escola**, Indisciplina, p. 78-89, Abril, 2009.

GADAMER, Hans Georg. **O problema da consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

GAUTHIER, Clermont et al. **Por uma teoria da pedagogia**: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí: Unijuí, 1998.

GUILHERME, Henrique. **Chance de acabar com analfabetismo no Brasil até 2024 é zero", afirma especialista.** Brasil de Fato, 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/09/10>. Acesso em 09/10/2019.

HARTMANN, Schirley Horácio; SANTAROSA, Sebastião Donizete. **Práticas de Escrita para o Letramento no Ensino Superior.** Curitiba: IBPEX, 2011.

JORNAL DA USP. Desmonte da educação de jovens e adultos pode afetar econonomia, 2022. Disponível em< https://jornal.usp.br/atualidades/desmonte-da-educacao-de-jovens-e-adultos-pode-afetar-economia-brasileira/> Acesso em: 10/12/2022

LEE, Peter**. Por que aprender História?** Curitiba: Editora UFPR, 2011.

LIBÂNEO Carlos José. **Organização e Gestão da Escola, Teoria e Prática**, Alternativa 2004.

LIMA, Carlos. Documento e memória, o Arquivo Público na escola. **JORNAL O LÁBARO**, Paracatu, Ano 15 - Edição 15 - p.05, Setembro, 2022.

LÜCK, Heloísa. **Dimensões da gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Editora Positiva, 2009.

MINAS GERAIS: **Parecer nº 584/01**. Propõe projeto de resolução que trata da educação de Jovens e Adultos Instrução para organização da EJA de Ensino Fundamental e Médio nas Escolas Estaduais.

Disponível em:<file:///C:/Users/m09334327/Downloads/PARECER--CEE-MG-No-584-2001.pdf>. Acesso em: 12/12/2021.

MINAS GERAIS: **Secretaria de Estado de Minas Gerais.** Lições de Minas Educação Inclusiva, construindo significados novos para a Diversidade, Gráfica Lê.

MINAS GERAIS: **Fórum Mineiro de Educação de Jovens e Adultos**. Disponível em < http://forumeja.org.br/mg/node/47>. Acesso em: 11/07/2022.

MINAS GERAIS: **Secretaria de Estado de Educação**. RESOLUÇÃO SEE Nº 2843, DE 13 DE JANEIRO DE 2016.Assunto: Organização e o funcionamento da educação de Jovens e Adultos /EJA cursos presenciais nas escolas da rede pública de Minas Gerais.

MINAS GERAIS: **Secretaria de Estado de Educação**. RESOLUÇÃO SEE Nº 4.692, DE 29 DE DEZEMBRO DE 2021. BH: 29 de dezembro de 2022. Assunto: Organização e o funcionamento do ensino nas Escolas Estaduais de Educação Básica de Minas Gerais.

MINAS GERAIS: **Currículo Referência de Minas Gerais - CRMG**. Disponível em:http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/documento_curricular_mg.pdf Acesso em: 03/04/2021.

MINAS GERAIS. **Resolução nº 444, de 24/04/2001**. Regulamenta, para o Sistema Estadual de Ensino de Minas Gerais, a Educação de Jovens e Adultos.

MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues. Desigualdades raciais na educação e a Lei 10.639/03. In: NUNES, Antônia Elisabeth da Silva Souza, OLIVEIRA, Elias Vieira (Org.). **Implementação das Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações étnico-raciais e o Ensino da História da Cultura Afro-brasileiro e Africana.** Brasília: MEC, SETEC, 2008.

MONTEIRO, Sandrelena. (**Re)inventar educação escolar no Brasil em tempos da Covid-19**. Rev. Augustus, Rio de Janeiro, v.25, n. 51, p. 237- 254, jul./out. 2020.

MOREIRA, Jonathan Rosa; RIBEIRO, Jeferson Bruno Pereira. **Prática Pedagógica baseada em Metodologia Ativa:** aprendizagem sob a perspectiva do Letramento informacional para o Ensino na Educação Profissional. Periódico Científico Outras Palavras, v.12, n.2, p. 93-114, 2016.

NICOLIELO, Bruna. **Isabel Barca fala sobre o ensino de História**. Nova Escola, n. 260, mar. 2013.

PARACATU. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística** – IBGE, 2022. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/paracatu.html. Acesso em: 20/07/2022

PARACATU. **Superintendência Regional de Ensino de Paracatu/DIVAE**. Dados do SIMADE. Disponível em:https://www.simadeweb.educacao.mg.gov.br/ Acesso em: 12/07/2022.

PARACATU**. Arquivo Público de Paracatu**. Disponível em: https://paracatumemoria.wordpress.com/2022. Acesso em 30/08/2022.

PATTO, Maria Helena Sousa. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T. A. Queiroz, 1999.

PAIVA, Vanilda. **História da educação popular no Brasil**: educação popular e Educação de Adultos. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2003.

PINSKI, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

PORTAL EDUCAÇÃO . Google Analytics. Disponível em: http://www.portaleducacao.com.br/informatica/artigos/48358/google-analytics Acesso em 02 de agosto de 2019.

RÜSEN, Jörn. Funções do saber histórico. In: **História Viva**: Teoria da História. Brasília: Ed. UnB, 2007, p.85-134.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira; CAINELLI, Marlene Rosa. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento:** Um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2008.

VALLE, Luciana de Luca Dalla. **Metodologia da Alfabetização**. Curitiba: IBPEX, 2011.

VIEIRA, Sofia Lerche. A Educação nas Constituições Brasileiras. **Rev.Bras.Est.pedag**., Brasília, v.88, n.219, p.291-309, maio/ago.2007.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento**: plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo. São Paulo: Libertad, 1995.

APÊNDICES

Apêndice 1: TCLE

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO - UFCAT
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA CIÊNCIAS SOCIAIS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - MESTRADO PROFISSIONAL

Olá! Espero que o (a) Sr.(a) e toda sua família estejam bem.
Eu sou, Wanderlândia Silva Neiva Fernandes, professora de História na EJA de Ensino Fundamental Anos Finais da E.M. Cacilda Caetano de Souza. Eu sou mestranda do Curso de História da Universidade Federal de Catalão - UFCAT e estou desenvolvendo uma pesquisa com o tema: O SOCIAL NAS PRÁTICAS ESCOLARES: O LETRAMENTO E O ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) EM PARACATU – MG (2012 – 2022).Para iniciar minha pesquisa, estou aplicando um questionário com as/os ex-estudantes e estudantes da EJA, no período de 2012 a 2022 e você foi um dos selecionados. Você aceita participar desta pesquisa?

Ela tem como objetivos: analisar um grupo de estudantes da EJA da E.M. Cacilda Caetano de Souza durante o período de 11 anos (2012 a 2022); analisar as respostas, realizar o tratamento dos dados e informações relacionadas ao perfil socioeconômico e o nível de letramento e conhecimento histórico;
compartilhar os resultados com toda a equipe escolar, para subsidiar os planejamentos dos demais professores, participantes da pesquisa e comunidade. Caso a resposta seja sim, faço a leitura do TCLE, esclareço todas as dúvidas que surgirem e colho as assinaturas no documento, em duas vias. Ao final agradeço novamente e enfatizo sobre a importância da contribuição. Ressalto que ao final, todos os participantes da pesquisa e a comunidade em geral serão convidados para a apresentação dos resultados e para contribuírem com sugestões para tentarmos minimizar as fragilidades que forem detectadas.

Referência: Instrumento elaborado pela pesquisadora (2022).

Apêndice 2. Questionário com um grupo de estudantes da EJA em Paracatu

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO - UFCAT
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA CIÊNCIAS SOCIAIS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - MESTRADO PROFISSIONAL

TEMA: O SOCIAL NAS PRÁTICAS ESCOLARES: O LETRAMENTO E O ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) EM PARACATU – MG (2012 – 2022).

PROF. ORIENTADOR: Luiz Carlos do Carmo.
PESQUISADORA: Wanderlândia Silva Neiva Fernandes

LINHA 2 DE PESQUISA: HISTÓRIA, SOCIEDADE E PRÁTICAS EDUCATIVAS

INFORMAÇÕES
Pesquisa de campo com ex-estudantes e estudantes da EJA , no período de 2012 a 2022. * 6 estudantes da EJA por ano - (60 estudantes) * com 18 anos acima * Critério de escolha: O mais velho, o mais novo e o do meio * A Pesquisa será presencial respeitando o Protocolo de Enfrentamento à COVID-19 * Fonte de pesquisa: Escrituração Escolar dos estudantes da EJA desse período.

1. Você é aluno da EJA da EM Cacilda Caetano de Souza? ( ) SIM ( ) NÃO
2. Você é ex aluno da EJA da EM Cacilda Caetano de Souza ? ( ) SIM ( ) NÃO
3. Como você ingressou na EJA da EM Cacilda Caetano de Souza?
a. ( ) Você estudou na EJA de anos iniciais do Ensino Fundamental?
b. ( ) Você fez a avaliação de suplência para entrar na EJA dos anos finais do ensino fundamental?
c. ( ) Outro _____
4. Se você marcou a opção "outro" acima justifique:_____
5. Você se identifica por qual gênero? a. ( ) Feminino b. ( ) Masculino c. ( ) Outro
6. Você ficou quantos anos sem estudar? _____
7. Qual é a sua idade? _____
8. Qual é o seu estado civil?
a. ( ) Casado (a)
b. ( ) Solteiro (a)
c. ( ) Separado (a)
d. ( ) Amasiado (a)

9. Você se considera:
a. ( ) Indígena
b. ( ) Branco (a)
c. ( ) Negro (a)
d. ( ) Amarelo (a)
10. Você tem filhos? ( ) SIM ( ) NÃO
11. Se a resposta anterior foi sim. Quantos filhos você tem?
_____
12. Você trabalha? ( ) SIM ( ) NÃO
13 . Se você marcou sim, na resposta anterior. Marque a opção sobre o seu trabalho:
a. ( ) Trabalho Formal (CARTEIRA ASSINADA/ CONCURSO)
b. ( ) Bico
c. ( ) Trabalho Informal (CONTRATO TEMPORÁRIO)
d. ( ) Autônomo (a)
e. ( ) outro _____
14. O salário-mínimo no brasil atualmente é de $1.212,00. Qual é a média salarial da sua família?
a. ( ) 1 A 2 SALÁRIOS-MÍNIMOS
b. ( ) 2 A 4 SALÁRIOS-MÍNIMOS
c. ( ) 4 A 6 SALÁRIOS-MÍNIMOS
d. ( ) 6 A 8 SALÁRIOS-MÍNIMOS
15. Qual é a sua profissão? Ou a sua área de trabalho?
_____
16. Qual é a profissão que você gostaria de ter?
_____
17. Por que você não concluiu os estudos na idade certa?
_____
_____
18. Por que você voltou a estudar? Quais foram as principais motivações para essa decisão?
_____
_____
19. Você esteve ou está contente com o seu retorno à escola? ( ) SIM ( ) NÃO
20. Justifique a sua resposta anterior, com no mínimo dois motivos
_____
21. Você se considera alfabetizado? Ou seja sabe ler, escrever e interpretar os enunciados ?
( ) Sim ( ) Não ( ) Mais ou menos
22. Justifique a resposta dada na questão
anterior._____
23. Quais são os seus projetos de vida (SONHOS)?
_____
24. Você acha que o retorno aos estudos pode te ajudar na conquista desses projetos? JUSTIFIQUE A SUA RESPOSTA:
_____
25 . Você acha que as aulas de história na EJA, contribuíram em algo para a sua Vida ? ( ) sim (não)
Agora justifique a sua resposta:
_____
26. Que aprendizado a Pandemia COVID 18 deixou para você?
_____
Obrigada pela atenção!
Referência: Instrumento elaborado pela pesquisadora (2022).
Apêndice 3 - Ficha individual de observação dos estudantes.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO - UFCAT
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA CIÊNCIAS SOCIAIS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - MESTRADO PROFISSIONAL

Superintendência Regional de Ensino de Paracatu
Prefeitura Municipal de Paracatu - Minas Gerais
Secretaria Municipal de Educação – E.M. Cacilda Caetano de Souza

FICHA INDIVIDUAL DE OBSERVAÇÃO - ESTUDANTES

TEMA DA AULA OFICINA	
TURMA	
PERÍODO	
OBJETIVO DE ENSINO	

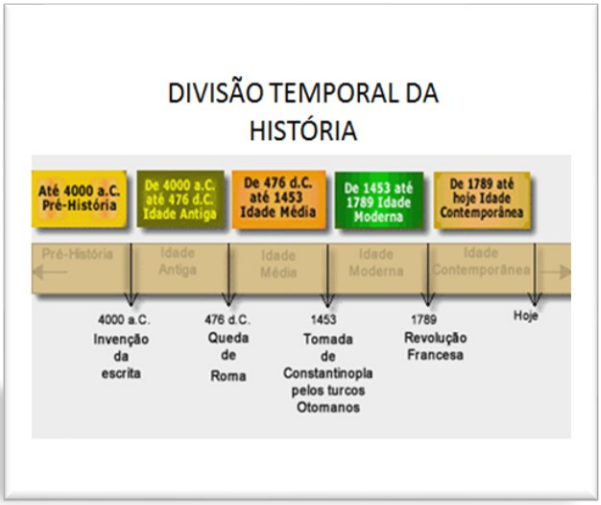
Pontos a serem observados e registrados:
O que demonstrou entender do assunto?
Que dificuldades teve?
Que estratégia usou para aprender?
Que atividades despertaram o seu interesse?
Como se comunica melhor?
Como se relaciona com os demais?
Como trabalha em grupo?
Expressa suas ideias? Como?
Que avanço vem demonstrando?
Que estratégia posso adotar para que ele (a) avance mais?

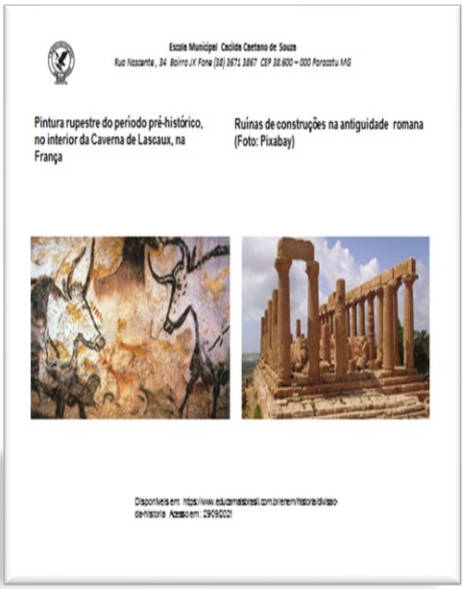
NOME DA(O) ESTUDANTE	OBSERVAÇÕES PARA O PERÍODO
1.	
2.	
3.	
4.	
5.	
6.	
7.	
8.	
9.	
10.	
11.	
12.	
13.	
14.	
15.	
16.	
17.	
18.	

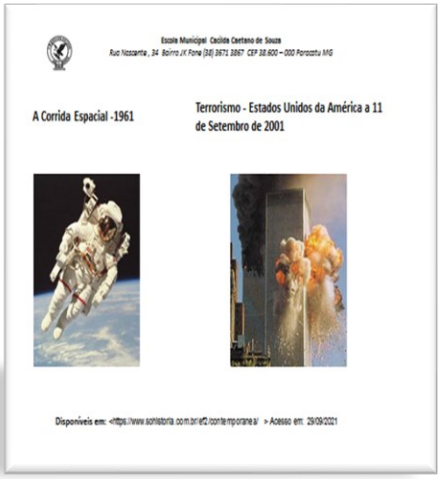
Paracatu _____ de _____ de _____
Wanderlândia Silva Neiva Fernandes
Pesquisadora responsável

Referência: Instrumento elaborado pela pesquisadora , a partir de adaptações e da participação em várias formações pedagógicas durante os anos de experiência como professora e como analista educacional

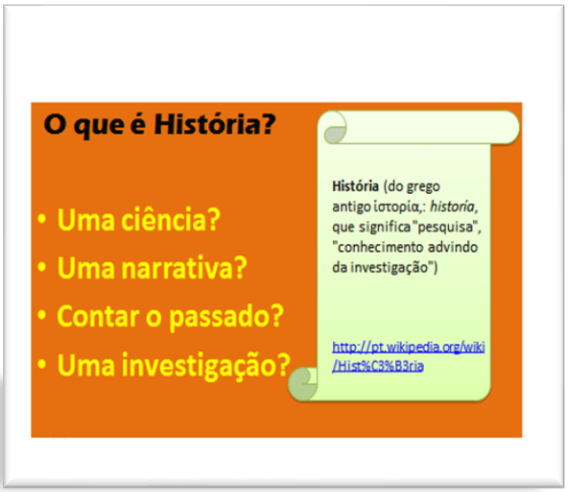
Apêndice 4: Slides utilizados na aula-oficina

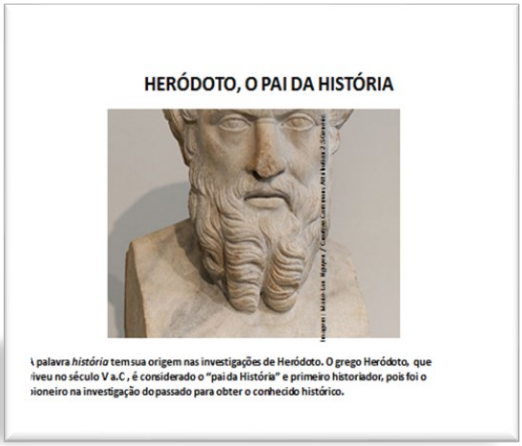





Escola Municipal Cecilia Caetano de Souza
Rua Nazareth , 34 Bairro JK Fone (38) 3571 3867 CEP 38.600 – 000 Paracatu MG
A Corrida Espacial -1961
Terrorismo - Estados Unidos da América a 11 de Setembro de 2001
Disponíveis em: <https://www.sohistoria.com.br/ef2/contemporanea/ > Acesso em: 29/09/2021

Para que serve?
O que é?
História
Por que estudar?
Para que estudar?

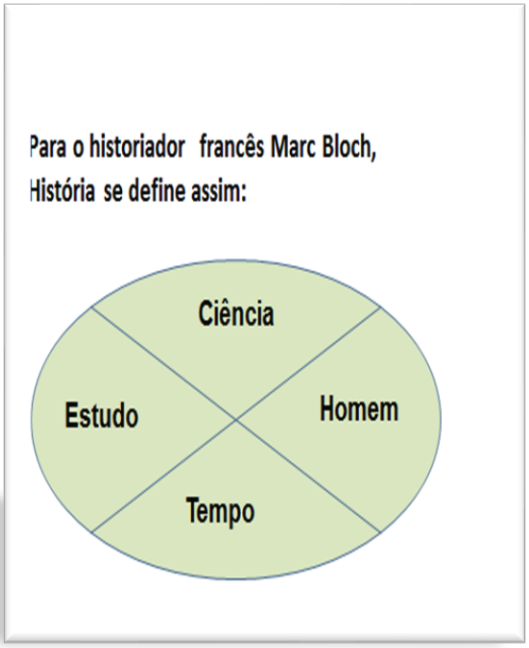

O que é História?
• Uma ciência?
• Uma narrativa?
• Contar o passado?
• Uma investigação?
História (do grego antigo ἱστορία,: *historia*, que significa "pesquisa", "conhecimento advindo da investigação")
http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria

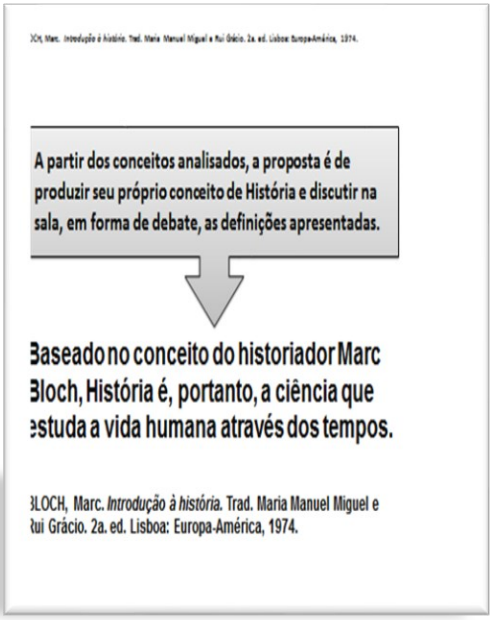

HERÓDOTO, O PAI DA HISTÓRIA
palavra *história* tem sua origem nas investigações de Heródoto. O grego Heródoto, que viveu no século V a.C , é considerado o "pai da História" e primeiro historiador, pois foi o pioneiro na investigação do passado para obter o conhecido histórico.

"História inclui todo o traço e vestígio de tudo o que o homem fez ou pensou desde seu primeiro aparecimento sobre a Terra."
ROBISON, James Harvey, citado em BURK, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas.** São Paulo. Unesp, 1992.

"A história é o registro da sociedade humana, ou civilização mundial; das mudanças que acontecem na natureza dessa sociedade [...]"
KHALDUN, Ibn, citado em HOBSBAWN, Eric. **Sobre história**. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

Então, História é
Processo dinâmico
Estuda a ação dos homens
Ciência dos homens do tempo
Narração de fatos
Estudo do passado


Para o historiador francês Marc Bloch,
História se define assim:
Ciência
Estudo
Homem
Tempo


A partir dos conceitos analisados, a proposta é de produzir seu próprio conceito de História e discutir na sala, em forma de debate, as definições apresentadas.
Baseado no conceito do historiador Marc Bloch, História é, portanto, a ciência que estuda a vida humana através dos tempos.
BLOCH, Marc. Introdução à história. Trad. Maria Manuel Miguel e Rui Grácio. 2a. ed. Lisboa: Europa-América, 1974.

Para que estudar história?

Um dos principais objetivos da História é resgatar os aspectos culturais de um determinado povo ou região para o entendimento do processo de desenvolvimento.

Entender o passado também é importante para compreender o presente.

Qual o objeto de estudo da História?

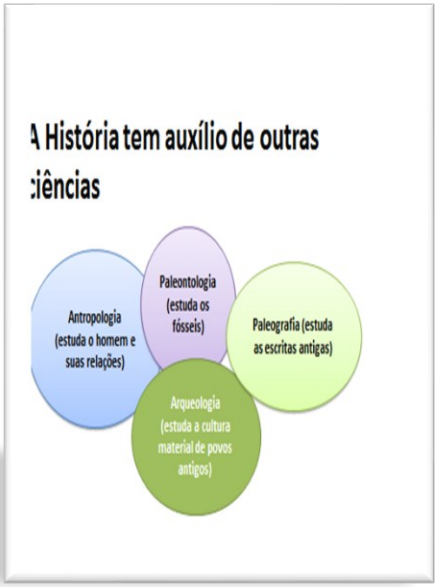
A ideia que o passado passa a ser objeto de uma ciência é absurda. O objeto da história é por natureza o homem. (Marc Bloch)

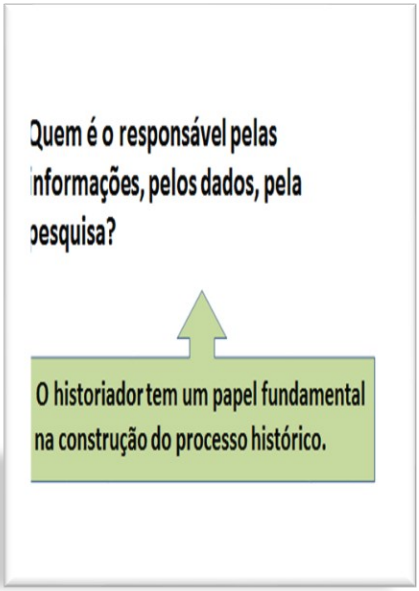
O homem como sujeito histórico

Os seres humanos sempre fizeram registros históricos. Nossos indígenas, por exemplo, já registravam o cotidiano por meio da confecção de utensílios (machadinhas de pedra, enfeites de penas de pássaros, objetos de cerâmica) ou pinturas em cavernas, dez mil anos atrás.

Daka Homo erectus

Imagem: Henry Gilbert and Kathy Schick/ Creative Commons Attribution-Share Alike 3.0 Unported


A História tem auxílio de outras ciências
Antropologia (estuda o homem e suas relações)
Paleontologia (estuda os fósseis)
Paleografia (estuda as escritas antigas)
Arqueologia (estuda a cultura material de povos antigos)


Quem é o responsável pelas informações, pelos dados, pela pesquisa?
O historiador tem um papel fundamental na construção do processo histórico.

O historiador
Interpreta fatos históricos
Analisa registros que foram deixados
Busca vestígios que possam fornecer informações à investigação
Estuda documentos e fontes históricas
Imagem: Ben Garney / Creative Commons Attribution 2.0 Generic

AGORA É COM VOCÊ!

O QUE VOCÊ VIU ?	O QUE VOCÊ OUVIU ?	O QUE VOCÊ SENTIU ?

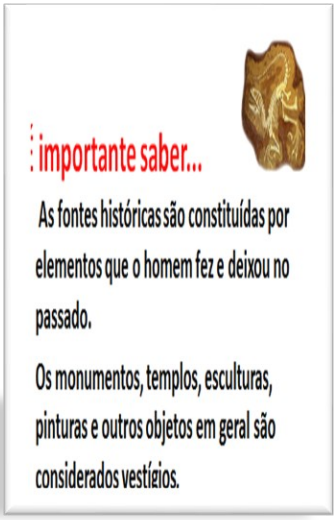
Sugestão de atividade

Agora é a sua vez!

1.Construa com suas palavras o seu conceito de História

2. Por que é importante estudar História?

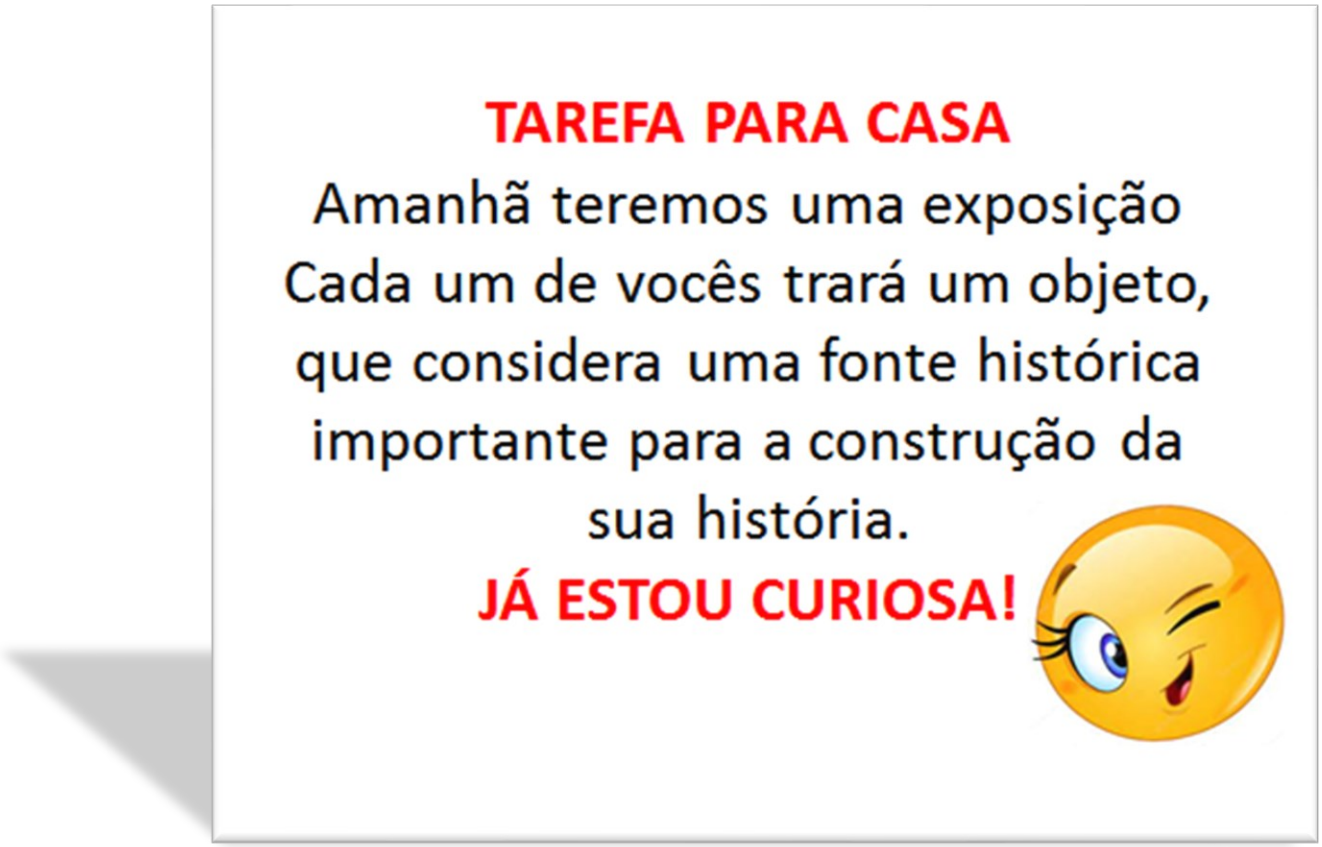
3. Que tal construir a sua própria linha do tempo a partir do seu nascimento.



Fontes históricas podem ser:
Fontes escritas:
Documentos oficiais como contratos, registros contábeis, registros de cartórios, publicações científicas, letras de músicas, etc.).
Fontes Orais :
entrevistas, relatos, causos, lendas,
PARACATU

FONTE HISTÓRICA ESCRITA
JORNAL DO BRASI

FONTE HISTÓRICA IMATERIAL



Apêndice 5: Atividade da aula-oficina de história – Construção do conceito de história - 29/08/2022

E.M. CACILDA CAETANO DE SOUZA (POLO E .M . DR. ANTÔNIO RIBEIRO)

NOME COMPLETO: _____TURMA:____

PROFESSORA: _____

Agora é a sua vez!

Construa com suas palavras o seu conceito de História.

_____

_____

Por que é importante estudar História?

_____

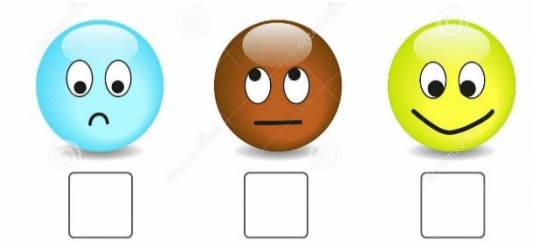
_____

Que tal construir a sua própria linha do tempo a partir do seu nascimento.

Referência: Instrumento elaborado pela pesquisadora (2022).

Apêndice 6: Avaliação da aula-oficina - 1ª PARTE

AGORA AVALIE A AULA-OFICINA
Tema: Construção do Conceito de História
Data: 29/08/2022



Este espaço é para observações e sugesões.Sua opinião é muito importante!

_____

_____

_____

Referência: Instrumento elaborado pela pesquisadora (2022).

Apêndice 7: Convite

Referência: Instrumento elaborado pela pesquisadora (2022).

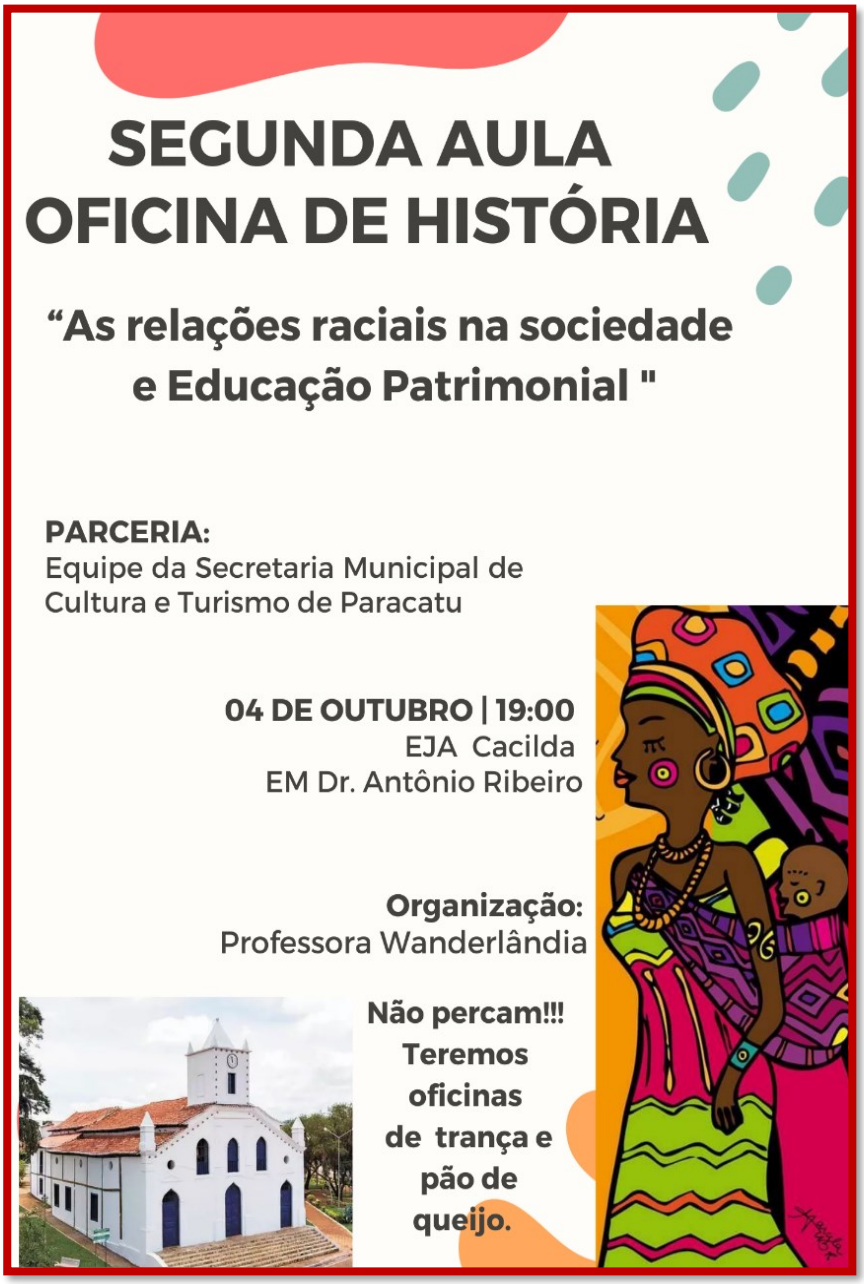
Apêndice 8: Atividade da segunda aula-oficina

SUGESTÃO DE ROTEIRO PARA ADAPTAÇÃO/ANÁLISE DE DOCUMENTO HISTÓRICO EM SALA DE AULA - Produto Pedagógico elaborado a partir da leitura e síntese do Cap. VI do Livro "Como ensinar História"
ESCOLA MUNICIPAL CACILDA CAETANO DE SOUZA/POLO E.M. DR. ANTÔNIO RIBEIRO - EJA – ENSINO FUNDAMENTAL ANOS FINAIS
NOME: _____PERÍODO: _____
PROFESSORA (O)_____ DATA: _____/_____/_____
ROTEIRO PARA ANÁLISE DE UMA FONTE HISTÓRICA

PRIMEIRA ETAPA : Leia o texto e decomponha seus elementos	
PERGUNTAS	RESPOSTAS
Qual é o nome do documento?	
Identifique as palavras difíceis e procure o significado delas em um dicionário	
Qual é a origem do documento? *(referências, fotocópia, internet)*	
Qual é a natureza do documento?	O texto é destinado a uso público? ( ) sim ( ) não Se o documento é público que tipo de documento ele é? ( ) Jurídico /lei , relatório, decreto/constituição.. ( ) literário /romance ou poema... ( ) político / relato, memória, relato, entrevista... ( ) artigo de imprensa, anúncio publicitário... ( ) Outro Especifique: _____ ( ) religioso
OS TIPOS DE FONTES SÃO: Fontes Primárias: *(materiais, escritas, visuais, orais)* Exemplo: Elaboração de autobiografia, exposição de materiais sobre o passado, confecção de um dossiê da família). Fontes Secundárias: São registros que contêm informações sobre os conteúdos históricos.	O texto é de uso privado ou particular? ( ) sim ( ) não Se for de uso privado, que tipo de documento é? ( ) diário de uso pessoal ( ) Carta ( ) Relatório secreto ou outro tipo de documento familiar ( ) Outro. Especifique _____
Autora(o) do documento:	
Datação do Documento: *(Data proveniente do documento/Data de Divulgação/Data do nosso conhecimento do documento).*	
Classifique o tipo de fonte	( ) Primária ( ) Secundária
SEGUNDA ETAPA: ANALISE O DOCUMENTO	
O texto é contemporâneo ou é um fato reportado? Qual é a situação do momento reportado no texto?	
De qual espaço fala o texto?	
De quais personagens fala o autor?	
TERCEIRA ETAPA: DÊ A SUA OPINIÃO SOBRE O DOCUMENTO	
Qual é a ideia central do texto?	
Qual é a sua opinião sobre o texto?	
Quais conhecimentos sobre o conteúdo de História permitem melhor compreensão do texto?	

Fonte: Adaptado pela autora. (Dezembro/2021) de Schimidt, Maria Auxiliadora e Cainelli, Marlene. Como ensinar História. Cap.6 Fontes Históricas S P.: Scipione, 2004.

Apêndice 8: Convite para a segunda aula-oficina de história



Referência: Instrumento elaborado pela pesquisadora (2022)

Apêndice 9: Slides produzidos pela professora na abertura

Este projeto busca cumprir a lei nº 10639 de 09 de janeiro de 2003, que alterou a LDB (lei 9.394/96) para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade do estudo da **história e cultura afro-brasileira**.

No ano de 2008, a Lei 11.645 alterou novamente a LBD para incluir no currículo a obrigatoriedade do estudo da **história e cultura dos povos indígenas**. Assim, a legislação passou a exigir a inclusão no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade do estudo da **história e cultura afro-brasileira e indígena**.

Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

Art. 1º - A Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes artigos 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

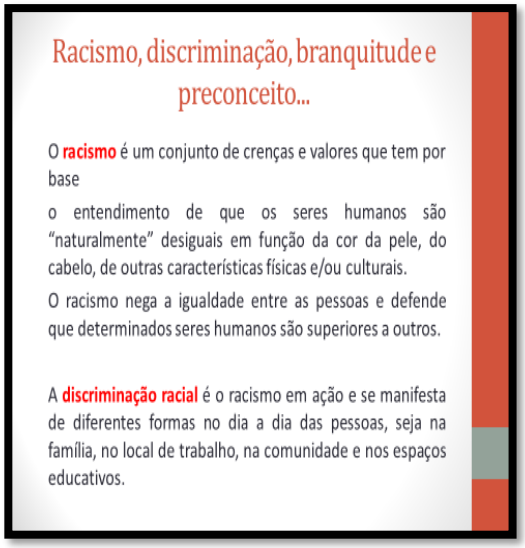
OBJETIVO

Promover o reconhecimento da identidade afro-brasileira por meio de sensibilização e mobilização, quanto aos "Saberes Quilombolas" da Comunidade Lagoa de Santo Antônio em Paracatu, desenvolvendo ações pedagógicas junto à comunidade de valorização e identificação com a cultura de matriz africana, contribuição e o seu legado para a formação da Cultura da comunidade local.

Adinkras

Os símbolos **Adinkras**, presentes na publicação , foram criados pelos povos Akan, presentes em Gana, Costa do Marfim e no Togo, países da África do Oeste. Os Adinkras constituem um sistema de escrita pictográfica e de ideias comprometidas com a preservação e transmissão de valores fundamentais. Um dos adinkras mais conhecidos é o Sankofa, representando por um pássaro olhando para trás (que consta na capa da publicação). O Sankofa representa o desafio de retomar e aprender com o passado esquecido e negado, para transformar o presente e avançar no futuro.

Símbolo	Descrição	Símbolo	Descrição	Símbolo	Descrição	Símbolo	Descrição
	Proteção e presença divina		Inteligência, engenhosidade		Grandeza, carisma e liderança		Fé em deus
	Majestade e supremacia divina		Beleza, higiene, qualidades femininas		Vigilância, atenção		A supremacia de deus
	Aprender com o passado		Humildade, força		Coragem, valor		Conhecimento, sabedoria, prudência
	Aprender com o passado		Amor, segurança		Piedade, educação		Comprometimento, perseverança
	Prontidão, firmeza		Lei, justiça, escravidão		Paciência, tolerância		Fortaleza, prontidão
	Mortalidade		Amizade, interdependência		Entendimento, acordo		Mudanças, a dinâmica da vida
	Sabedoria, engenhosidade, inteligência, paciência		Independência, liberdade, emancipação		Adaptabilidade		Boa sorte, santidade
	Poder do amor		Segurança		Sabedoria, criatividade		Pacificação, reconciliação
	Bravura, força		Inveja, ciúmes		Divindade da mãe Terra		Ofício sacerdotal, lealdade, destreza
	Excelência, autenticidade		Democracia, união da diversidade		Resistência, desenvoltura		Conhecimento, educação vitalícia
	Esperança, providência, fé		Valentia, coragem		Afluência, abundância, união		Serviço, liderança
					Paz, harmonia		União, relações humanas
					Cooperação, interdependência		Precisão, habilidade



Referência: Formação em Educação Quilombola pela UFCAT (2018).

Apêndice 10: Trabalho sobre a África e Racismo

Escola Municipal Cacilda Caetano de Souza
EJA – CACILDA
Aluno: _____ Data: _____ Período _____
Turma _____ Ensino: EJA EF AF - 1º ao 4º Período Disciplina: história
Professora: _____ Valor: _____ Nota: _____

TRABALHO SOBRE A ÁFRICA E RACISMO - 2º BIMESTRE – 2º SEMESTRE/2022

QUESTÃO 01 (2,0):
Qual é o continente rico em diversidade não só em suas características naturais, como também sociais e históricas, possui 1,033 bilhão de habitantes e 30 milhões de km², é o segundo mais populoso e o terceiro em maior área de todo o mundo e é formado por 54 países?_____

QUESTÃO 02 (2,0):
Cite 01contribuição da Cultura africana na construção da Cultura brasileira:
a) Na música _____
b) Na arte _____
c) Na culinária _____
d) No vocabulário _____

QUESTÃO 03 (2,0):

Nome da dança de origem africana, tradição passada de geração em geração, presente nas comunidades quilombolas de Paracatu, que é realizada todo dia 23 para 24 de junho, coroando e precedendo a novena de São João Batista.?
_____

QUESTÃO 04(2,0):

Onde e quando surgiu o primeiro homem na terra?
_____
_____
_____

Como são chamados os homens modernos?
_____
_____
_____

QUESTÃO 05 (2,0):
Agora leia a tirinha do Armandinho:

a)Na tirinha acima o pai de Armandinho compara o preconceito a quê?

_____

b)Como pode ser transmitida?_____

c)Como pode ser curada?_____

QUESTÃO 06 (2,0):

a) Para algumas tribos africanas as _____podem ser criadas para garantir uma boa _____.

b) Para outras, elas servem para identificar uma _____.

c) As máscaras também podem ser usadas em _____ e para homenagear os antepassados.

QUESTÃO 08 (2,0):

Leia o texto e responda a questão:

O preconceito com base no racismo independe da classe social. Claro que quanto mais pobre, mais poderá sofrer discriminação. Pobre, rico, meros desconhecidos, ou pessoas que estão diariamente na mídia, são vítimas de preconceitos. O meio artístico, por si só, é um meio que reserva ao negro papéis inferiores, geralmente de empregados, dificilmente são as “mocinhas” e “mocinhos, raramente são protagonistas. No Brasil, aqueles que “apesar de” negros alcançam o sucesso, não são poupados da ação dos racistas que proliferam nas redes sociais.

Várias atrizes brasileiras negras, como Thaís Araújo, já sofreram ataques racistas nas redes sociais.

Por que as mulheres negras sofrem tanto racismo quando ficam famosas?

_____

_____

QUESTÃO 09 (2,0):

Explique o termo: RACISMO VELADO:

_____

_____

QUESTÃO 10 (2,0):

LEIA A MANCHETE:

Até os 14 anos de idade, as taxas de frequência escolar não variam muito entre as populações. No entanto, a partir dos 15 anos as diferenças se destacam: enquanto, entre os brancos, 70,7% dos adolescentes de 15 a 17 anos estão no ensino médio, entre os pretos e pardos este número cai para 50,5% e 55,3%, respectivamente.
Fonte: http://www.dw.com/pt-br/educa%C3%A7%C3%A3o-refor%C3%A7adesigualdade-entre-negros-e-brancos/a-36436996

Relate 02 motivos que justificam esse fato:

_____

_____

Referência: Instrumento elaborado pela pesquisadora (2022)

Apêndice 11: Ficha de avaliação da escrita e da leitura dos textos trabalhados nas aulas-oficina

ESCOLA: E.M. CACILDA CAETANO DE SOUZA
FICHA DE AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA DA LEITURA E ESCRITA
TEXTOS SOBRE A HISTÓRIA DA ÁFRICA

___/___/___

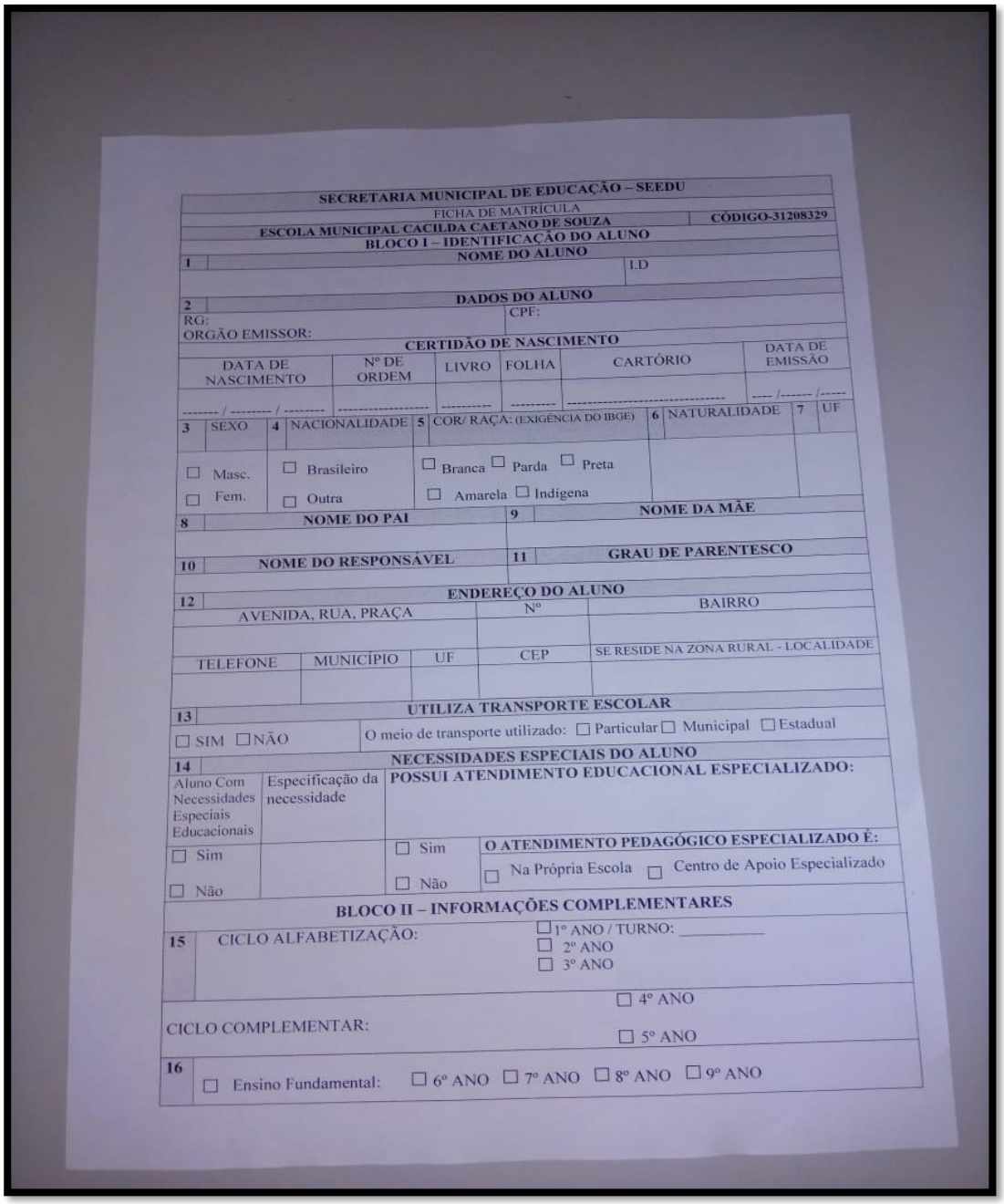
	ALUNOS	LEITURA							ESCRITA					ESCRITA				
		Ainda não lê	Lê somente palavras		Lê frases		Lê textos		Ainda não escreve	Escreve somente palavras		Produz textos		Hipótese da escrita				
			Silabando	Com Fluência	Silabando	Com fluências	Com pausas	Com frequências		Não ortograficamente	Ortograficamente	Frases soltas dentro do texto	Coesos	Pré-silábico	Sil. Sem Valor sonoro	Sil. Com Valor sonoro	Silábico alfabetic	Alfabético
1.																		
2.																		
3.																		
4.																		
5.																		
6.																		
7.																		
8.																		
9.																		
10.																		
11.																		
12.																		
13.																		
14.																		
15.																		
16.																		
17.																		
18.																		
19.																		
20.																		

Fonte: https://www.atividadesitinerantes.com/2020/03/fichas-de-avaliacao-da-leitura-e.html Acesso em: 21/10/2022

Fonte. Ficha adaptada pela pesquisadora(2022)

ANEXOS

Anexo 1: Ficha de matrícula (frente)



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO – SEEDU

FICHA DE MATRÍCULA

ESCOLA MUNICIPAL CACILDA CAETANO DE SOUZA — CÓDIGO-31208329

BLOCO I – IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO

1 NOME DO ALUNO — ID

2 DADOS DO ALUNO — RG: ORGÃO EMISSOR: — CPF:

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

DATA DE NASCIMENTO	Nº DE ORDEM	LIVRO	FOLHA	CARTÓRIO	DATA DE EMISSÃO
-------- / -------- / --------	----------	----------	----------	----------	---- /------ /------

3 SEXO: ☐ Masc. ☐ Fem.

4 NACIONALIDADE: ☐ Brasileiro ☐ Outra

5 COR/ RAÇA: (EXIGÊNCIA DO IBGE): ☐ Branca ☐ Parda ☐ Preta ☐ Amarela ☐ Indígena

6 NATURALIDADE

7 UF

8 NOME DO PAI

9 NOME DA MÃE

10 NOME DO RESPONSÁVEL

11 GRAU DE PARENTESCO

12 ENDEREÇO DO ALUNO

AVENIDA, RUA, PRAÇA	Nº	BAIRRO

TELEFONE	MUNICÍPIO	UF	CEP	SE RESIDE NA ZONA RURAL - LOCALIDADE

13 UTILIZA TRANSPORTE ESCOLAR

☐ SIM ☐ NÃO — O meio de transporte utilizado: ☐ Particular ☐ Municipal ☐ Estadual

14 NECESSIDADES ESPECIAIS DO ALUNO

Aluno Com Necessidades Especiais Educacionais	Especificação da necessidade	POSSUI ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO:	
☐ Sim ☐ Não		☐ Sim ☐ Não	O ATENDIMENTO PEDAGÓGICO ESPECIALIZADO É: ☐ Na Própria Escola ☐ Centro de Apoio Especializado

BLOCO II – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

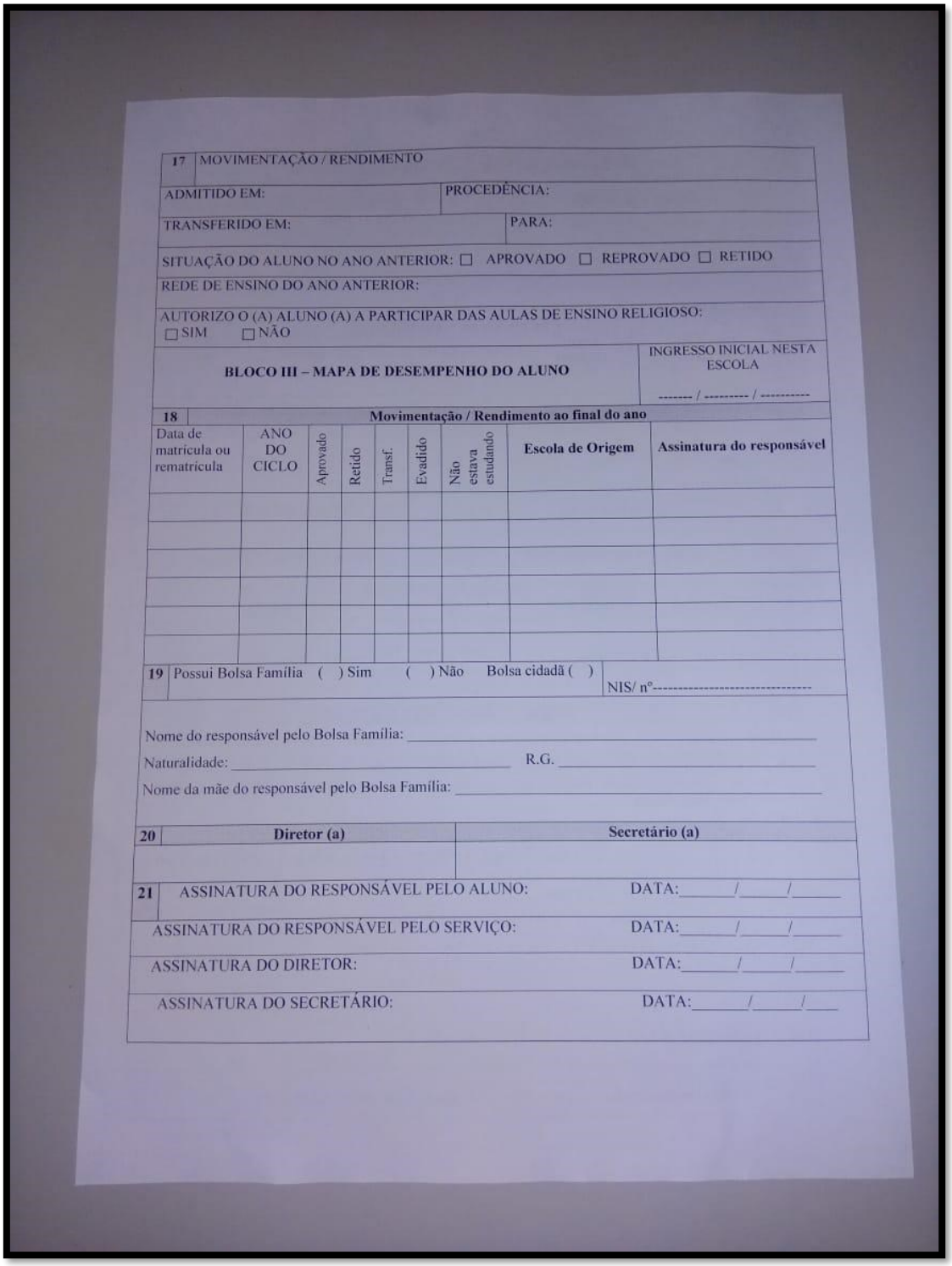
15 CICLO ALFABETIZAÇÃO: ☐ 1º ANO / TURNO: _____ ☐ 2º ANO ☐ 3º ANO

CICLO COMPLEMENTAR: ☐ 4º ANO ☐ 5º ANO

16 ☐ Ensino Fundamental: ☐ 6º ANO ☐ 7º ANO ☐ 8º ANO ☐ 9º ANO

Referência: Documentação Escolar.

Anexo 1.1: Ficha de matrícula (verso)



17	MOVIMENTAÇÃO / RENDIMENTO
ADMITIDO EM:	PROCEDÊNCIA:
TRANSFERIDO EM:	PARA:
SITUAÇÃO DO ALUNO NO ANO ANTERIOR: ☐ APROVADO ☐ REPROVADO ☐ RETIDO	
REDE DE ENSINO DO ANO ANTERIOR:	
AUTORIZO O (A) ALUNO (A) A PARTICIPAR DAS AULAS DE ENSINO RELIGIOSO: ☐ SIM ☐ NÃO	
BLOCO III – MAPA DE DESEMPENHO DO ALUNO	INGRESSO INICIAL NESTA ESCOLA ------- / --------- / ----------

18	Movimentação / Rendimento ao final do ano							
Data de matrícula ou rematrícula	ANO DO CICLO	Aprovado	Retido	Transf.	Evadido	Não estava estudando	**Escola de Origem**	**Assinatura do responsável**

19	Possui Bolsa Família ( ) Sim ( ) Não Bolsa cidadã ( )	NIS/ nº----------

Nome do responsável pelo Bolsa Família: _____

Naturalidade: _____ R.G. _____

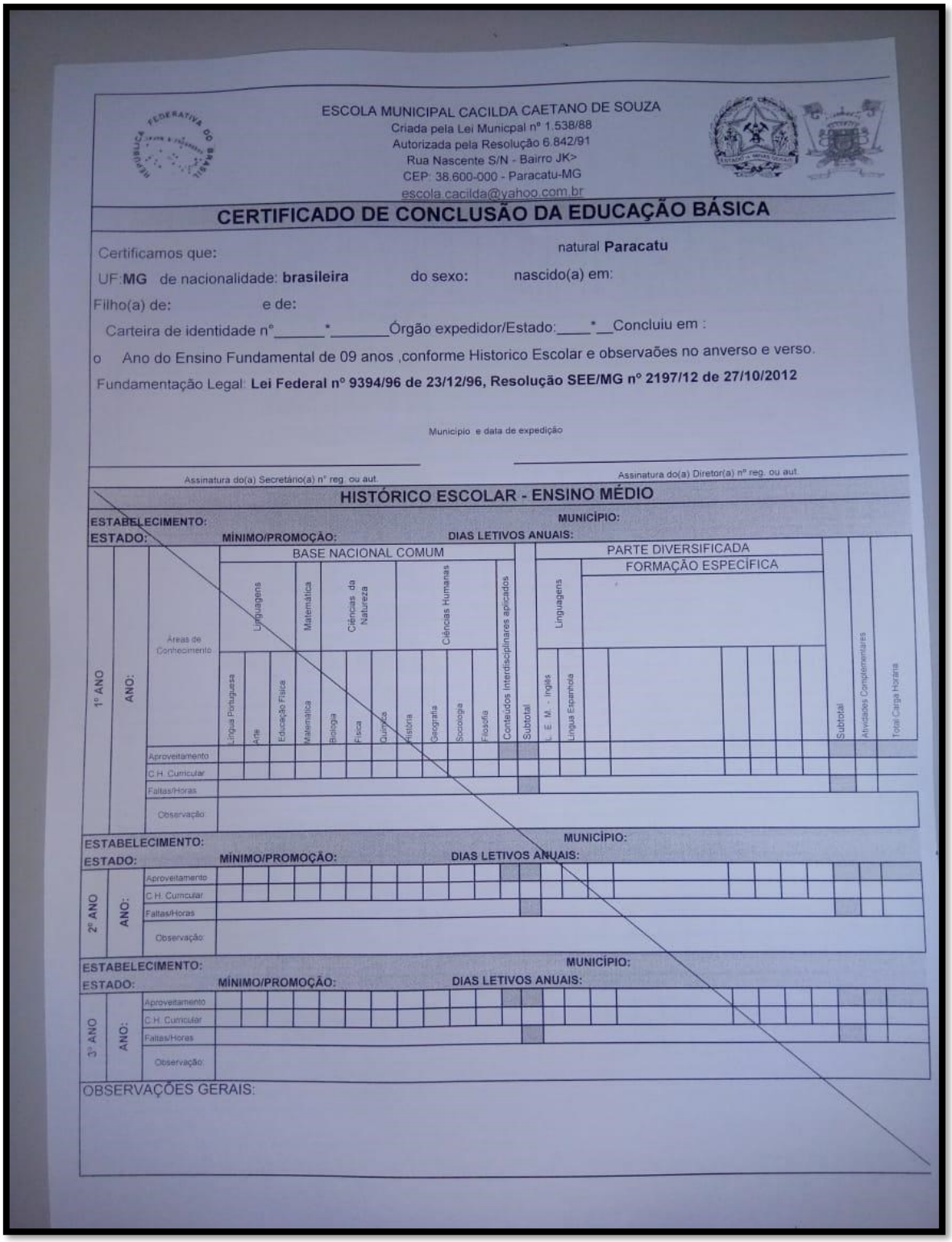
Nome da mãe do responsável pelo Bolsa Família: _____

20	**Diretor (a)**	**Secretário (a)**

21	ASSINATURA DO RESPONSÁVEL PELO ALUNO:	DATA:_____/_____/_____
	ASSINATURA DO RESPONSÁVEL PELO SERVIÇO:	DATA:_____/_____/_____
	ASSINATURA DO DIRETOR:	DATA:_____/_____/_____
	ASSINATURA DO SECRETÁRIO:	DATA:_____/_____/____

Referência: Documentação Escolar.

Anexo 2: Histórico Escolar (frente)



ESCOLA MUNICIPAL CACILDA CAETANO DE SOUZA
Criada pela Lei Municpal nº 1.538/88
Autorizada pela Resolução 6.842/91
Rua Nascente S/N - Bairro JK>
CEP: 38.600-000 - Paracatu-MG
escola.cacilda@yahoo.com.br

CERTIFICADO DE CONCLUSÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Certificamos que: natural **Paracatu**

UF:**MG** de nacionalidade: **brasileira** do sexo: nascido(a) em:

Filho(a) de: e de:

Carteira de identidade nº_____*_____Órgão expedidor/Estado:____*__Concluiu em :

o Ano do Ensino Fundamental de 09 anos ,conforme Historico Escolar e observaões no anverso e verso.

Fundamentação Legal: **Lei Federal nº 9394/96 de 23/12/96, Resolução SEE/MG nº 2197/12 de 27/10/2012**

Municipio e data de expedição

Assinatura do(a) Secretário(a) nº reg. ou aut. Assinatura do(a) Diretor(a) nº reg. ou aut.

HISTÓRICO ESCOLAR - ENSINO MÉDIO

ESTABELECIMENTO: MUNICÍPIO:
ESTADO: MÍNIMO/PROMOÇÃO: DIAS LETIVOS ANUAIS:

1º ANO — ANO:

Áreas de Conhecimento	BASE NACIONAL COMUM													PARTE DIVERSIFICADA / FORMAÇÃO ESPECÍFICA									
	Linguagens			Matemática	Ciências da Natureza			Ciências Humanas				Conteúdos interdisciplinares aplicados	Subtotal	Linguagens								Subtotal	Atividades Complementares	Total Carga Horária
	Língua Portuguesa	Arte	Educação Física	Matemática	Biologia	Física	Química	História	Geografia	Sociologia	Filosofia			L. E. M. - Inglês	Língua Espanhola									
Aproveitamento																								
C.H. Curricular																								
Faltas/Horas																								
Observação:																								

ESTABELECIMENTO: MUNICÍPIO:
ESTADO: MÍNIMO/PROMOÇÃO: DIAS LETIVOS ANUAIS:

2º ANO — ANO:

Aproveitamento																								
C.H. Curricular																								
Faltas/Horas																								
Observação:																								

ESTABELECIMENTO: MUNICÍPIO:
ESTADO: MÍNIMO/PROMOÇÃO: DIAS LETIVOS ANUAIS:

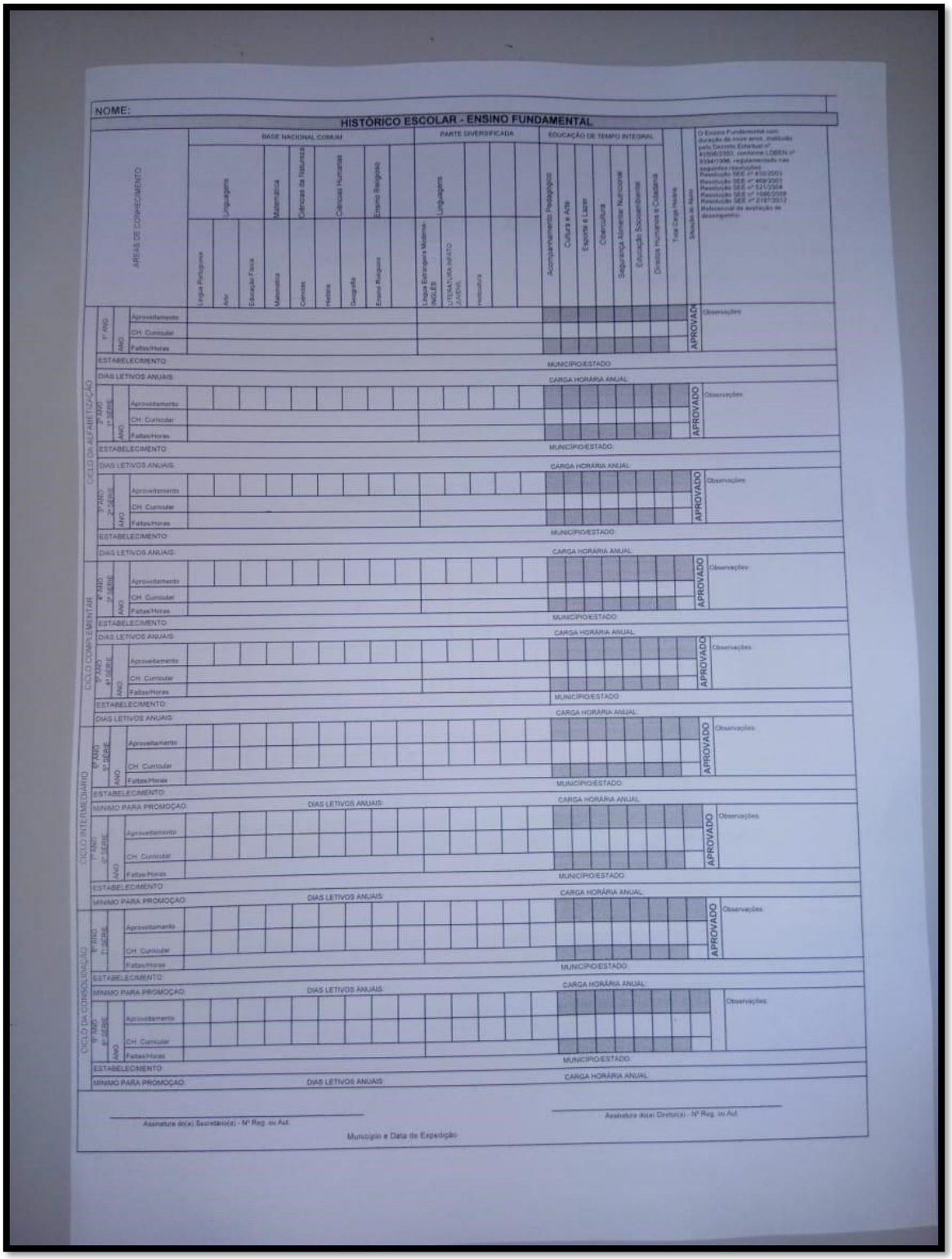
3º ANO — ANO:

Aproveitamento																								
C.H. Curricular																								
Faltas/Horas																								
Observação:																								

OBSERVAÇÕES GERAIS:

Referência: Documentação Escolar.

Anexo 2.1: Histórico Escolar (verso)



NOME:

HISTÓRICO ESCOLAR - ENSINO FUNDAMENTAL

BASE NACIONAL COMUM | PARTE DIVERSIFICADA | EDUCAÇÃO DE TEMPO INTEGRAL

ÁREAS DE CONHECIMENTO: Linguagens (Língua Portuguesa, Arte, Educação Física); Matemática (Matemática); Ciências da Natureza (Ciências); Ciências Humanas (História, Geografia); Ensino Religioso; Linguagens (Língua Estrangeira Moderna INGLÊS, LITERATURA INFANTO JUVENIL); Informática; Acompanhamento Pedagógico; Cultura e Arte; Esporte e Lazer; Oficinas Curtas; Segurança Alimentar Nutricional; Educação Sociocultural; Direitos Humanos e Cidadania; Total Carga Horária; Situação do Aluno

O Ensino Fundamental com duração de nove anos, instituído pelo Sistema Estadual nº 4150/2003, conforme LDBEN nº 9394/1996, regulamentado nas seguintes resoluções:
Resolução SEE nº 410/2003
Resolução SEE nº 468/2003
Resolução SEE nº 521/2004
Resolução SEE nº 1566/2008
Resolução SEE nº 2197/2012
Referencial de avaliação de desempenho:

CICLO DA ALFABETIZAÇÃO

1º ANO — Aprovetamento / CH Curricular / Faltas/Horas — APROVADO — Observações:
ESTABELECIMENTO: MUNICÍPIO/ESTADO:
DIAS LETIVOS ANUAIS: CARGA HORÁRIA ANUAL:

2º ANO / 1ª SÉRIE — Aprovetamento / CH Curricular / Faltas/Horas — APROVADO — Observações:
ESTABELECIMENTO: MUNICÍPIO/ESTADO:
DIAS LETIVOS ANUAIS: CARGA HORÁRIA ANUAL:

3º ANO / 2ª SÉRIE — Aprovetamento / CH Curricular / Faltas/Horas — APROVADO — Observações:
ESTABELECIMENTO: MUNICÍPIO/ESTADO:
DIAS LETIVOS ANUAIS: CARGA HORÁRIA ANUAL:

CICLO COMPLEMENTAR

4º ANO / 3ª SÉRIE — Aprovetamento / CH Curricular / Faltas/Horas — APROVADO — Observações:
ESTABELECIMENTO: MUNICÍPIO/ESTADO:
DIAS LETIVOS ANUAIS: CARGA HORÁRIA ANUAL:

5º ANO / 4ª SÉRIE — Aprovetamento / CH Curricular / Faltas/Horas — APROVADO — Observações:
ESTABELECIMENTO: MUNICÍPIO/ESTADO:
DIAS LETIVOS ANUAIS: CARGA HORÁRIA ANUAL:

CICLO INTERMEDIÁRIO

6º ANO / 5ª SÉRIE — Aprovetamento / CH Curricular / Faltas/Horas — APROVADO — Observações:
ESTABELECIMENTO: MUNICÍPIO/ESTADO:
MÍNIMO PARA PROMOÇÃO: DIAS LETIVOS ANUAIS: CARGA HORÁRIA ANUAL:

7º ANO / 6ª SÉRIE — Aprovetamento / CH Curricular / Faltas/Horas — APROVADO — Observações:
ESTABELECIMENTO: MUNICÍPIO/ESTADO:
MÍNIMO PARA PROMOÇÃO: DIAS LETIVOS ANUAIS: CARGA HORÁRIA ANUAL:

CICLO DA CONSOLIDAÇÃO

8º ANO / 7ª SÉRIE — Aprovetamento / CH Curricular / Faltas/Horas — APROVADO — Observações:
ESTABELECIMENTO: MUNICÍPIO/ESTADO:
MÍNIMO PARA PROMOÇÃO: DIAS LETIVOS ANUAIS: CARGA HORÁRIA ANUAL:

9º ANO / 8ª SÉRIE — Aprovetamento / CH Curricular / Faltas/Horas — Observações:
ESTABELECIMENTO: MUNICÍPIO/ESTADO:
MÍNIMO PARA PROMOÇÃO: DIAS LETIVOS ANUAIS: CARGA HORÁRIA ANUAL:

Assinatura do(a) Secretário(a) - Nº Reg. ou Aut.
Assinatura do(a) Diretor(a) - Nº Reg. ou Aut.
Município e Data de Expedição

Referência: Documentação Escolar.

Anexo 3: Acolhimento das/dos alunas/alunos para a aula-oficina – Construção do conceito de história.
29/08/2022

A fábula da estrela verde

Havia milhares de estrelas no céu.
Estrelas de todas as cores: Brancas, Prateadas, Verdes, Douradas, Vermelhas e Azuis.
Um dia, elas procuraram Deus e lhe disseram:
Senhor, gostaríamos de viver na Terra, entre as pessoas.
– Assim será feito, respondeu Deus. Conservarei todas vocês pequeninas como são vistas e podem descer para a Terra.
Conta-se que naquela noite houve uma linda chuva de estrelas. Algumas se aninharam nas torres das igrejas, outras foram brincar de correr com os vagalumes nos campos, outras misturaram-se aos brinquedos das crianças e a Terra ficou maravilhosamente iluminada.
Porém, passando o tempo, as estrelas resolveram abandonar os seres humanos e voltaram ao céu, deixando a Terra escura e triste.
– Porquê voltaram? Perguntou Deus, à medida que elas chegavam ao céu.
Senhor, não nos foi possível permanecer na Terra! Lá existe muita miséria e violência, muita maldade, muita injustiça…
– e Deus lhes disse: Claro! O lugar de vocês é aqui no céu! A Terra é o lugar de passagem, daquilo que passa, daquele que cai, daquele que erra, daquele que morre, onde nada é perfeito! O céu é o lugar da perfeição, do imutável, do eterno, onde nada perece e sobretudo onde reside a Gloria do Altíssimo!
– Mesmo assim, eu amo as pessoas.
Depois que chegaram todas as estrelas e conferindo o seu número, Deus falou de novo: Mas está faltando uma estrela! Perdeu-se no caminho?
Um anjo que estava perto retrucou:
Não Senhor, uma estrela resolveu ficar entre os homens! Ela descobriu que seu lugar é exatamente onde existe a imperfeição, onde as coisas não vão bem, onde há luta e dor!
– Mas que estrela é essa? Voltou a perguntar Deus…
É a esperança Senhor! A "estrela verde" ! A única dessa cor!
E quando olharam para a Terra, a estrela verde não estava só…
É que o único sentimento que os seres humanos têm e Deus não tem é a "Esperança".
A "Esperança" é um sentimento próprio dos seres humanos. Deus já conhece o futuro, e a "Esperança" é própria da pessoa humana, própria daquela que erra, daquela que não é perfeita, daquela que não sabe como será o futuro…
O planeta estava novamente iluminado e havia uma estrela verde de esperança no coração de cada ser humano.
Ainda existe esperança para o Ser Humano! No meio da escuridão de nosso mundo, um novo começo sempre é possível.
(Autor/a desconhecido/a do Brasil).
Referência: Formação Pedagógica (2019).

Anexo 4: Slides utilizados pela equipe do Arquivo Público de Paracatu

Referência: Acervo do Arquivo Público de Paracatu.

Anexo 5: Bonecas Abayomis

Para acalentar seus filhos durante as terríveis viagens a bordo dos tumbeiros – navio de pequeno porte que realizava o transporte de escravos entre África e Brasil – as mães africanas rasgavam retalhos de suas saias e a partir deles criavam pequenas bonecas, feitas de tranças ou nós, que serviam como amuleto de proteção. As bonecas, símbolo de resistência, ficaram conhecidas como Abayomi, termo que significa 'Encontro precioso', em Iorubá, uma das maiores etnias do continente africano cuja população habita parte da Nigéria, Benin, Togo e Costa do Marfim.

A Abayomi é um acalento diante da diversidade serve para nos lembrar que sempre podemos fazer algo para diminuir a dor do outro.

Estamos prontos somos homens e mulheres empoderados para lutar contra o racismo. Produzir, ler a história e levar para casa uma delas foi muito um momento cheio de simbologia, no processo de reconhecimento da rica e diversa cultura africana.

ATIVIDADE

1.Você gostou da oficina? ( ) sim ( ) não Agora Justifique a sua resposta.

_____

_____

_____

2. Qual foi o seu principal aprendizado?

_____

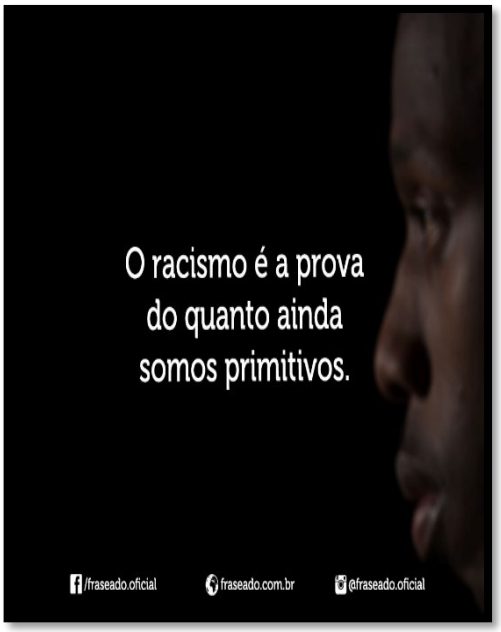
_____

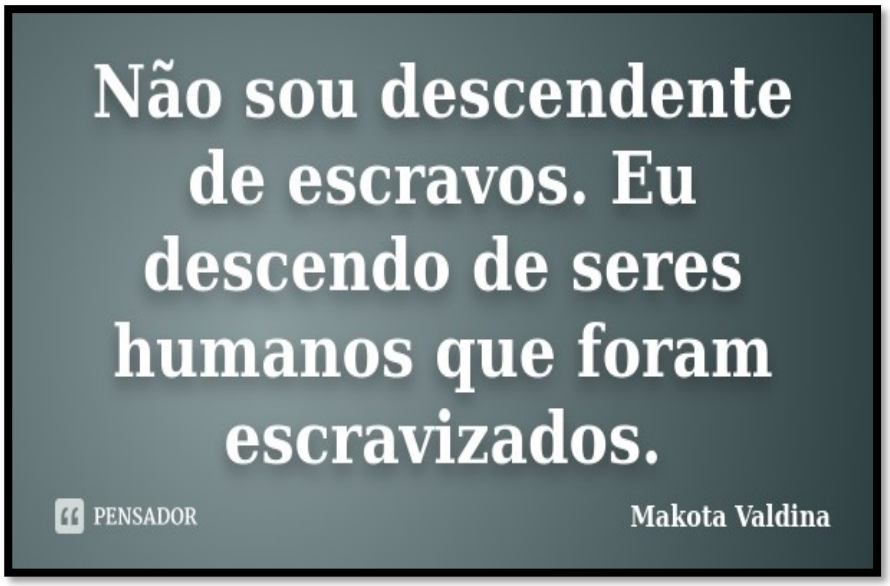
Referência: Formação em Educação Quilombola pela UFCAT (2018).

Anexo 6: Onde você guarda o seu preconceito? Você já...

( ) Atravessou para o outro lado da rua quando viu um rapaz negro vindo em sua direção?
( ) Abordou uma pessoa negra em alguma loja jurando que era um funcionário, mas não era?
( ) Chamou a cor bege de "cor de pele"?
( ) Presumiu automaticamente que uma mulher negra com uma criança mais clara só poderia ser a babá?
( ) Já deixou de ter amizade com alguém porque a pessoa era negra?
( ) Associou a habilidade de limpar a casa a uma pessoa ser negra?
( ) Disse que alguém tinha cara de pobre porque era negro(a)?
( ) Perguntou a uma pessoa negra que tem cabelo crespo se ela lava o cabelo?
( )Pegou no cabelo de uma pessoa negra sem a sua permissão?
( )Pediu para tirar foto com uma pessoa negra desconhecida apenas porque a achou exótica?
( )Ficou surpreso ao perceber que uma mulher negra é fofa e delicada?
( )Jurou que uma pessoa negra era a faxineira do lugar quando na verdade ela trabalhava com outra coisa totalmente diferente?
( )Pediu para uma mulher negra te ensinar a sambar mesmo sem ela nunca ter dito que gosta de samba?
( )Numa discussão, soltou a expressão “não sou tuas negas” como resposta para alguém?
( ) Referiu-se à segunda-feira como “dia de branco”?
( ) Considerou sortuda uma pessoa negra que namora outra branca?
( ) Duvidou da autoria do trabalho que uma pessoa negra fez por ser muito bem feito?
( ) Cobrou outras pessoas negras pelo erro de apenas um negro?
( ) Discutiu com uma pessoa negra e utilizou a cor dela para ofender?
( ) Foi acusado de racismo e se defendeu dizendo que não era porque "tem amigos negros"?
( ) Elogiou a beleza de uma pessoa negra dizendo que ela é um(a) “negro(a) de traços finos”?
( ) Achou alguém muito bonito(a) “para um(a) negro(a)”?
( )Ou então muito inteligente “para um(a) negro(a)”?
( ) Elogiou alguém usando a expressão “esse(a) é um(a) negro(a) bonito(a)”?
( ) Tirou sarro de uma pessoa negra por ela gostar de um estilo musical que não seja samba, funk ou rap?
( ) Elogiou a cor de uma pessoa negra por ela "não ser tão escura"?
( ) Presumiu que um negro jogava bem futebol?
( ) Ou então que era um péssimo nadador?
( ) Disse que tal coisa era "coisa de preto"?
( ) Sugeriu a alguém negro(a) “passar um creme” no cabelo para diminuir o volume?
( ) Chamou uma pessoa negra de morena?
( ) E sugeriu que ela não era negra por "não ser tãããão escura assim"?
( ) Disse que alguém era "um negro de alma branca"?
( ) Em uma briga entre uma pessoa branca e uma negra, você tende a achar que a culpa é da pessoa negra?
( ) Em um assalto do lado de sua casa, você vê um negro correndo você logo pensaria que foi ele?
( ) Você já usou ou usa a expressão “negro se não estragar na entrada na saída é certo”?
( )Você acha que os cargos de lideranças só podem ser ocupados por pessoas brancas?
( ) Você já pensou ou falou “que sorte de uma pessoa negra casar com outra branca”?

Anexo 7: Imagens utilizadas para leitura na roda de conversa





Anexo 8: Receita do pão de queijo de Paracatu

INGREDIENTES (MEIA RECEITA):

500 gramas de polvilho doce ou fécula de mandioca
600 gramas de queijo ralado (curado).
1 colher cheia de manteiga de leite ou margarina (Qualy ou Delícia).
1 ovo (de preferência caipira).
Leite em temperatura ambiente, até dá o ponto.
1 pitada de sal.

MODO DE FAZER:

Coloque o queijo em um recipiente grande. Vá acrescentando e misturando com as pontas dos dedos o polvilho, o ovo, a manteiga e o sal.

ATENÇÃO:NÃO PODE SOVAR!

Por último, aos poucos, coloque o leite até chegar ao ponto de enrolar. Unte uma forma com óleo, faça bolinhas com a massa, e coloque para assar por aproximadamente 30 minutos em um forno preaquecido a 250°C.

BOM APETITE!